

S.^{TO} AFONSO MARIA DE LIGÓRIO

**Fundador da Congregação do Santíssimo Redentor
e Doutor da Igreja**

A VOCAÇÃO RELIGIOSA

**Tradução
da Edição crítica Italiana
pelo
DR. JOSÉ LUÍS AFONSO**

† Livros Católicos para Download



**1958
EDITORIAL PERPÉTUO SOCORRO
Rua da Firmeza, 161 — Telef. 26781
P O R T O**

**EXECUTADO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA SOCIEDADE DE PAPELARIA, LDA.
RUA DA BOAVISTA, 375 — PORTO**

IMPRIMI POTEST

Gratinianus F. de Labastida

C. SS. R.

Sup. Vice-Provincialis

NIHIL OBISTAT

Gregorius Martins Almendres. C. SS. R.

Censor d.

IMPRIMATUR

Portucale, 14-III-1958

† Antonius Ep. Portucalensis

I N T R O D U Ç Ã O

Afonso Maria de Ligório era um jovem moral e intellectualmente distinto. Oriundo de família cristã e da mais alta nobreza, nasceu em Nápoles em 1696; aos 16 anos conquistou as honras do doutorado em Direito Civil e Canónico.

Durante mais de 10 anos exerceu a advocacia nos tribunais de Nápoles, sendo a admiração de todos pela sua competência e integridade moral.

Providencialmente, Deus permitiu um engano na defesa duma das causas mais faladas do seu tempo; mas este engano profissional foi início duma vida, na qual a tèmpera e os quilates da sua alma haviam de ficar mais evidentes. Vencendo a opposição paterna, que viu caídos por terra os projectos e as esperanças familiares, Afonso respondeu corajosamente à voz de Deus que o chamava. Abraçou o estado sacerdotal em 1726; entrou na Congregação dos Pios Operários, trabalhou ardentemente na reforma moral e religiosa dos rapazes sem lar e de fé amortecida, que então abundavam na cidade de Nápoles.

Depois de vários anos de apostolado nessa obra meritória e sem brilho, tendo-se retirado para as montanhas de Scala para reparar a sua saúde, sentiu-se novamente chamado por Deus, desta vez para fundar uma Congregação religiosa, destinada a levar a palavra de Deus às almas mais abandonadas, principalmente nas aldeias e nos campos. Fundou em 1732 a Congregação do SS. Redentor.

Missionário durante mais de 40 anos, teve ainda tempo durante a sua trabalhosa vida para escrever 111 obras, algumas tão grandes, documentadas e autorizadas, como a Teologia Moral, que lhe valeu o título de Padroeiro dos Confessores e Moralistas «in perpetuum».

Em 1762 é sagrado Bispo de St.^a Águeda dos Godos.

*

* *

Entre as grandes obras de St.^o Afonso, pode-se contar o volumezinho que hoje, leitor amigo, pomos na tua mão: A Voca-

ção Religiosa. Não é uma obra saída da pena do Santo tal como hoje a apresentamos ao público, nem tudo o que vai reunido neste pequeno volume o escreveu St.º Afonso duma vez e numa só época.

Decididos a publicar este livrito, reunimos nele o principal que St.º Afonso escreveu sobre a vocação religiosa em diversas épocas da sua vida: Um tratado que tem por título: Avisos sobre a vocação religiosa. — Uma série de Considerações aos que são chamados à vida religiosa. — Outro pequeno tratado com avisos aos noviços. — Duas cartas escritas por ele a dois jovens que lhe pediram conselho sobre a eleição de vida, e outra a uma rapariga. — Duas práticas a diversas jovens no momento de vestirem o santo Hábito, e, finalmente, uma breve carta aos noviços da sua Congregação.

Embora alguns tratados ou capítulos deste livro fossem dirigidos a destinatários particulares, podem muito bem ser dirigidos a qualquer alma que quer estudar o assunto da sua vocação. E também àque-

las pessoas que, tendo já entrado em religião, sentem, talvez, tentações, desilusões ou fastio da vida do convento.

O Santo abre os olhos a uns e a outros: aos que querem deixar o mundo e recolher-se à solidão da vida do convento, e aos que sentem tentações na vida do convento e querem voltar para o mundo.

Talvez a alguém pareçam duras demais algumas palavras de Santo Afonso. É preciso ter em conta que Santo Afonso escreveu no século XVIII, e que também agora há quem pense que são duras demais certas frases do Santo Evangelho:

«Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim, não é digno de mim» (Mt. 10,37).

«E os inimigos do homem serão os seus familiares» (Mt. 10,36).



CAPÍTULO PRIMEIRO

AVISOS SOBRE

A VOCAÇÃO RELIGIOSA



I

Quanto importa seguir a vocação para a vida religiosa

É verdade indiscutível que a nossa eterna salvação depende principalmente da eleição do estado. O P.^o Granada chamava à eleição do estado a *roda mestra da vida*. Assim como nos relógios, descentrada a roda mestra, anda mal todo o relógio; assim também no negócio da salvação.

Na eleição do estado, se queremos assegurar a salvação eterna, é mister que sigamos a vocação divina, pois só assim nos concede Deus o auxílio necessário para alcançar a bem-aventurança.

E esta asserção é corroborada por S. Cipriano que afirma: *A virtude do Espírito Santo não é dada segundo o nosso arbítrio, mas segundo a sua vontade*. Por isso diz S. Paulo: *Cada um recebe de Deus o próprio dom* (I Cor. 7,7). E isto quer dizer, como explica Cornélio a Lápide, que Deus talha a cada um a sua vocação e lhe assinala o estado em que o quer salvar.

Esta doutrina conforma-se perfeitamente com a ordem da predestinação descrita pelo mesmo Apóstolo: E aos que destinou, a esses também chamou; aos que chamou, a esses também justificou (Rom. 8,30).

Forçoso é admitir que o problema da vocação no mundo é pouco compreendido por alguns; parece-lhes que é o mesmo viver no estado a que Deus os chama que viver no estado escolhido por inclinação própria.

É por esse motivo que tantos levam vida desordenada e se condenam. É, porém, matéria que não sofre discussão: a eleição do estado é o ponto cardenal para a conquista da vida eterna. À vocação sucede a justificação, à justificação a gloriificação, isto é a vida eterna. Quem altera esta ordem e desfaz esta cadeia, não se salvará. No meio de todas as fadigas e trabalhos a que se sujeitar, ouvirá sempre a voz de St.^o Agostinho a segredar-lhe: *Corres bem, mas fora do caminho; quer dizer, não vais pelo caminho por onde Deus queria que fosses para alcançares a salvação.*

O Senhor não aceita os sacrifícios que lhe são oferecidos segundo a vontade própria. *Mas a Caim e seu presente não viu*

com bons olhos (Gen. 4,5). Mais ainda: o Senhor comina severos castigos àqueles que voltam as costas aos seus chamamentos para seguirem os conselhos da própria inclinação.

Ai dos filhos rebeldes! declara o Senhor. *Querem realizar um desígnio mas não o meu* (Is. 30,1).

É que o chamamento a um estado de vida mais perfeito é graça especial e muito grande que Deus não faz a todas as almas; razão tem, pois, e de sabejo, para se indignar contra quem o despreza. Não se sentiria ofendido um príncipe que, convidando um vassalo a servi-lo de mais perto, a ser seu privado, recebesse dele uma recusa? E Deus não se ressentirá? Ressente, sim, e ameaça, como se lê em Isaías (Is. 45,9). *Ai daquele que litiga com o Creador* (Job, 9,4). A palavra *Vae* que traduzimos por *Ai* significa na Escritura perdição eterna. Começará já nesta vida o castigo do desobediente; viverá sempre inquieto, como diz Job: *Quem se lhe opôs que se saísse ileso?* (Job 9,4).

Ver-se-á, além disso, privado do auxílio abundante e eficaz para viver bem. Nisto se funda o teólogo Habert para escrever: *Só com muito maior dificuldade*

poderá cuidar da sua salvação...; ficará no corpo da Igreja, como membro no corpo humano, deslocado do seu lugar próprio; pode ter a sua utilidade, mas de modo imperfeito e com deformidade. Absolutamente falando, poder-se-á salvar, com muita dificuldade, porém, entrará no caminho da humildade e da penitência, o qual é o único que lhe franqueia a entrada na vida (De ord., c. I, § 2).

São do mesmo parecer S. Bernardo e S. Leão. S. Gregório, escrevendo ao imperador Maurício, que por édito proibira que os soldados entrassem em religião, lhe disse desassombadamente que praticava uma injustiça, pois a muitos fechava as portas do paraíso, os quais no estado religioso se salvariam e ficando no século se perderiam.

É célebre o caso narrado pelo P.^o Lançício. No colégio romano estava fazendo os exercícios espirituais um jovem de grande talento. Uma das perguntas que fez ao seu confessor foi se era pecado não corresponder à vocação religiosa. Respondeu-lhe o confessor que em si não era pecado grave, porque se tratava dum conselho e não dum preceito; mas que era pôr em grande perigo a salvação eterna,

como acontecera a tantos que, por não ouvirem o chamamento de Deus, se condenaram. Assim o fez este jovem. Foi continuar seus estudos em Macerata, onde, dentro em pouco, começou a deixar a oração e a comunhão, acabando por se entregar à vida desregrada. Não tardou muito que, ao sair da casa duma mulher sem vergonha, fosse ferido de morte por um rival. Acorreram alguns sacerdotes, mas ele expirou, mesmo diante do colégio, antes que eles chegassem. Com esta circunstância quis Deus dar a conhecer que o castigo lhe adviera precisamente por ele ter desprezado a sua vocação.

É notável também a visão que teve um noviço, ao qual como refere o P.^o Pinamonti no seu tratado sobre *A vocação triunfante* — quando meditava sair da religião, Jesus Cristo se lhe mostrou indignado no seu trono e mandou riscar o seu nome do livro da vida...

Ele, aterrado, resolveu permanecer na religião. E quantos outros exemplos semelhantes andam narrados nos livros? E quantos míseros jovens não veremos nós condenados no dia do juízo, por não terem obedecido à sua vocação?

A estes tais, como a rebeldes às luzes

divinas, segundo diz o Espírito Santo: *Eles formam parte dos rebeldes à luz, não conheceram os caminhos (Job 24,13)*, é justamente infligido o castigo de perderem a luz. Porque não quiseram caminhar pelo caminho que o Senhor lhes tinha marcado, e meteram pelo que lhes apontava a sua inclinação sem as luzes do Espírito Santo, perderam-se. *Eu vos comunicarei o meu Espírito*, isto é, a vocação, mas porque faltaram a ela, acrescenta Deus: *Mas visto que vos chamei, e vós não quisestes ouvir-me, visto que estendi a minha mão e ninguém presta atenção; e tendes desprezado todos os meus conselhos e não quisestes a minha admoestação; também eu rirei do vosso infortúnio e zombarei quando sobrevenha o espanto (Prov. 1,23-26)*. Isto quer dizer que Deus não ouvirá a voz de quem desprezou a sua. Afirma St.º Agostinho: *Os que desprezaram a vontade de Deus que os convidava, sentem a vontade de Deus que se vinga.*

Portanto, quando Deus chama ao estado mais perfeito, quem não quiser pôr em grande perigo a salvação eterna, tem que obedecer e sem demora. De outro modo, ouvirá de Jesus Cristo as reprovações e censuras que ouviu o jovem que, ao ser

convidado a segui-lo disse: *Seguir-te-ei, Senhor; mas primeiro permite-me ir-me despedir dos de minha casa.* E Jesus respondeu-lhe que não estava talhado para o paraíso: *Ninguém que pôs sua mão ao arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus* (Luc. 9,62).

As luzes de Deus são passageiras e não permanentes; donde veio a dizer S. Tomás de Aquino que o chamamento divino para vida mais perfeita deve ser correspondido o mais depressa possível. Debate ele na sua *Suma Teológica* a questão se se deve entrar em religião sem ouvir o parecer de muitos e sem longa deliberação. E responde, dizendo que o conselho e a deliberação são necessários nas coisas duvidosas, mas nesta não que é de certo boa, visto que a aconselhou o próprio Jesus no Evangelho; a vida religiosa é compêndio dos conselhos de Jesus Cristo.

Caso bem estranho! A gente do mundo quando se trata de alguém que deseja entrar em religião para levar vida mais perfeita e mais segura nos perigos de se perder, barafusta que tais resoluções necessitam muito tempo de deliberação antes de se porerem em prática, para se certificar

que a vocação vem realmente de Deus e não do demônio.

Mas já não falam assim, quando se trata de aceitar uma magistratura, um bispado, por exemplo, onde se correm tantos perigos de se perder. Então já não dizem que são precisas muitas precauções para se certificar se aquela é a verdadeira vocação de Deus.

Não é esta a linguagem dos santos. S. Tomás diz que, ainda que a vocação religiosa viesse do demônio, deve abraçar-se, como se abraça um bom conselho, mesmo que venha dum inimigo. E S. João Crisóstomo, citado pelo mesmo Santo Doutor, afirma que Jesus Cristo quando chama, *quer tal obediência de nós, que não demoremos um só instante em segui-lo.* (Hom. 14 in Math.).

E porquê? Porque Deus, quanto mais se compraz em ver a prontidão com que é obedecido, tanto mais abre as mãos e enche de bênçãos a quem assim procede. Pelo contrário, quanto maior for a demora em acudir ao Seu chamamento, menor será a sua generosidade e mais se afastará com as suas luzes.

De modo que o chamado dificilmente

seguirá a sua vocação e facilmente a abandonará.

Tudo isto levou S. João Crisóstomo a dizer que o demónio, quando não consegue dissuadir alguém da resolução de se consagrar a Deus, procura ao menos fazer com que ele difira a execução e tem por grande ganho, quando obtém a dilação de um dia, de uma hora, *se alcança ao menos um breve adiamento.* (Hom., 56, ad pop. Ant.).

É que depois de um dia, depois de uma hora, mudando as ocasiões, confia que lhe será menos difícil lograr mais tempo, confia que a alma enfraquecida e menos ajudada da graça ceda de todo e abandone a vocação.

Com estes adiamentos, a quantas almas chamadas por Deus não logrou o inimigo *fazer perder a sua vocação!*

Por este motivo aconselha S. Jerónimo a quem é chamado a abandonar o mundo, nestes termos; *Apressai-vos, suplico-vos, e, em lugar de desatar as amarras que prendem ao fundo da barca, cortai-as.* (Ad Paul.).

Quer o Santo dizer que, assim como quem se encontrasse preso num barco que estivesse prestes a submergir-se trataria

de cortar as amarras e não de as desatar; assim também, quem está no meio do mundo, deve procurar cortar o mais depressa possível os laços que a ele o prendem e unem, para fugir quanto antes do perigo de perder-se, que lá é tão fácil.

Vejam os que escreve S. Francisco de Sales nas suas obras acerca das vocações religiosas, porque tudo ajudará a corroborar o que levamos já dito e o que adiante acrescentaremos.

Para ter sinal seguro de verdadeira vocação, não é mister constância e firmeza que seja sensível, basta que essa constância e firmeza existam na parte superior do espírito; donde não se há-de julgar como não verdadeira a vocação se, quem foi chamado, antes de se desligar do mundo, deixou de experimentar aquelles affectos e consolações que experimentava ao princípio, chegando até a ver-se invadido de tal repugnância e arrefecimento, que o fazem às vezes vacilar e crer que tudo está perdido. Basta que a vontade fique firme em não abandonar o chamado divino. Não é preciso mais do que a permanência certa da afeição à vocação religiosa.

Para saber se Deus quer que uma alma

abrace a vida religiosa, não é preciso esperar que Ele próprio lhe fale ou mande do céu um anjo a anunciar-lhe a sua vontade. Nem, muito menos, é necessário que se submeta a um exame de dez doutores, para decidir se a vocação é para ser seguida ou não; o que importa é corresponder e cultivar o primeiro movimento de inspiração divina e não desanimar e aborrecer-se, se sobrevierem desgostos e arrefecimento; procedendo assim, Deus se encarregará de que redunde tudo para Sua maior glória.

Não há porque preocupar-se com donde parte a inspiração: O Senhor tem muitos meios de chamar os Seus servos. Uma vez, serve-se dum sermão, outras da leitura de bons livros. A alguns chama-os, quando ouvem a palavra do Evangelho, como fez a St.^o Agostinho e a S. Francisco.

Para com outros, serve-se das aflições e trabalhos que lhes traz o mundo, dando-lhes assim motivo para o deixarem. Ainda que venham para a vida religiosa desavindos com o mundo, nem por isso deixam de se entregar a Deus com franca devoção e vontade, e muitas vezes succede que atingem mais alto grau de santidade

que aquelles que vieram por vocação mais manifestada.

Conta o P.^e Pratti que um gentil-homme montava um dia um belo e fogoso cavallo e procurava dar provas de bom cavaleiro para agradar à dama a quem cortejava. Ora succedeu que numa destas proezas de cavalaria foi cuspido do cavallo abaixo, caiu no lodo e levantou-se todo sujo e enlameado. Foi tal a sua confusão e vergonha, que naquele mesmo instante resolveu entrar na vida religiosa. «Ó mundo traidor, — disse ele de si para consigo, — tu fizeste pouco de mim, também eu vou fazer pouco de ti; fizeste-me uma partida, far-te-ei outra; não voltarei a fazer as pazes contigo. Vou-te abandonar imediatamente e fazer-me religioso». De facto entrou em religião e nela vive santamente.

II

Meios para conservar a vocação

De modo que quem deseja obedecer à vocação divina, é preciso não só que se resolva a segui-la, mas também a segui-la

sem demora e quanto antes para se não expor a perdê-la.

Supondo, porém, que circunstâncias especiais o obriguem a esperar, deve conservá-la com toda a diligência como a jóia mais preciosa que tivesse.

São três os meios para conservar a vocação: *segredo, oração e recolhimento.*

1.º — *Do Segredo*

Antes de mais nada e de modo geral, é necessário guardar segredo para com todos a respeito da vocação, menos com o Padre espiritual, visto que, ordinariamente, as pessoas do século não têm escrúpulo nem se coíbem de dizer aos pobres jovens, chamados ao estado religioso, que em toda a parte, até no mundo, se pode servir a Deus. O que é mais para estranhar é que semelhantes asserções saiam às vezes da boca de sacerdotes, e até de religiosos que, ou entraram em religião sem vocação, ou não sabem o significado desta palavra. É bem verdade que em todo o lugar pode servir a Deus quem não é chamado para a vida religiosa; mas quem o é e quer ficar no mundo por seu capricho, difficilmente, como foi demons-

trado acima, levará vida regrada e servirá a Deus.

De modo especial, é mister ocultar a vocação aos parentes. Já Lutero era de opinião, como refere Belarmino, (Contr. 2 Tom. de monarch; cap. 36, num. 1), que os filhos pecavam entrando em religião sem consentimento de seus progenitores. Dava como fundamento que os filhos são obrigados a obedecer-lhes em tudo. Tal opinião tem sido communmente refutada pelos concílios e pelos Santos Padres.

O décimo concílio de Toledo no último capítulo diz expressamente que é permitido aos filhos entrarem em religião, desde que tenham ultrapassado os anos da puberdade. Eis o texto vertido em português: *Aos pais será permitido negar aos seus filhos a licença para entrarem em religião até aos 14 anos de idade. Passados os 14 anos, poderão os filhos abraçar licitamente o estado religioso, quer por vontade de seus pais, quer por eleição espontânea.*

O mesmo se prescreve no concílio Tibutirno (can. 24). Esta é a doutrina de St.º Ambrósio, S. Jerónimo, St.º Agostinho, S. Bernardo. É assim que diz St.º Tomás e outros, servindo-se das palavras

de S. Crisóstomo: *Quando os pais impedem o bem espiritual nem sequer se devem consultar.* (Hom. 84 in Joan.).

Não deixa de haver quem opine que, no caso de um filho chamado por Deus para o estado religioso poder fácil e seguramente obter o consentimento dos seus progenitores, sem correr o perigo de que eles lhe impeçam a vocação, seria de aconselhar pedir-lhes a bênção. Esta doutrina, especulativamente sustentável, na prática acarreta ordinariamente perigos. É ponto que precisa de ser muito bem aclarado para tirar a alguns certos escrúpulos farisaicos. É doutrina assente que na eleição de estado os filhos não são obrigados a obedecer aos pais.

Assim o ensinam communmente os doutores como Santo Tomás nos termos seguintes: *Quando se trata de contrair matrimónio ou de guardar castidade ou de matéria semelhante, nem os criados são obrigados a obedecer aos amos, nem os filhos a seus pais.*

No que toca ao estado conjugal o P.^o Pinamonti, no seu tratado sobre *A vocação religiosa*, é do parecer de Sánchez, de Koning e de outros teólogos,

os quais defendem que o filho é obrigado a pedir conselho a seus pais, pois que nesta matéria eles, sendo mais idosos, têm maior experiência do que os jovens, e, em assuntos desta natureza, não se esquecem de que são pais.

Mas na questão da vocação religiosa, ajunta avisadamente o mencionado P.^e Piamonti, que o filho não é de modo nenhum obrigado a tomar o conselho dos seus pais, porque, neste assunto, eles não têm nenhuma experiência e, por mal entendido interesse, se convertem comumente em inimigos. Como adverte ainda Santo Tomás ao falar expressamente da vocação: *Muitas vezes os amigos segundo a carne opõem-se ao nosso proveito espiritual.* (2. 2 qu. 189 art. 10). Mais querem os pais que os filhos se condenem junto deles do que se salvem, tendo que os deixar seguir o chamamento de Deus. Este procedimento arrancou a S. Bernardo a severa exclamação: *Ó pai cruel e mãe desnaturada, cuja consolação é a morte do filho, que preferem que morra com eles a que reine sem eles.* (Epist. III).

Deus, diz um grave autor, quando chama uma alma para vida perfeita, quer

que ela se esqueça de seu pai, e assim lho faz sentir: *Ouve, filha, olha; aplica o teu ouvido; esquece o teu povo e a casa paterna.* (Ps. 44,II). Com esta exortação, ajunta o citado autor, nos adverte, portanto, o Senhor que no seguir da vocação religiosa não tem que intervir o conselho dos pais. Aqui deixo as suas palavras textuais: *Se Deus quer que uma alma que Ele chama para si esqueça os pais e a casa paterna, dá a entender com isso que essa alma, chamada por Ele para a religião não deve fazer entrar o conselho dos seus amigos carnis e parentes na execução de tal vocação.* (In S. Th. 9,189).

S. Cirilo, ao explicar a advertência de Jesus Cristo ao jovem do Evangelho: *Ninguém que meteu mãos ao arado e olha para trás está talhado para o reino do Céu* (Luc. 9,62), afirma que quem está à espera de tempo para ouvir o parecer de seus parentes acerca da sua vocação, esse é precisamente aquele que o Senhor declara inapto para o Céu: *Olha para trás quem procura dilação para ter oportunidade de consultar os parentes.* Nisto se funda Santo Tomás quando adverte aos chamados para a vida religiosa que se precavenham de se aconse-

lharem com os seus parentes sobre a vocação. *Da consulta sobre este assunto, em primeiro lugar, se devem afastar os parentes.*

Aconselha-se que se discutam os nossos interesses com os amigos. Ora os parentes, neste caso, não são amigos, mas antes inimigos segundo a asserção do Senhor: Os inimigos do homem são os parentes.

Se para seguir a vocação seria grande perigo pedir conselho aos pais, esse perigo subiria de ponto se se esperasse obter a sua licença quando se tentasse alcançá-la, porque tal diligência não poderá fazer-se sem correr o risco de perder a vocação, no caso de se prever que eles se ompehem em impedi-la.

E a verdade é que os Santos quando foram chamados a deixar o mundo, partiram de suas casas sem o comunicarem a seus pais. Assim o fizeram Santo Tomás de Aquino, S. Francisco Xavier, S. Felipi de Neri, S. Luís Beltrão. E sabemos que o Senhor aprovou estas fugas gloriosas.

S. Pedro de Alcântara, fugiu a sua mãe, debaixo de cuja obediência ficara depois da morte de seu pai, para entrar

num mosteiro. Tendo de atravessar um grande rio, encomendou-se a Deus e de repente viu-se transportado para a outra margem.

De igual modo St.^o Estanislau Kostka, tendo fugido da casa paterna, o irmão partiu de carro em sua perseguição. Quando estava próximo a alcançá-lo, os cavalos estacaram e, por mais que os chicotassem, não conseguiram que eles dessem um passo em frente. Voltados que foram em direcção à cidade, partiram à desfilada.

A Beata Oríngia de Valdarno na Toscana, prometida por seu pai como esposa a um jovem, fugiu também da casa de seus pais. No seu caminho teve de atravessar o rio Arno. Chegada que foi diante dele, fez uma breve oração; viu separarem-se as águas diante dela, formarem-se como dois muros de cristal, entre os quais pôde passar a pé enxuto.

Por conseguinte, irmão caríssimo, se Deus vos convida a deixar o mundo, tende muito cuidado de não dar a conhecer a vossa resolução a vossos pais. Contentai-vos com ser abençoados por Deus e procurai pô-la em execução o mais brevemente que puderdes, sem que eles o sai-

bam, se não quereis expor-vos ao perigo de perder a vossa vocação.

Como já salientamos, ordinariamente, os parentes, e até mesmo os pais, contrariam a execução do chamamento para a vida religiosa. Chega a suceder que pais, aliás tementes a Deus e piedosos, se deixam cegar pelo interesse e a paixão a ponto de não terem escrúpulo de impedir, sob vários pretextos e por todos os meios, a vocação dos filhos.

Lê-se na vida do P.^e Paulo Ségneri Júnior que sua mãe, senhora de muita oração, não deixou pedra por mover para obstar à vocação religiosa de seu filho.

O mesmo facto se refere na vida de Monsenhor Cavalieri, bispo de Tróia, cujo pai, ainda que senhor de muita piedade, tentou por todos os modos impedir que seu filho entrasse (como de facto entrou) na Congregação dos Pios Operários, indo ao ponto de instaurar um processo no Tribunal Eclesiástico.

E quantos outros pais e mães, apesar de serem pessoas devotas e de oração, ao tratar-se da vocação de seus filhos, se transformam como se estivessem posses-
sas do demónio!

É que o inferno para nenhuma outra

obra se arma de ponto em branco, como para impedir a entrada na vida religiosa àqueles que para ela são chamados.

Por isso, repito, tende muito cuidado em não comunicar a vossa vocação aos amigos, os quais não terão escrúpulo, senão de vos desaconselhar, ao menos de publicar o segredo, de modo que os vossos fàcilmente chegarão ao conhecimento dos vossos intentos.

2.º — *Da Oração*



Em segundo lugar, é preciso não esquecer que a vocação religiosa apenas por meio da oração se pode conservar.

Quem largar a oração, largará também certamente a vocação. É negócio que requer oração. Por isso, quem se sente chamado por Deus para a vida mais perfeita, nunca deixe de fazer uma hora de oração pela manhã, ou ao menos meia

hora em casa, ou na igreja se em casa não puder ter o recolhimento preciso; e outra meia hora antes de se recolher. Não omita de modo nenhum a visita diária ao SS. Sacramento e a Maria Santíssima para obter a perseverança na vocação. Comungue três ou, ao menos, duas vezes por semana.

O ponto da meditação seja quase sempre a vocação, considerando como foi grande a graça que Deus lhe fez chamando-o, quanto assegura mais a salvação eterna, se lhe obedecer com fidelidade; em que perigo se põe, pelo contrário, se lhe não obedece. Ponha muito especialmente diante dos olhos a hora da morte, e considere a alegria e satisfação que então sentirá de ter ouvido a voz de Deus e a pena e remorsos que o hão-de torturar, se acabar seus dias no século. Com este propósito ajuntaremos no fim algumas considerações sobre as quais se poderá fazer a oração mental.

Necessário é, portanto, que todas as orações feitas a Jesus e a Maria, muito principalmente depois da Comunhão e durante a visita ao Santíssimo, tenham por fim alcançar a santa perseverança. Quer na oração, quer na Comunhão re-

novai sempre a doação de vós mesmos a Deus, com esta fórmula: *Eis-me aqui, Senhor, já não sou meu, sou vosso. Já me entreguei a Vós, a Vós de novo me torno a entregar. Aceitai-me e dai-me força para Vos ser fiel e para me retirar quanto antes para a vossa santa casa.*

3.º — Do Recolhimento

Em terceiro lugar é necessário o recolhimento e este não se pode ter sem nos retirarmos do trato e divertimentos mundanos. Que é que nos pode, enquanto estamos no século, fazer perder a vocação? Um nada. Bastará um dia de diversões; o embuste de um amigo, uma paixão mal dominada, uma afeição desordenada, um temor vão, uma tristeza não vencida. Tudo isto bastará, repito, para fazer perder a resolução tomada de retirar-se do mundo e dar-se todo a Deus. Por isso, impõe-se a necessidade de um recolhimento total, de um desprendimento de tudo quanto seja o mundo.

Neste tempo outra não deve ser a vossa ocupação que a oração, a frequência dos Sacramentos, a casa e a igreja. Quem assim não proceder e se entregar a pas-

satempos e diversões, tem que se convencer de que perderá a vocação. Ficarão com remorsos de a não ter seguido, mas de certo a não seguirá. Quantos por desprezarem este conselho — de se entregar ao recolhimento — perderam a vocação e com ela a alma!

III

Das disposições para entrar em religião

Quem se sente chamado por Deus para qualquer ordem religiosa, tem de compreender que o fim de todas as religiões é seguir o mais de perto possível as pegadas e exemplos da vida sacrossanta de Jesus, o qual levou vida de recolhimento e mortificação, cheia de sofrimento e desprezos. Por conseguinte, quem se resolver a entrar em religião, faça-o convencido de que vai a sofrer, a negar-se a si mesmo em tudo, como o declarou o próprio Jesus Cristo aos que pretendiam entregar-se totalmente e segui-Lo: *Se alguém quer vir após de mim, negue-se a si mesmo; e tome a sua cruz e siga-me.* (Math. 16,34).

É, portanto, necessário que se firme

bem na resolução de ir padecer e padecer muito, quem aspira a entrar em religião, a fim de depois, quando nela tiver entrado e sentir o peso duro dos sofrimentos e incómodos da vida pobre e mortificada, não ceder à tentação.

Muitos, ao entrarem a fazer parte duma comunidade observante, não se propõem encontrar a paz e fazerem-se santos; detêm-se sòmente a considerar as vantagens da vida religiosa, a solidão, o sossego, o libertamento das contendias dos parentes, dos pleitos, das sugestões, dos cuidados e preocupações da casa, da alimentação, do vestir e calçar.

É indiscutível que por todos estes benefícios o religioso deve estar muito grato à sua religião, que o liberta de tantos cuidados e preocupações, e lhe proporciona as condições necessárias para servir a Deus em paz, subministrando-lhe continuamente tantos auxílios para o bem do seu espírito: tantos bons exemplos dos seus companheiros, tantos conselhos dos Superiores — que têm a seu peito o seu aproveitamento espiritual — tantos exercícios que preparam para a vida eterna.

Tudo é verdade, mas é preciso ao mesmo tempo resolver-se, se não quer perder

sorte tão bela, vantagens tão grandes, decidir-se a abraçar todos os sofrimentos que se encontram na religião, os quais, não sendo abraçados com amor, não alcançam aquela paz completa, perfeita que Deus concede apenas àqueles que se vencem para lhe agradar. O Senhor diz: *Ao que vencer dar-lhe-ei o maná escondido.* (Apoc. 2,17).

A paz que Deus dá a provar aos seus servos fiéis está escondida, não é compreendida pelos homens do século, os quais vendo a vida mortificada que levam os religiosos, não lha invejam, mas têm pena deles e lhes chamam infelizes na terra. Não sabem o que diz S. Bernardo: *Vêm as suas mortificações, mas não suspeitam o contentamento que Deus lhes concede.*

Ninguém nega que na vida espiritual se sofra. Repare-se, porém, no que diz Santa Teresa: *Quando alguém se resolve a sofrer, acabou-se o sofrimento.* Deste modo os próprios trabalhos e mortificações se convertem em contentamento. *Filha,* disse um dia o Senhor a Santa Brígida, *o edificio do meu tesouro está cercado de espinhos mas a quem aguenta as primeiras picadas, tudo se troca em*

doçura. E as delícias que Deus dá a saborear às suas almas dilectas, na oração, na comunhão, na santa soledade, nas luzes e santos ardores da união com Deus, na paz e tranquilidade da consciência, na esperança beatífica da vida eterna, quem pode compreender soma tão avultada de ventura, se não quem as experimenta? *Vale mais, assegura-no-lo Santa Teresa, uma gota das consolações de Deus que todas as consolações e deleites do mundo.*

Bem sabe este gratíssimo Senhor fazer prelibar ainda neste vale de lágrimas os gozos da glória bem-aventurada a quem padece para lhe dar gosto; e com isto cumprem-se fielmente as palavras de David: *Qui fingis laborem in precepto.* Na vida espiritual, o Senhor, parecendo impor-nos penas, tédios e morte, de facto dá, a quem se lhe entrega todo, aquela paz, que, no dizer de S. Paulo, *sobrepuja a toda a inteligência* (Philip., 4,7); os prazeres do mundo e dos seus mimosos ficam-lhe imensamente aquém.

É por isso que vemos um religioso mais contente na sua pobre cela do que todos os monarcas nos seus sumptuosos palácios. *Gostai como é bom o Senhor. Ben-*

dito o varão que se acolhe a Seu seio.
(Ps. 33;9).

Quem não prova a doçura dos Seus mimos, não O compreende.

Mas não deixa de ser absolutamente necessário persuadir-se que nunca chegará a gozar a paz verdadeira, mesmo que tenha entrado em religião, quem não se resolve a padecer e se não vence nas contrariedades: *Ao vencedor darei o maná escondido.*

É preciso que, quem se propõe entrar numa religião observante, o faça com ânimo bem resoluto de se vencer em tudo, de purificar o coração de todo o apetite e desejo que não seja de Deus nem para Deus.

Conclui-se, pois, que é mister que se desprenda de tudo, e nomeadamente de quatro coisas, a saber: 1.º Das Comodidades; 2.º Dos Parentes; 3.º Da estima própria; 4.º Da vontade própria.



1.º — *Desprendimento das comodidades da vida*



Terminado o ano de noviciado, além do voto de castidade e de obediência, faz-se também o voto de pobreza, em virtude do qual ninguém pode possuir nada de próprio, nem sequer um alfinete ou outra coisa qualquer, dinheiro, usufruto de haveres, etc. A Ordem se encarregará de o prover de tudo quanto necessita. Mas não bastará o voto da pobreza para fazer de ninguém verdadeiro discípulo de Jesus Cristo, se ele não abraçar com prazer de espírito os incômodos que ela acarreta. *Não é a pobreza, mas o amor da pobreza que é virtude*, diz S. Bernardo. E com isto quis ele significar que para atingir a santidade, não basta só ser pobre, é preciso também amar as privações da pobreza. *Ó quantos quieram ser pobres e semelhantes a Jesus Cristo*, diz o devoto Tomás de Kempis, mas com a condição de lhes não faltar nada. Quieram, numa

palavra, a honra e o prêmio da pobreza, mas não os seus incômodos.

Ressalta bem à vista que ninguém há-de procurar na religião coisas supérfluas, vestidos de seda, manjares delicados, móveis preciosos e outras coisas semelhantes; contentar-se-á com as coisas necessárias que lhe façam falta. Mas onde se prova quem ama verdadeiramente a pobreza, é quando faltam as coisas necessárias: o vestuário, a habitação, a alimentação, e não há descontentamento nem aflição.

Mas que género de pobreza seria aquela que não soubesse privar-se de nada do necessário? Dizia o P.^e Baltasar Álvarez que para amar a pobreza se torna necessário amar também os seus efeitos, isto é, — especificava ele — a fome, o frio, a sede, o desprezo.

Na religião cada um se deve contentar com o que lhe é dado, sem reclamar o que lhe falte por descuido dos dispenseiros e outros oficiais, o que seria um grande defeito; tem de preparar-se para sofrer sempre a falta daquelas pobres coisas que lhe permite a Regra. Se chegar a suceder que lhe falte o vestuário, o tecto, a roupa branca, a comida e outras coisas do mes-

mo género, fique cada um contente do pouco que lhe é dado, sem queixar-se, nem afligir-se, ao ver-se privado até do necessário.

Quem não sente em si este ânimo e disposição de espírito, não pense entrar em religião, porque é sinal de que não é chamado, ou que não quer conformar-se com o espírito do instituto. Quem entra a servir a Deus em sua casa, diz Santa Teresa, tem de se persuadir que não vai a ser bem tratado por Deus, mas a sofrer por Deus.

2.º — *Desprendimento dos parentes*

Quem pretende entrar em religião é necessário que se desapegue, e esqueça completamente seus parentes. Nas religiões em que reina a observância, o desapego dos parentes é praticado com sumo rigor, com o intuito de seguir a doutrina de Jesus Cristo que ensina precisamente: *Não julgueis que vim meter paz na terra; não vim meter paz, mas espada. Porque vim separar o homem do seu pai. E dá a razão: E os inimigos do homem serão os de sua casa.* (Math., 10,34,35,36).

E de modo especial, quando, se trata

da vocação religiosa, quando se trata de deixar o mundo, não há inimigos maiores do que o pai e a mãe, os quais ou por interesse, ou por paixão, antes querem a inimizade de Deus, opondo-se à vocação religiosa dos seus filhos, do que darem o seu consentimento.

Ah, quantos pais veremos condenados no vale de Josafá por terem feito perder a vocação a seus filhos ou netos! Quantos filhos virão a perder a sua alma, por terem abandonado a sua vocação para contentarem seus pais, para se não separarem deles! É por isso que Jesus nos intima: *Se alguém vem a mim e não abandona seu pai e sua mãe, a sua mulher e a seus filhos, a seus irmãos e irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo.* (Luc. 14,26). Resolva-se, pois, quem se dispõe a entrar em religião onde floresce a observância e quer ser discípulo de Jesus Cristo, e tome a decisão firme de esquecer os seus parentes.

Depois de estar vivendo em religião, saiba que terá de seguir e praticar o despreendimento dos parentes. Tenha bem presente que lhe não será permitido regressar à casa paterna, senão por doença grave do pai ou da mãe ou também por

outra necessidade urgente, com licença sempre do superior.

Proceder diferentemente, ir a casa dos pais sem expressa licença será imputado a falta notável e escandalosa na religião. Mais ainda; na religião é tido como grande defeito o só pedir licença ou mostrar desejo de ver e falar com os pais. Costumava dizer S. Carlos Borromeu que, depois de ter ido a casa de seus pais, regressava sempre esfreado no seu fervor de espirito. Deste modo, quem vai a casa dos pais por sua espontânea vontade e não por obediência aos superiores, tenha para si que voltará à sua cela tentado ou menos fervoroso.

S. Vicente de Paulo, só uma vez, e esta por necessidade, quis visitar a sua pátria e parentes. Dizia que o amor da pátria e da casa paterna eram de grande impedimento à perfeição espiritual.

Referia o mesmo santo que muitos, tendo ido à terra natal, se tinham deixado prender pela afeição dos seus parentes, como as moscas, que, tendo caído na rede da aranha, nunca mais conseguem desenvencilhar-se. E ajuntava — falando de si — : *Eu próprio numa só vez que visitei os meus parentes, ainda que por*

muito pouco tempo, e eu me empenhasse em cortar cerce toda a esperança que eles pudessem pôr em mim, ao despedir-me senti tanta pena de os deixar, que chorei durante todo o caminho e por três meses fui obsidiado pelo pensamento de os ajudar, até que Deus, finalmente, me livrou desta tentação.

Lembre-se igualmente que a ninguém é permitido escrever aos parentes e amigos sem licença dos superiores e sem lhes mostrar a carta. Infringir esta regra será tornar-se réu de falta muito grave, que na religião não se tolera e se castiga com rigor, para obstar a muitos e muitos inconvenientes que trariam consequências gravíssimas. Não esqueça de modo especial que vai entrar no noviciado onde há mais rigor. Com muita dificuldade se concede aos noviços licença para falar e escrever aos pais e parentes.

Tenha-se, além disso presente, que, em caso de doença, seria falta muito digna de censura pedir licença ou mostrar vontade de ir tratar-se na casa paterna, alegando poder ter melhor assistência e respirar os ares natais. Os ares da casa paterna são quase ou sem quase, nocivos e pestilenciais para o espírito dos religio-

sos. E se dissesse que queria tratar-se em casa para não ser pesado à religião, convença-se que na religião há todo o cuidado e caridade com os doentes. Para ares o mandarão os superiores mudando-o de casa, quando os daquela em que se encontra lhe forem prejudiciais; para comprar remédios, se venderão, em caso de necessidade, os próprios livros da biblioteca. Tenha a certeza de que a divina Providência em nada lhe faltará. Mas se Deus quiser que não cure, terá de conformar-se com sua divina vontade sem nomear sequer a casa paterna. O supremo anelo de quem entra em religião há-de ser acabar os seus dias na de Deus e quando a Deus aprouver, assistido por seus irmãos religiosos e não na casa paterna entre os seus parentes.

3.º — *Desprendimento da estima própria*

É mister despir-se de facto de toda a estima própria. Há muitos que deixam a pátria, as comodidades, os pais, mas trazem consigo o apego à estima própria e nada existe de mais prejudicial ao religioso do que este amor à honra e glória.

O maior sacrifício que podemos fazer

a Deus não é renunciar às riquezas, aos prazeres, à família, mas sim renunciar a si mesmo. Este é aquele negar-se a si mesmo, recomendado e encarecido em primeiro lugar por Nosso Senhor àqueles que o desejem seguir. E para negar-se a si mesmo deve cada um calcar aos pés toda a estima própria, desejando e abraçando todos os desprezos, sejam quais forem, que possa vir a receber na religião. Citemos, por exemplo, ver-se posto a outros que talvez cuide terem menos méritos; ser posto de parte como inepto, ou escolhido para os ofícios mais baixos e laboriosos.

Tem de se capacitar que na casa de Deus os ofícios distribuídos pela obediência são todos altos e honrados. Deus não permite que ninguém peça ou ambicione qualquer ofício ou cargo de preeminência! Seria escândalo na religião, e quem o desse, denunciaria a sua ambição e soberba, pelas quais receberia severa penitência e especial mortificação. Melhor fora extinguir a religião do que deixar entrar nela a peste maldita da ambição, a qual corrompe, onde consegue penetrar, as comunidades florescentes e destrói as mais belas obras de Deus.

Mais ainda, deverá sentir *consolação espiritual* ao ver-se mofado ou desprezado. Dizemos: *consolação interior*, espiritual, porque outra consolação será impossível. Não deve o religioso inquietar-se, quando a carne se ressentir e recalitra. Basta que o espírito abrace a humilhação e se alegre com a parte superior do homem. Assim, quando algum religioso se vir repreendido e mortificado continuamente por todos: pelos superiores, pelos companheiros, pelos inferiores, deve agradecer do coração, com ânimo tranquilo a quem o censura, a quem usa de caridade com ele admoestando-o; responda que forma a intenção de não voltar a cair naquele defeito.

Um dos mais ardentes anelos dos santos na sua passagem pela terra foi o desejo de se verem desprezados por amor de Jesus Cristo. Foi isto que pediu S. João da Cruz quando o Senhor lhe apareceu com a cruz às costas e lhe disse: *João, pede-me o que queres de mim*. O pedido do Santo foi: *Senhor, padecer e ser desprezado por Vós*.

O grau mais alto da humildade, ensinam os Doutores com S. Francisco de Sales, é comprazer-se nos menosprezos e

humilhações. E este é também um dos maiores preitos que podemos prestar a Deus. Vale mais diante de Deus um desprezo sofrido com paciência por seu amor do que todas as disciplinas e jejuns. É necessário não se esquecer que o dever de suportar desprezos é inevitável na comunidade mais santa, quer da parte dos superiores, quer da parte dos outros irmãos.

Nas vidas dos santos se lêem o sem-número de mortificações que receberam S. Francisco Regis, o Ven. P.^o Francisco de Jerónimo, o P.^o Torres e outros. Ainda entre os santos, permite às vezes o Senhor que haja antipatias naturais, sem culpa, ou diversidade de génio nos religiosos de mais alentado espírito. Tudo isto acarretará inevitavelmente muita contrariedade. Quantas vezes se não divulgarão coisas que não são verdadeiras?! Deus assim o permitirá para que os seus servos se exercitem na paciência e humildade.

Em resumo, pouco aproveitará na religião, antes perderá, quem não aceitar os desprezos e contrariedades com paz e paciência. Por isso quem entra em religião para dar tudo a Deus, deve enver-

gonhar-se de não saber sofrer os desprezos, tendo diante dos olhos a Jesus Cristo *saturado de opróbrios* por nosso amor. Tome cada um muito cuidado nesta matéria e resolva-se na religião a aceitar com prazer todos os desprezos e humilhações, prepare-se para sofrer o muito que — tenha a certeza disso — há-de ter que sofrer. Se assim não fizer, a repugnância pelas contrariedades e os desprezos, aceites de má vontade, perturba-lo-ão a ponto de lhe fazer perder a vocação e de o levar a abandonar o seu instituto. Que valor tem, perante Deus e para com a sua religião, quem não sabe suportar um desprezo por seu amor? E como pode dizer-se morto para si mesmo, como prometeu ao entrar em religião, quem ficou vivo e cobarde para ressentir-se e inquietar-se, quando se vê humilhado? Para longe da religião os indivíduos tão apaixonadamente ligados à estima própria. Afastem-se quanto antes, para que não contaminem os outros com a sua soberba. Na religião todos devem estar mortos muito especialmente para a estima própria. No caso contrário, melhor é que não venham para a religião e se vierem, que não se demorem, que vão embora.



4.º—*Desprendimento da vontade própria*

Quem entra em religião, é mister renunciar de facto à vontade própria, consagrando-a toda à santa obediência. Dentre todos os sacrificios este é o mais necessário. Para que serve deixar o mundo, os parentes, as honras e trazer consigo para a religião a vontade própria? É nisto que consiste principalmente o negar-se a si mesmo, o morrer espiritualmente, o dar-se todo a Jesus Cristo. A entrega do coração, o mesmo é dizer da vontade, é o que mais agrada ao Senhor e o que Ele pede a todos os religiosos. De outro modo, de pouco valeriam as mortificações, as orações, as provações e renúncias, não se desprendendo de facto de si mesmo, não renunciando em tudo à vontade própria.

Compreende-se muito bem que este seja perante Deus o acto mais meritório que possamos praticar e que este seja também o meio mais seguro de conquistar as Suas graças, se puder cada um dizer como dizia Jesus, nosso divino Salvador: *Eu faço sempre o que Lhe agrada.* (Joan. 8,29).

Pode afoitamente dizer e esperar quem na religião se despediu do seu querer, quem renunciou à sua vontade, que em tudo faz a vontade de Deus: quer estude, quer esteja em oração, no confessionário, no recreio, no descanso, em tudo agradará a Deus. É que na religião mal se pode dar um passo, um suspiro, sem ser por obediência à regra ou aos superiores.

O mundo não compreende, até pessoas de piedade não compreendem, quanto vale a vida de obediência em comunidade. É verdade que se encontram fora da religião muitas pessoas que trabalham talvez mais que muitos que vivem debaixo da obediência: pregam, fazem penitência, rezam, jejuam. Mas em tudo ou quase tudo, fazem a sua própria vontade. Deus permita que no dia do juízo não tenham que se lamentar, como se lamentavam aqueles de que fala a Escritura: *Porque nós je-*

juamos e tu não fizeste caso; humilhamos e tu não tomaste conhecimento disso? É que no vosso jejum encontrais um negócio. (Is. 58,3). É isto tem lugar, quando em toda a vida de trabalho e oração não se procura a Deus, mas a si mesmo. Pelo contrário, quem faz tudo por obediência está seguro de em tudo dar gosto a Deus. A Ven. Madre Maria de Jesus costumava dizer que por duas coisas principalmente estimava a sua vocação religiosa: em primeiro lugar, porque no mosteiro gozava continuamente da presença de Jesus Sacramentado; e depois, porque no mosteiro, por meio da obediência, era toda de Deus, sacrificando-lhe a própria vontade.

Conta o P.^o Rodrigues que à morte de S. Dositheu, discípulo de S. Doroteu, revelou o Senhor que, só em atenção aos cinco anos que ele vivera em obediência, ainda que devido à sua doença não tivesse podido praticar as austeridades dos outros monges, merecera o prêmio de S. Paulo Ermita e de Santo António Abade.

Portanto, quem se propõe entrar para uma ordem religiosa tem de se resolver a renunciar totalmente à sua vontade, a não querer senão aquilo que manda a

santa obediência. Deus defenda qualquer religioso de que de sua boca saia a palavra: *Quero, ou não quero*. Mas sempre e em tudo, ainda mesmo que seja interrogado pelo superior sobre o que deseja, deve responder: *Quero o que a obediência quer*. Por isso onde não vir pecado evidente, há-de obedecer em tudo o que lhe for imposto sempre e cegamente, sem crítica, visto que o ofício de examinar os negócios e as dúvidas, não lhe pertence a ele, pertence aos superiores. De outro modo, se, quando obedece, não submete o próprio juízo ao juízo dos superiores, a sua obediência será imperfeita. Dizia Santo Inácio de Loyola *que a prudência em caso de obediência não pertence aos súbditos, mas aos superiores; e que se há prudência em obedecer, essa prudência consiste em obedecer sem prudência*. Diz também S. Bernardo: *A obediência perfeita é indiscreta*. (De vita solit.). E noutro passo afirma: *É impossível que o noviço prudente persevere na religião, aduzindo a razão: O julgar é próprio dos superiores, do súbdito é obedecer*.

Para progredir na virtude da obediência — o que é de suma importância — torna-se mister que cada um tenha sem-

pre o ânimo preparado para cumprir tudo aquilo para que sentir maior repugnância, e para sofrer em paz e com resignação, a privação de tudo o que procura ou deseja. Bem poderá suceder que no tempo em que mais suspire pela solidão para se entregar à oração ou ao estudo, o empreguem mais que nunca nos ministérios com os próximos. Pois, se é certo que na religião, estando em casa, se pratica, quanto possível, a vida solitária e para este fim há muitas horas de silêncio, há exercícios espirituais todos os anos, há um dia de retiro todos os meses, há além disso, os exercícios antes da tomada do hábito e da profissão; contudo, se a religião é de vida activa, o religioso, quando nela for empregado pela obediência contentar-se-á só com o tempo das orações e exercícios da comunidade; deverá até estar disposto, algumas vezes, se a obediência assim o ordena, a omitir estes mesmos, sem replicar nem se inquietar. Procure entrar bem no sentido daquelle dito sentencioso de Santa Maria Madalena de Pazzi: *O que se faz por obediência é tudo oração.*

IV

Das provas próprias da vida religiosa

Depois de ter entrado ao serviço de Deus na religião, ainda que a sua vocação seja verdadeiramente chamamento de Deus, ainda que tenha dominado todas as paixões e calcado aos pés todos os interesses terrenos, vá ninguém cuidar que ficará isento de tentações e provas que Deus lhe mandará na forma de tédio, obscuridade, apreensões, tudo para mais o confirmar na sua vocação.

Saiba que até os santos que mais amaram a sua vocação, sofreram às vezes grandes escuridões do espírito e lhes parecia estarem enganados e não poderem salvar-se no estado religioso. Assim aconteceu a Santa Teresa, a S. João da Cruz, a Santa Joana de Chantal. Bastou recomendarem-se a Deus e as trevas desvaneceram-se e a paz reapareceu. É desta forma que o Senhor prova os seus predilectos, como foi dito a Tobias: *E posto que eras aceito a Deus, necessário foi que a tentação te provasse.* (Tob. 12,18). E no Deuterónimo ainda é mais explícito:

Porque o Senhor, vosso Deus, deseja provar-vos para saber se amais o Senhor, Vosso Deus, com todo o vosso coração e de toda a vossa alma (Deut. 13,3).

Prepare-se cada um na religião para sofrer a secura e escuridade de espírito. Acontecer-lhe-á muitas vezes como que fraquejar o ânimo para sofrer os rigores da observância do seu Instituto; chegar-se-á quase a persuadir que não poderá voltar a ter paz e que a sua salvação correrá perigo. É então necessário estar de sobre aviso, quando a tentação se apresenta, quer sob a forma de escrúpulo, quer sob pretexto de maior bem espiritual e se empenha em o fazer abandonar a sua vocação.

Dois são os remédios principais que ajudam a vencer tais tentações.

1.º — O Recurso à Oração

O primeiro remédio é o recurso à oração: *Aproximai-vos d'Ele e sereis iluminados.* (Ps. 33,6). Quem recorre a Deus, é impossível que não vença a tentação; quem se não recomenda a Deus, é impossível que não seja vencido pela tentação.

Note-se que de modo geral não bas-

tará recorrer a Deus uma só vez e durante poucos dias para ganhar a consciência de sair vitorioso. Bem pode ser que o Senhor permita que a tentação persista depois da oração, por semanas, meses, e anos. Tenhamos, porém, a certeza de que a alma constante e firme em se recomendar a Deus acabará, sem sombra de dúvida, por ser iluminada e vencedora; sairá da tribulação com maior paz e mais confirmada na sua vocação. Enquanto não tiver passado esta tempestade, que a todos há-de experimentar, ninguém se dê por seguro.

Adverta-se, porém, que enquanto durar o temporal, não há que esperar fervor nem clareza de razões para se tranquilizar, porque no meio daquela escuridão, tudo se apresenta confuso e não deixa enxergar aberta nenhuma. Não faça mais neste transe de prova do que exclaimar: *Senhor, ajudai-me, Senhor, ajudai-me*. Recorra, também, muitas vezes à protecção de Maria Santíssima, que é Mãe da santa perseverança; confie na promessa divina: *Pedi e recebereis*. (Joan. 16,24). Não cabe dúvida de que vencida esta tempestade com a graça divina, voltará a alma a encontrar calma e paz na vocação.

2.º — *Abrir a consciência aos Superiores*

O segundo remédio, tão necessário e essencial como o anterior para vencer as tentações é comunicar aos superiores, ou ao Padre espiritual a tentação que o aflige e faça-o antes que a tentação ganhe força e o domine.

Dizia S. Filipe Néri que tentação descoberta era tentação meio vencida. E, pelo contrário, não há maior perigo nesse caso do que esconder a tentação, não desabafar com os superiores, porque então Deus, da Sua parte, retira as suas luzes, em vista da falta de lealdade com que procedeu o religioso tentado não manifestando a sua tentação, a qual, por seu lado, vai ganhando terreno, crescendo e adquirindo forças até ficar senhora do campo. Tenha-se por bem assente que, estando em jogo a vocação, não manifestar a tentação é perdê-la com toda a certeza.

Saiba-se que na religião o inferno não pode usar de arma mais perigosa do que das tentações contra a vocação, pois vencida esta batalha, tem a vitória ganha. Perdida a vocação e regressado ao mundo, que bem e que progresso pode fazer uma alma no caminho de Deus?

O inimigo não deixará de lhe representar que fora da religião gozará de mais paz e fará maior bem. Tenha, porém, como certo que, saído da religião, acometê-lo-á tal remorso que nunca mais terá paz, e peça a Deus que o remorso não vá atormentá-lo no Inferno por toda a eternidade. Já acima deixámos provado que essa é a sorte muito provável de quem por sua culpa abandona a vocação. Cairá também em tal tibieza e desânimo para fazer o bem, que não terá sequer coragem para levantar os olhos ao Céu.

Será muito fácil que abandone de todo a oração, pois todas as vezes que nela quiser entrar, sentirá um inferno de remorsos, com a consciência a repreendê-lo e a gritar-lhe: *Que fizeste? Deixaste Deus! Deixaste a tua vocação! Para comprazer com as tuas paixões, com os teus parentes!* Tenha a certeza de que estas censuras as há-de sentir toda a vida, e mais vivamente à hora da morte à vista da eternidade.

Em lugar de acabar os seus dias na casa de Deus, rodeado dos seus bons irmãos em religião, morrerá fora do seu Instituto, talvez no meio dos seus pa-

rentes para contentar os quais, desgostou a Deus.

Implorem sempre os religiosos que Deus os leve antes para Si do que os deixe continuar a viver, vindo a passar pela suma desgraça da perda da vocação, a qual melhor se aquilatará às portas da morte servindo só para aumentar o tormento, pois então já não haverá remédio que possa reparar o erro cometido. Por onde, quem é tentado na sua vocação, a melhor meditação que pode fazer enquanto dura o combate, é pensar na aflição que lhe há-de causar no transe da morte o remorso de, por sua culpa, não ter sido fiel à sua vocação, vindo a expirar fora da religião.

Refleta bem, por último aquele que deseja entrar em religião, que há-de resolver-se a fazer-se santo e a sofrer todos os trabalhos internos e externos para ser fiel a Deus e à sua vocação.

Se não assentou consigo mesmo proceder assim, peço-lhe com todo o encarecimento que se não engane a si, e aos

superiores, que não abraça o estado religioso. Esta falta de resolução para o sofrimento é sinal iniludível de que, ou não é chamado, ou não quer, como deve, corresponder ao chamamento, o que é mal ainda maior.

Por isso, com tal disposição de espirito é mais de aconselhar que ele permaneça no mundo a preparar-se, a resolver-se a dar-se todo a Deus, a padecer tudo por amor de Deus. De outro modo prejudicar-se-á a si e à religião, da qual sairá com facilidade e sob qualquer pretexto. E então ficará desacreditado perante o mundo, e será para com Deus réu de maior infidelidade ao seu chamamento; perderá a confiança de dar mais um passo no caminho do Senhor, e só Deus sabe as ruínas e quedas que se sucederão.

*

* *

Em suma, que belo espectáculo o duma comunidade religiosa composta de almas que vivem no mundo como se já não pertencessem ao mundo, sem outro pensamento ou preocupação que não seja o de dar gosto a Deus!

Na religião ninguém ponha a vista senão na vida eterna. Felizes de nós se estes quatro dias que temos de passar sobre a terra, os gastarmos no serviço de Deus! De modo muito especial, se empenhe em se desforrar do tempo perdido a aquele que gastou boa parte da sua vida no mundo. Ponhamos diante dos olhos a eternidade e então tudo sofreremos com paz e alegria.

Demos graças a Deus por nos ter mimoseado com tantas luzes e meios para o amarmos como deve e merece ser amado. Dentre tantos homens foi a nós que Ele escolheu para O servir na religião, comunicando-nos o dom do Seu santo amor.

Avantajemo-nos na virtude para agradecer a Deus, lembrando-nos, como dizia Santa Teresa às suas filhas, que já que com a sua graça, fizemos o mais quando voltámos as costas ao mundo e renunciámos a todas as suas pompas e bens, façamos o menos e seremos santos. Tenho a certeza que Jesus, aos que morrem em religião, tem preparado lugar muito alto no paraíso. Na terra seremos pobres, desprezados, tidos como insensatos e loucos;

despicar-nos-emos na outra vida: outra será então a nossa sorte.

Recomendemo-nos constantemente, sem desfalecimento, a nosso amantíssimo Redentor oculto no Sacrário; peçamos com fervor a protecção de Maria Santíssima, não esquecendo nunca que todos os religiosos têm de se distinguir pelo seu amor acendrado a Jesus Sacramentado e à Imaculada Conceição. Etribados nestes dois amores, confiemos sempre. Jesus Cristo escolheu-nos para grandes da sua Corte, como o prova bem patentemente a protecção que dispensa às diferentes ordens religiosas e a cada um dos seus súbditos: *O Senhor é a minha luz e o meu socorro, a quem hei-de temer? (Ps. 26,1).*

Completai, Senhor, a vossa obra e fazei, para vossa glória, que sejamos todos vossos. Fazei, Deus meu, que todos os religiosos e religiosas tenham a dita de vos agradar em tudo e sempre até ao dia do juízo; dai-nos a todos a satisfação de vos conquistarmos almas, muitas almas. Assim seja.

CAPÍTULO SEGUNDO

CONSIDERAÇÕES QUE APROVEITARÃO A QUEM FOR CHAMADO PARA O ESTADO RELIGIOSO

PRIMEIRA CONSIDERAÇÃO

Como se assegura no estado religioso a salvação eterna da alma

Para formar ideia cabal da importância, suma da salvação eterna da alma basta ter fé e reflectir que temos só uma alma: *Pois de que servirá ao homem lucrar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?* (Math. 16,26).

Esta grande máxima do Evangelho atraiu tantos jovens, uns a recolherem-se aos claustros, outros a fugirem para o deserto, muitos a darem a vida por Jesus Cristo no martírio... Todos se disseram de si para si: Que nos interessa possuir todo o mundo, todos os bens que nesta vida se podem lograr? Esta vida acabará muito depressa e condenar-nos-emos a

sermos infelizes na vida que não acabará nunca!... A tantos ricos, tantos príncipes e imperadores, que agora se encontram no Inferno, que lhes resta de tudo o que possuíram e disfrutaram no mundo, senão maior tormento e desespero? *Tudo aquilo passou como a sombra.* (Sap. 5,9).

Tudo passou para eles como a sombra, como sonho; mas os tormentos não passarão, durarão tantos anos como há-de durar a eternidade. *Porque passa a configuração deste mundo.* (I Cor. 7,21). E ele, o mundo, que é senão teatro de pouca duração? Feliz quem neste teatro pode desempenhar o seu papel; aquele que conseguir alcançar a bem-aventurança, que nunca terá fim. Pouco lhe importará então ter sido pobre, desprezado e atormentado nesta vida, será agora rico e feliz, honrado e rei do paraíso para sempre. Só para este fim nos colocou e conserva o Senhor nesta terra, não para adquirir bens transitórios, mas para entesourar riquezas eternas: *O paradouro, a vida eterna.* (Rom. 6,22). Este é o único fim que hão-de ter todos os homens que vivem neste mundo. A desgraça está em que poucos, ou quase ninguém, pensa na vida eterna. Por entre as trevas deste

Egipto, a maior parte dos homens põem todo o seu empenho em conquistar honras e prazeres. Esta é a armadilha em que tantos caem e se perdem: *devastaram-na, e ela está de luto diante de mim; foi inteiramente desolada toda a terra, porque não há ninguém que considere no seu coração.* (Jer. 12,1).

Quão poucos são os que se detêm a meditar no transe fatal da hora da morte, que será a última cena do teatro da vida! Quem se lembra da eternidade que nos espera? Quem reflecte sobre o que Deus fez por nosso amor? Daí vem que a maior parte dos homens vive miseravelmente às cegas, afastados de Deus ao modo dos animais, com os olhos postos nas coisas da terra, sem se recordarem de Deus, sem se preocuparem com o seu amor, sem dedicarem um pensamento à eternidade. Têm, pois, morte infeliz, que será o principio duma morte e infelicidade eterna, chegados à qual abrirão os olhos, mas só para chorarem para sempre a sua loucura.

Pois bem, um dos grandes meios de que se dispõe na religião é a meditação contínua das verdades eternas: *Em todas as tuas obras, lembra-te do fim e não pecarás.* (Eccl. 7,40). Em todas as casas

religiosas onde reina a observância se faz esta meditação uma e mais vezes ao dia. Aquecido e iluminado pelas luzes que irradiam das coisas divinas, é moralmente impossível viver, ao menos por muito tempo, longe de Deus, e sem as contas ajustadas para entrar na eternidade.

ORAÇÃO

Meu Deus, como mereço esta grande misericórdia de Vos dignardes chamar-me de preferência a mim, que mais que ninguém Vos ofendi e devia ser privado das Vossas luzes divinas, me chamastes, digo, a gozar da honra de viver em Vossa casa, como Vosso familiar, tendo deixado tantos outros a viver no século?

Senhor, concedei-me que eu reconheça graça tão singular que me fizeste, a fim de que não deixe nunca de vo-la agradecer como espero e proponho fazer sempre nesta vida e na eternidade. Não permitais, Deus meu, que Vos seja ingrato. Já que Vós fostes tão parcial para comigo e me preferistes aos outros no Vosso Amor, razão é que eu Vos ame e sirva com mais requintada fidelidade. Meu Jesus, quereis que eu seja só Vosso e eu

a Vós me entrego todo. Aceitai-me, conservai-me de hoje em diante como coisa própria Vossa, pois eu já me não pertenço a mim mesmo. Começastes, Senhor, acabai a Vossa obra, chamastes-me para Vossa casa, porque me quereis santo. Fazei-me o que quereis que eu seja. Ouvi-me, Deus meu, por amor de Jesus Cristo, em quem pus a minha confiança.

Amo-Vos, meu Sumo Bem, Bondade infinita; amo-Vos só a Vós e quero amar-Vos para sempre.

Maria Santíssima, minha Esperança, socorrei-me, alcançai-me a graça de ser para sempre fiel a meu Senhor Jesus Cristo.

SEGUNDA CONSIDERAÇÃO



**Morte feliz
dos
religiosos**

Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor. (Ap. 14,13). E quem são estes mortos bem-aventurados que mor-

rem no Senhor, senão os religiosos, que no fim dos seus dias estão já mortos para o mundo, desprendidos dele e de todos os seus bens por meio dos seus votos?

Considera, irmão, como será grande o teu contentamento se, fiel à tua vocação, fechares os olhos à luz da vida na Casa de Deus!

O demónio não deixará de te representar que se entrares em religião em breve te arreponderás de ter abandonado a casa paterna, a pátria, de ter defraudado os teus parentes das esperanças que tinham posto em ti. Pensa de ti para ti: à hora da morte arreponder-me-ei ou dar-me-ei de contente os parabéns por ter posto em prática a minha resolução! Peço-te, pois, que te figures moribundo, prestes a comparecer no tribunal de Jesus Cristo; pergunta-te o que mais desejarias ter feito, reduzido a tal estado. Quererias ter contentado a teus parentes, ter feito prosperar a casa e a pátria, vindo a falecer rodeado de teus irmãos, sobrinhos e outras pessoas de família? Sentir-te-ias feliz por ter vivido na tua casa gozando as honras de ser pároco, cônego, bispo e ministro, fazendo a tua vontade? Ou, pelo contrário, preferirias expirar na casa de Deus,

assistido de teus irmãos em religião, que te animam naquela tremenda hora?

Não encontrarias mais paz e satisfação em ter vivido na religião humilhado, mortificado, despojado dos bens da terra, longe dos parentes, debaixo da obediência, desprendido de tudo quanto é do mundo? Tudo são preparativos efficacíssimos para ter uma boa morte. *Quem estiver habituado a privar-se das consolações do mundo, não se lamentará de o deixar.* (S. Bernardo, De Cons.).

O Papa Honório II suspirava à hora da morte por ter ficado no convento a lavar pratos sem ter subido ao sólio pontifício. Filipe II, chegado também àquele transe supremo, preferia antes ter sido irmão leigo de qualquer ordem religiosa ao serviço de Deus do que rei. Filipe III, também rei de Espanha, desabafava prestes a comparecer perante o tribunal de Deus: Quem me dera ter ficado a servir a Deus no deserto e nunca ter sido monarca. Agora iria com mais confiança à presença do Juiz Supremo.

Quando o demónio vier tentar-te contra a vocação, pensa na hora da morte e figura-te próximo daquele grande momento, *do qual depende a eternidade;*

deste modo lograrás vencer todas as tentações, ser fiel a Deus e não ter de te arrepender quando Ele te chamar a contas. A tua vida será contínua acção de graças, viverás e morrerás contente.

Gerardo, Irmão de S. Bernardo, morreu a cantar com o pensamento de que se despedia da vida na casa de Deus. O Padre Suárez da Companhia de Jesus experimentava ao aproximar-se do seu fim tais excessos de consolação e doçura em expirar na religião, que dizia: *Não cuidava que fosse tão doce o morrer.*

De outro devoto religioso, também da Companhia de Jesus, se refere que recebeu a chegada da morte a rir. Perguntado, por que procedia de modo tão estranho, respondeu: Como não hei-de eu rir? Não prometeu Jesus Cristo o paraíso a quem deixa tudo por seu amor? Não foi Ele próprio que disse: *Todo aquele que deixar a casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou fazenda, por causa do meu nome, receberá cento por um e terá como herança a vida eterna?* (Math. 19,29).

Eu deixei o mundo por amor de Deus; Deus é fiel, não pode faltar às suas promessas, e por isso como não hei-de eu

rejubilar e rir, tendo a certeza de ir para o Céu?

Perguntaram a um irmão leigo à hora da morte qual era o seu maior desejo. Nada mais quero, respondeu ele, de que morrer e reunir-me a Deus.

O Padre Genaro Sarnelli, pouco tempo antes de soltar o último suspiro, em colóquio com Deus expande nestes termos os sentimentos de seu coração: «Senhor, sabeis que quanto fiz e pensei, foi tudo para glória Vossa; agora suspiro por ir contemplar-Vos face a face, se assim for de Vosso beneplácito». E, acrescentou: «Já agora nada mais quero do que entrar em doce agonia». E depois pôs-se a conversar amigavelmente com Deus e dentro de pouco tempo expirava na paz do Senhor, ficando com o semblante de quem esboça um sorriso, e com o corpo a exalar odor suavíssimo, o qual, como foi atestado, perfumou o quarto.

Razão tinha, pois, S. Bernardo para exclamar, falando do estado feliz dos religiosos: «Ó vida segura em que se espera a morte sem temor; mais ainda, em que a morte é desejada e recebida com devoção».

ORAÇÃO

Senhor meu Jesus Cristo, que para me alcançardes uma boa morte, escolheste para Vós morte tão amarga; já que subiu a tal extremo o Vosso amor para comigo, que me escolheste para seguir mais de perto os passos da Vossa vida, para ver-me por este meio mais unido e estreitado a Vosso Coração enamorado, prendei-me, suplico-Vos, bem fortemente com as doces cadeias do Vosso amor a fim de que nunca me separe de Vós.

Meu Redentor amantíssimo, o meu anelo é ser-Vos grato, corresponder a tanta generosidade Vossa; tenho medo que a minha fraqueza me torne infiel. Meu Jesus não o permitais; fazei que antes morra do que Vos abandone e me esqueça do affecto carinhosamente especial com que me tratastes.

Amo-Vos, meu amantíssimo Jesus; Vós sois e sereis sempre o único Senhor do meu coração e da minha alma. Deixo tudo e elejo só a Vós para meu único tesouro, ó Cordeiro puríssimo de Deus, ó meu ardentíssimo amante: *O meu amado é branco e corado, escolhido entre dez mil.* (Cant. 5,10).

Para longe de mim, as criaturas. O meu único bem é o meu Deus. É Ele o meu único amor, o meu tudo. Amo-Vos, meu bom Jesus, e a amar-Vos quero gastar o que me resta de vida ou muito ou pouco. Eu Vos abraço e aperto ao meu coração e abraçado convosco aspiro a morrer.

Esta graça Vos peço e por outra não anelo; fazei com que eu viva a arder no Vosso amor e quando chegar ao fim dos meus dias, dai-me a graça de exalar o último suspiro com um acto de ardente amor para convosco.

Virgem Imaculada, obtende-me esta graça; de Vós assim o espero.

TERCEIRA CONSIDERAÇÃO

Contas que terá de prestar no dia do juízo aquele que não obedece à sua vocação

A graça da vocação para o estado religioso não é graça ordinária. É graça muito rara que Deus concede a poucos: *Não fez tal a nenhuma nação.* (Ps. 147). Quanto maior não é a graça de ser chamado para a vida perfeita, de ser doméstico de Deus em sua casa, do que ser

chamado a ser rei de todos os reinos?! Que comparação há entre um reino temporal deste mundo e o reino eterno do Céu?

Quanto maior é o favor que Deus faz tanto maior será a sua indignação com quem não tiver correspondido; tanto mais rigorosas serão as contas que lhe pedirá no dia do seu ajuste.

Suponde que um rei chama para o seu palácio real um pastorinho para que o sirva na sua corte e que ele, para não deixar a sua pobre choupana e as suas ovelhas desdenha de tal distinção. Qual não será a indignação do rei? Deus conhece bem o preço das suas graças e por isso castiga com rigor quem as despreza.

Ele é o Senhor; quando chama quer ser obedecido e sem demora. Daí vem que, quando Deus com as suas luzes chama uma alma para a vida perfeita, se a alma não corresponde, a priva das suas inspirações e a abandona nas trevas. Quantas almas não veremos condenadas no dia do juízo justamente porque chamadas não quiseram ouvir.

Agradecei ao Senhor, porque vos convidou a segui-LO, mas tremei de não aceitar o seu convite. Se vos convida a se-

gui-LO de mais perto, é sinal de que vós quer salvar; mas quer salvar-vos só por aquele caminho que Ele vos indica e elege. Se quereis salvar-vos tomando o caminho que vós escolherdes, correis grande risco de vos perderdes. Se ficais no século, quando Deus vos quer no estado religioso, não vos dará aquelas graças eficazes que vos tinha preparadas em sua casa e sem as quais não podeis alcançar a salvação. *As minhas ovelhas escutam a minha voz.* (Joan. 10,27). Quem não quer ouvir a voz de Deus manifesta que não é, nem será sua ovelha, e será condenado com os réprobos no vale de Josafá.

ORAÇÃO

Grande foi, Senhor, o excesso da Vossa divina bondade ao escolherdes-me entre tantos outros para Vos servir em Vossa casa com os Vossos servos mais dilectos.

Reconheço quão grande é a Vossa graça e quão indigno sou eu dela. Aqui me tendes, Deus meu; quero corresponder a tanto amor; quero obedecer-Vos.

Já que tendes sido tão liberal para comigo, chamando-me quando Vos não

procurava e Vos pagava favores com ingratições, não permitais que eu continue a proceder tão desassidamente, que, para seguir o mundo meu inimigo, no qual, na minha vida passada, tantas vezes perdi a Vossa graça e a minha eterna salvação, vos deixe a Vós que por meu amor deramastes o sangue e destes a vida. Já que me chamastes, dai-me força para Vos obedecer.

Já prometi obedecer-Vos; renovo a minha promessa; mas sem a graça da santa perseverança não posso ser-Vos fiel.

É esta perseverança que eu Vos peço e pelos Vossos merecimentos espero alcançar. Dai-me coragem para vencer as paixões da carne, com as quais o demónio pretende que vos atraia. Amo-Vos, meu Jesus, e a Vós me consagro todo. Eu sou Vosso e vosso quero ser para sempre.

Maria, minha Mãe e minha esperança, Vós sois a Mãe da santa perseverança. Esta virtude só por Vossa intercessão se alcança; obtende-ma, Mãe do Céu.

QUARTA CONSIDERAÇÃO

Tormentos que sofrerá no inferno quem se condenar por ter perdido a vocação

O remorso por ter perdido por culpa própria alguma coisa de valor, ou de ter voluntariamente causado algum mal, é pena tão pungente, que até mesmo neste mundo constitui tormento insuportável. Ora que tormento não torturará no inferno um jovem que Deus distinguiu com especial favor chamando-o para o estado religioso, ao reconhecer que, tendo correspondido a graça tão grande, teria conquistado lugar muito alto no paraíso, em vez de ter caído naquela masmorra horrível, onde reina o desespero de não ver remédio para a eterna ruína? *O seu verme não morre e o seu fogo não se extingue.* (Marc., 9,43). Será este o verme que, não morrendo nunca, lhe estará roendo sempre o coração com ininterrupto remorso.

Em vão dirá ele: ó, como fui estulto! Podia ter sido um santo, se tivesse escutado a voz de Deus, e eis-me condenado sem remédio!

Para cúmulo da sua pena, saberá o miserável, e verá no dia do juízo univer-

sal, que aqueles que obedeceram à sua vocação e deixaram o mundo para se recolherem à casa de Deus para onde também ele tinha sido convidado, se sentam à direita de Deus com a fronte adornada com a auréola da santidade. E ele ver-se-á separado do convívio dos bem-aventurados e relegado para o meio da chusma innumerável dos míseros condenados, porque não obedeceu à voz de Deus. Bem certo é que o recordar-se da graça da vocação lhe há-de dobrar os suplicios do inferno.

É demais sabido, como meditámos já, quão facilmente se expõe a esta infelicíssima mudança todo aquele que, para seguir o seu capricho, volta as costas ao chamamento divino.

Por isso, meu irmão, visto que Deus vos convidou para vos santificardes na sua casa, considerai bem o perigo que correis, se voluntariamente perdeis a vocação.

Esta graça da vocação que Deus, na Sua infinita bondade vos concedeu, indo buscar-vos ao comum dos mortais para vos juntar ao número dos príncipes eleitos do paraíso, converter-se-á por culpa vossa, se fordes infiéis a Deus, num inferno aparte para vós. Escolhei, pois

que Deus põe a eleição nas vossas mãos; escolhei ser um grande rei no paraíso, ou um condenado mais atormentado que os outros réprobos do inferno.

ORAÇÃO

Não permitais, Deus meu, que Vos desobedeça, e seja infiel. Reconheço e dou-Vos graças pela Vossa bondade que, em lugar de me expulsar da Vossa presença e de me lançar no inferno que tantas vezes mereci, me exortou a fazer-me santo e me preparou um grande trono no paraíso. Reconheço também que mereceria dupla pena, se não correspondesse a esta graça que nem a todos é concedida. É meu sincero propósito obedecer-Vos. Aqui me tendes; e quero ser sempre Vosso.

Abraço com júbilo todos os trabalhos e incómodos da vida religiosa para que me chamais. E que são estas penas e trabalhos em comparação com as penas eternas que eu mereci? Já estava perdido pelos meus pecados; agora entrego-me todo a Vós. Disponde de mim e da minha vida como for do Vosso divino beneplácito. Aceitai, dulcíssimo Jesus, um condenado

ao inferno, que era eu, a servir-Vos e a amar-Vos nesta e na outra vida. Eu quero amar-Vos na medida em que merecia estar sendo odiado por Vós no inferno.

Ó meu Jesus, Vós quebrastes as cadeias com que o mundo me tinha preso, libertastes-me da escravidão dos meus inimigos. Ó Deus e Senhor meu, só a Vós quero levantar os meus desejos; só a Vós quero amar e, pelo amor que Vos tenho, só a Vós hei-de servir e obedecer para sempre.

Graças Vos sejam dadas para sempre a Vós, ó minha Mãe e minha Advogada, que me alcançastes esta grande misericórdia. Ajudai-me e não permitais que eu jamais seja ingrato ao Senhor que tanto me tem amado. Fazei, Senhora minha, que Deus me tire antes desta vida do que permita que eu venha a ser infiel a tanta graça. Assim seja.

QUINTA CONSIDERAÇÃO

A glória incomparável que os religiosos gozam no céu

Medita em primeiro lugar que S. Bernardo afirma que mui difficilmente se condena o religioso que morre fiel à sua vo-

cação. *Fácil é o caminho da cela para o céu; mal se encontrará algum que passe da cela para o inferno.* E o santo dá a razão: *Quase nunca perseverará na religião a não ser o predestinado ao Céu.* (De Vit. sal., c. 4). É por este motivo que S. Lourenço Justiniano chama à religião porta do Céu; *Daquela celeste cidade esta é a entrada. Pois este é grande indício de predestinação.* (De Dix. mon., c. 7).

Considerai, além disso, que o paraíso, como diz o Apóstolo, é coroa de justiça; donde se conclui que Deus, que remunera as nossas obras com mão generosa, mais abundantemente do que elas merecem, contudo dá a cada um na proporção das obras que praticou (Matth., 16,27). *Dá a cada um segundo as suas obras.* Por aqui podeis alcançar o grande prêmio que Deus reserva no céu para os bons religiosos em harmonia com os méritos que eles conquistaram.

O religioso oferece a Deus todos os seus bens da terra e contenta-se com viver pobre, sem possuir coisa alguma. O religioso renuncia ao affecto dos parentes, dos amigos, da pátria para se unir mais a Deus. O religioso priva-se de muitas coisas que lhe seria lícito gozar no século.

O religioso, finalmente, entrega-se totalmente a Deus, fazendo-lhe doação da sua própria vontade com o voto da obediência.

Nada há que nos seja mais caro que a própria vontade: mais de que qualquer outra coisa é o nosso coração, quer dizer, a nossa vontade é o que Deus nos pede: *Dá-me, meu filho, o teu coração.* (Prov. 23,26). Quem serve a Deus no mundo, dá-lhe coisas suas, mas não se dá a si mesmo; dá-lhe parte, mas não lhe dá tudo, porque lhe dará os seus vestidos em esmolas, os seus alimentos em jejuns, o sangue nos açoites, etc. Mas reservará sempre para si a própria vontade, jejuando e rezando quando quer. O religioso, pelo contrário, entregando a Deus a sua vontade, entrega-se a si mesmo, entrega-lhe tudo. Pode, por isso, dizer-lhe com toda a verdade: *Meu Senhor e meu Deus, tendo-Vos dado a minha vontade, nada mais Vos posso dar.*

O religioso, em tudo quanto faz por obediência, tem a plena certeza de que cumpre perfeitamente a vontade de Deus, de que em tudo merece: quando está em oração, quando prega; quando jejua; quando se exercita em outras mortificações.

Cumpra, igualmente, a vontade Deus quando come ou varre a cela, ou faz a cama, ou descansa, ou se recreia. Tudo quanto faz por obediência é aceite por Deus como se fosse feito por ordem sua. Santa Maria Madalena de Pazzi costumava dizer que tudo quanto se faz por obediência é oração. E Santo Anselmo, falando dos religiosos que amam a obediência a'firma que eles aumentam os seus merecimentos com tudo quanto fazem.

S. Luís Gonzaga comparava a religião e uma viagem em barco à vela, no qual, ainda que se não reme, se vai vogando. Tenha-se por bem assente que ganhará mais num mês um religioso que observe a sua regra do que um secular num ano com todas as suas penitências e orações.

Sabe-se, porque assim foi revelado, que um discípulo de S. Doroteu, por nome



Dositeu, em cinco anos que viveu debaixo de obediência ganhou no céu glória igual à de S. Paulo Eremita e à de Santo António Abade que passaram tantos anos no deserto.

É verdade que os religiosos têm que sofrer nesta vida as durezas e incómodos da observância das regras. *Vão, é certo, chorosos levando a semente; mas ao voltar, virão radiantes, trazendo jubilosos as gabelas.* (Ps. 125,8). E cantarão naquela hora de triunfo: *Em delicioso sítio me coube a sorte; formosa é, na verdade, a herança que me tocou.* (Ps. 15,6). Os laços que me ligaram ao Senhor tornaram-se deliciosos para mim. Muito grande é a glória que eles me conquistaram.

ORAÇÃO

Será possível, Deus meu, bondade infinita, e meu verdadeiro Amor, que Vós desejeis tanto o meu bem, tanto aneis por ser amado, e eu miserável tão pouco desejo amar-Vos e dar-Vos gosto? Com que fim me tendes favorecido com tantas graças e me tirastes do mundo? Bem Vos compreendo, meu Bom Jesus; amais-me

com tantos extremos, porque quereis que Vos ame na medida das minhas posses, que seja todo Vosso nesta vida e na outra. Quereis que o meu amor não seja partilhado com as criaturas, mas pertença todo a Vós, meu único bem, único ser amável e digno de infinito amor. Ah meu Senhor, meu tesouro, meu amor, meu tudo, que mais tenho eu que amar senão a Vós? É a Vós que eu suspiro amar com todas as veras da minha alma; a Vós hei-de amar e a mais ninguém.

Graças Vos dou por este desejo que me inspirais, peço-Vos que mo conserveis, que o aumentais sempre. Fazei que vos agrade e ame na terra quanto desejais ser amado, a fim de que venha um dia a amar-Vos face a face com todas as forças no paraíso.

Eis tudo quanto Vos peço: Quero amar-Vos, Deus e Senhor meu, e para Vos amar me ofereço a sofrer todos os trabalhos. Quero ser santo não para ter direito a gozar a mais no céu, mas para Vos agradar muito a Vós, Deus da minha alma, para Vos amar muito e para sempre. Por amor de Jesus Cristo, Eterno Pai, ouvi-me. Minha Mãe, Maria Santis-

sima, por amor do Vosso filho ajudai-me; Vós sois a minha esperança; de Vós espero todos os bens.

SEXTA CONSIDERAÇÃO

Da paz que Deus dá a gczar aos bons religiosos

As promessas de Deus não podem deixar de se cumprir e Deus empenhou a sua palavra quando disse: *Todo aquele que deixou casas, irmãos, irmãs, pai ou mãe, filhos ou campos, por causa do meu nome, receberá o cêntuplo e possuirá em herança a vida eterna.* (Matth. 19,29). Promete o Senhor o cêntuplo aqui na terra e a vida eterna no paraíso.

A paz da alma é um bem que vale mais que todos os reinos da terra. É para que serve o domínio de todo o mundo sem a consciência tranquila? É preferível ser o aldeão mais pobre da terra e viver contente, do que possuir o mundo todo e passar a vida inquieta. Mas quem pode dar esta paz? O mundo certamente que não. A paz é um bem que só dimana de Deus. *Dai, Senhor, implora a Igreja, a vossos servos aquela paz que o mundo não*

pode dar. Pos isso chama S. Paulo ao Senhor o Deus de toda a consolação. Ora se Deus é único dispensador da paz, a quem julgamos que Ele a conceda senão àqueles que deixam tudo, que se desprendem de todas as criaturas para se entregarem inteiramente ao seu criador? Eis a explicação de se verem os bons religiosos recolhidos na sua cela, desprezados, mortificados e pobres bem mais



contantes e jubilosos do que os grandes e poderosos do mundo com todas as suas riquezas, pompas e divertimentos.

Costumava dizer Santa Escolástica que se os homens chegassem a suspeitar a paz que gozam os bons religiosos, o mundo converter-se-ia num convento, e Santa Maria Madelena de Pazzi acrescentava mais, que se comprehendessem bem o que é a paz dos bons religiosos, tomariam os conventos de assaltada. O coração humano criado para um bem infinito, não pode contentar-se com a posse das criaturas que são bens finitos e pobres; só Deus, que é bem infinito pode saciar-

-lhe a fome infinita de felicidade: *Regala-te no Senhor e Ele terá de dar-te quanto o teu coração d'Ele solicite.* (Ps. 36,4) afirma o Salmista.

O bom religioso que vive unido a Deus não tem que invejar nenhum príncipe da terra, senhor de reinos, riquezas e honras. Pode dizer afoitamente com S. Paulo: *Possuam os ricos as suas riquezas e os reis os seus reinos; para mim, a minha glória, a minha riqueza e o meu reino é Jesus Cristo.* Verá o religioso que os mundanos loucamente se gloriam das suas fastuosas vaidades; ele, porém, empenhará todos os esforços para se desprender cada vez mais das coisas terrenas, para se unir mais estreitamente a Deus; viverá contente na paz do Senhor e dirá com David: *Quem dos carros se fia, e quem dos seus cavalos, mas nós o nome do Senhor invocamos.* (Ps. 19,8).

Santa Teresa não receava asseverar que uma centelha de consolações espirituais valia mais que todas as delícias do mundo. O Padre Carlos de Lorena, descendente dos príncipes desta mesma casa, entrado que foi na religião, não se cansava de apregoar que com um momento de celestiais doçuras que o Senhor lhe

dava a provar, se dava por superabundantemente pago de tudo quanto no mundo deixara por amor de Deus. Por vezes, subia a tal ponto o seu júbilo, que estando só na cela não podia conter-se que não se pusesse a dançar. O Beato Serafim d'Ascoli, irmão leigo capuchinho, protestava que não trocaria um palmo do seu cordão por todos os reinos do mundo.

Poderá haver maior dita, depois de ter deixado tudo por amor de Jesus Cristo, do que poder exclaimar com S. Francisco de Assis: Meu Deus e meu tudo?! E ao mesmo tempo ver-se livre da escravidão do mundo, da sujeição do século, dos affectos da terra!... Esta é a liberdade que gozam os filhos de Deus, como são os bons religiosos.

É bem verdade que, no princípio, o contar cerce com o convívio e os passatempos do mundo, a vida de comunidade, a observância das regras lhe pareciam muito espinhosas. Não tardará, porém, que estes espinhos, a quem lhes sofrer as primeiras picadas com amor e coragem, como affiançou o Senhor a Santa Brígida, se convertam em flores e delícias do paraíso. Então experimentará na terra aquella paz que, segundo afirma S. Paulo, ul-

trapassa todas as satisfações dos sentidos, todos os prazeres dos banquetes, todas as festas e diversões do mundo. *A paz de Deus, a qual sobrepuja toda a inteligência, guardará vossos corações e vossos pensamentos em Jesus Cristo.* (Phil. 4,7). E poderá haver maior paz do que saber dar gosto a Deus?

ORAÇÃO

Ó meu Senhor, meu Deus, meu Amor, meu tudo, agora já compreendo que só Vós podeis saciar as aspirações da minha alma nesta e na outra vida.

Mas eu não quero amar-Vos pelo meu contentamento; quero amar-Vos só para contentar e dar gosto ao Vosso Coração divino.

Este anelo eu quero que seja a minha paz, este o meu único contentamento, unir a minha vontade ao Vosso santo querer, ainda que para o alcançar me seja necessário passar por todos os trabalhos. Vós sois o meu Deus, eu a Vossa criatura. E que posso eu ambicionar de mais alto de que agradar a meu Senhor e meu Deus que tem para comigo prodígios de amor?

Vós, meu dulcíssimo Jesus, deixastes o céu, para levardes por meu amor vida pobre e mortificada; eu, por mim, abandonei tudo para consagrar a minha vida ao Vosso serviço. O meu gosto será dar-Vos gosto — amo-Vos meu amabilíssimo Redentor, amo-Vos com todas as veras da minha alma. Concedei-me que Vos ame e tratai-me como quiserdes. O meu supremo anelo é contentar-Vos quanto em mim couber.

Ó Mãe de Deus, Maria Santíssima, protegei-me; fazei-me semelhante a Vós, não na glória, que não mereço, como Vós a mereceis, mas em agradar a Deus, em cumprir a sua divina vontade, como Vós agradastes e cumpristes.

SÉTIMA CONSIDERAÇÃO

O dano que a tibieza causa no religioso

Considera a miséria do religioso que, depois de ter abandonado a pátria, os parentes, o mundo com todos os seus encantos; depois de se ter consagrado a Jesus Cristo, sacrificando-Lhe a vontade, a liberdade, todo o seu ser, se expõe ao perigo de se condenar, deixando-se cair na

tibieza e desleixo; tenha-se por certo que não está longe de perder-se o religioso tibio, que Deus chamou para sua casa, onde o quer santificar. Deus ameaça as almas tibias de as vomitar e de as abandonar, se não se emendarem: «Já que és tibio estou para te vomitar da minha boca». (A.poc. 3,16).

Santo Inácio de Loiola, notando que certo irmão leigo da sua ordem servia a Deus com tibieza, chamou-o um dia e exproboou-o com estas palavras: Diz-me, irmão, que vieste fazer à religião? — Servir a Deus, respondeu elle. — Que dizes, irmão? replicou o Santo. Se tivesses respondido que vieras servir um cardeal, um príncipe da terra, terias desculpa; mas tu afirmas que vieste servir a Deus e serve-l'ho deste modo?

P.^e Nieremberg é de parecer que Deus chama alguns para que se salvem somente como santos; de modo que, se não enviadam todos os esforços para atingir grau heróico de santidade, e se dão por contentes simplesmente com salvarem-se, nem salvar-se lograrão.

Quem assim procede — assevera Santo Ambrósio — costuma ser abandonado por Deus, porque *Deus sói votar ao abandono*

os *negligentes*. (In Pas. 118, s. 10). É qual é o modo de os abandonar? Permite que das culpas leves, mas advertidas, passem às culpas graves, percam a graça e a vocação. Santa Teresã viu o lugar que lhe estava preparado no inferno, se não se tivesse desprendido dum affecto terreno, que não era, aliás, gravemente culpado. É verdade inconcussa confirmada pelo Espirito Santo: *Quem despreza as coisas pequenas a pouco e pouco cairá.* (*Eccli 19,1*).

Muitos há que se propõem seguir a Jesus Cristo, mas a distância, como fez S. Pedro, o qual, segundo refere S. Mateus, quando o Mestre foi preso, *O seguiu de longe.* (*Matth. 26,58*). Mas a quem proceder como S. Pedro, acontecer-lhe-á o que aconteceu a ele: posto na ocasião, renegará a Jesus Cristo. Contentar-se-á o tégido com o pouco que faz por Deus; mas não se contentará o Senhor que o chamou para a vida perfeita. Em castigo da sua ingratidão, não só o privará de favores especiais, mas chegará a permitir a sua ruína. É sentença de Santo Agostinho: *Se disseres basta, estás perdido.* (*Serm. 168*).

A figueira do Evangelho foi condenada ao fogo só porque não dava fruto.

É muito para meditar o dito do P.^o Luís de la Puente: Tive muitos defeitos, mas não fiz a paz com eles. Ai do religioso que chamado à perfeição dá tréguas à imperfeição. Enquanto se detestam as imperfeições, há esperanças de atingir a santidade, mas se se cai nos defeitos e se desprezam, então — garante-o S. Bernardo — perdida está a possibilidade de sair da tibieza: *Quem semeia mesquinhamente, mesquinhamente colherá.* (II Cor. 9,6). Para fazer um santo não bastam as graças ordinárias; são precisas as extraordinárias. Como vai Deus ser pródigo nos seus favores com quem lhe regateia as demonstrações do seu amor?

Além disso, para chegar à santidade é mister ganhar ânimo e forças para vencer toda a repugnância; e não vá ninguém cuidar, protesta S. Bernardo, que pode subir o caminho da perfeição, se não se distingue entre os outros na prática da virtude: *O perfeito não pode ser senão singular.* Medita bem, irmão, para que deixaste o mundo e com ele todos os seus bens. Não foi para ser santo? Mas a vida tibia e defeituosa que levas, é, porven-

tura, caminho da santidade? Santa Teresa animava as suas filhas com dizer-lhes: *Irmãs, fizestes o mais, resta fazerdes o menos para serdes santas.* O mesmo vos repito eu: fizestes talvez o mais difícil, deixastes a pátria, a casa, os pais, a família, os vossos bens, os divertimentos; falta serdes santos; mãos à obra.

ORAÇÃO

Ah meu Senhor e meu Deus, não me lanceis da Vossa presença, como eu bem o mereci, porque proponho emendar-me. Reconheço que a minha vida com tantas imperfeições não Vos pode agradar; sei bem que sou eu que, com a minha tibieza, fecho a porta àquelas graças que Vós desejais conceder-me. Não me abandoneis, dulcíssimo Jesus; continuai a usar de compaixão para comigo, porque eu quero levantar-me de estado tão miserável; é meu firme propósito, empenhar no futuro todos os esforços em refrear as paixões, obedecer às vossas inspirações, não descurar por tédio, antes cumprir com mais diligência, os meus deveres.

Anseio em suma, de hoje em diante, por Vos agradar; anelo por não descurar nada

que eu saiba ser de Vosso gosto. Vós, meu Jesus, fostes tão liberal comigo no cumular-me de Vossas graças; chegastes ao extremo de derramar o Vosso sangue e dar a vida por mim; não é de razão que eu seja tão mesquinho para convosco. Mereceis, Senhor, todas as honras e todo o amor; mereceis que, para Vos agradar, sofra alegremente todos os trabalhos e privações. Ó Senhor, conheceis a minha fraqueza; ajudai-me com o Vosso poder eu confio em Vós.

Maria, Virgem Imaculada, ajudastes-me a abandonar o mundo; ajudai-me também a vencer-me a mim, a fazer-me santo.

OITAVA CONSIDERAÇÃO

Como é agradável a Deus uma alma que se entrega sem reserva

Uma é a minha pomba, a minha pura. (Cant. 6,8). Deus ama a todos quantos O amam: *Eu amo os que me amam.* (Prov. 8,7). Muitos há que se entregam a Deus, mas conservam no seu coração resquícios de affecto às criaturas que os impedem de fazerem de si entrega total. E como há-de o Senhor dar-se todo a quem divide o seu

amor entre Ele e as criaturas? É justo, pois, que Ele não se mostre pródigo dos seus favores com quem O ama com taxa e medida. Pelo contrário, Deus dá-se todo àquelas almas que, expulsando do coração tudo quanto não é Deus ou a Deus não conduz, se Lhe entregam sem reserva e podem dizer com verdade: *Meu Deus e meu tudo*. Santa Teresa, enquanto conservou affecto desordenado, ainda que não impuro, a certa pessoa, não ouviu dos lábios de Jesus Cristo, como ouviu depois, quando se desprendeu de toda a afeição às criaturas e se dedicou de corpo e alma ao seu Criador: *Já que tu és toda minha, Eu sou todo teu*.

Medita bem que o filho de Deus não descansou enquanto se não deu todo a nós: *Nasceu-nos um menino; um filho nos foi dado. (Is. 9,6)*. *Deu-se-nos a nós pelo amor que nos tinha: Amou-nos e se entregou a si mesmo por nós. (Eph. 5,2)*. Daí veio a dizer S. João Crisóstomo: se Deus se entregou a ti sem reserva nenhuma: *Deu-se todo a nós e não deixou nada para si*, não é justo que tu, do mesmo modo, te entregues todo a Deus, não reservando nada para ti e, ardendo em amor divino, Lhe vás cantando de hoje em

diante: *Teu sempre serei. Destes-Vos Vós mesmo; eu mesmo me dou a Vós?*

Revelou Santa Teresa a uma das duas religiosas a quem appareceu depois da morte, que Deus ama incomparavelmente mais uma alma que se lhe entrega totalmente do que milhares de almas tibias e imperfeitas. Destas almas generosas e inteiramente de Deus se compõe o coro dos serafins. O próprio Senhor nos assevera que ama tanto uma alma que atende à perfeição, que até quase parece amá-la só a ela: *Uma é a minha pomba, a minha pura.* Por isso exorta o Beato Gil: *Uma para um.* Queria ele dizer com isto que esta única alma que temos, devíamos dá-la toda inteira não dividida, àquele único que é o único a merecer todo o amor, de quem depende toda a nossa felicidade, que nos ama infinitamente mais que ninguém: *Deixa tudo e encontrarás tudo,* ensina Tomás de Kempis. (1. 3 cap. 32). *Se deixares tudo por amor de Deus, em Deus acharás tudo.* Ó alma, conclui S. Bernardo, *sê uma só para servir a um só* (*In. Cant., S. 40*). Conserva-te uma, não te dividas com o affecto das criaturas, a fim de seres toda só d'Aquelle, que é o

único a merecer amor infinito, o único a quem deves amar.

ORAÇÃO

O meu amado é meu e eu sou dele. (Cant. 2,16). Se Vós, Deus meu, Vos destes todo a mim, hei-de eu ser tão ingrato que não me entregue todo a Vós? Já que Vós me quereis todo para Vós, eis-me, Senhor, sou e quero ser todo Vosso.

Aceitai-me pela vossa infinita misericórdia, e não me repilais; fazei que este meu coração, que noutro tempo amou as criaturas, se converta agora para Vós e se aplique todo a amar a Vossa bondade infinita. Morra já este eu, exclamava Santa Teresa, e viva em mim outro que é mais do que eu e para mim melhor do que eu, para que eu O possa servir; Ele viva e me dê vida; Ele reine e seja eu cativa; que a minha alma não quer outra liberdade. (Exclamações, 17).

Ah! Senhor meu amabilíssimo, autor de todo o bem, muito pequeno é o meu coração e muito pouco o que basta para Vos amar a Vós, que sois digno de amor infinito. Praticaria injustiça muito grande se

eu quisesse dividir este pouco por outras criaturas além de Vós. Amo-Vos, meu Deus, sobre todas as coisas. Só a Vós amo; renuncio a todas as criaturas e me entrego todo a Vós, meu Jesus, meu amor, meu Salvador, meu tudo. Digo e direi sempre com o Vosso Profeta: *Fora de ti que há para mim no céu? e contigo a terra não me agrada. O meu coração e carne se consomem; és o meu rochedo e a minha herança para sempre, Deus.* (Ps. 72,24-25). Nada mais desejo, quer nesta, quer na outra vida do que possuir o tesouro do Vosso amor. Deus da minha alma, não quero que as criaturas voltem a ocupar lugar no meu coração; só Vós haveis de ser o meu Senhor, só Vosso há-de ser para o futuro; só Vós sereis o seu bem o seu repouso, a sua aspiração, todo o seu amor. *Dai-me só o Vosso amor, Vos direi com Santo Inácio, com a vossa graça e serei assaz rico.* Só isto espero e Vos peço. Virgem Santíssima, alcançai-me a graça de ser fiel a Deus, e de nunca retardar o dom que Lhe fiz de mim mesmo.



NONA CONSIDERAÇÃO

**Para atingir a santidade é mister
desejo ardente de ser santo**

Nenhum santo logrou jamais vir a sê-lo sem sincero e ardente anelo de alcançar a santidade. Assim como as avès necessitam das asas para voar, assim também as almas carecem de santos desejos para trilhar o caminho da perfeição. Para ser santo é mister desprender-se das criaturas, vencer as paixões, dominar-se a si mesmo, amar a cruz. E para trepar a píncaros tão altos requer-se muita força de vontade, árduo e duro sofrer. E que fazem os santos desejos? Responde S. Lourenço Justiniano: *Infundem forças e tornam os trabalhos mais leves. Por onde ajunta o mesmo santo que leva meia vitória ganha quem alimenta desejos sinceros de vencer.* Aquele que pretende trepar ao cume duma montanha, não o conseguirá, se não tomar firme resolução de arcar com o cansaço da escalada. De outro modo, as dificuldades e o desânimo o reterão nas fraldas da montanha. Assegura S. Bernardo que tanto mais alguém adianta na perfeição, quanto maior for o seu desejo de a

alcançar. E Santa Teresa assevera que Deus é amigo das almas generosas que têm grandes aspirações. E daí nasciam as exortações a todos: *Os nossos pensamentos sejam altos, porque deles virá o nosso bem. Não devemos reduzir os desejos, mas confiar em Deus que, esforçando-nos pouco a pouco poderemos chegar, com a sua graça, aonde chegaram os santos.* Este foi o caminho seguido pelos santos e em pouco tempo alcançaram alto grau de perfeição e conseguiram grandes coisas, em nome de Deus: *Chegado em breve a completa madureza, encheu o espaço de largos tempos.* (Sap., 4,13).

S. Luís Gonzaga, cuja vida se findou aos vinte e três anos, em pouco tempo subiu a tal grau de santidade, que Santa Maria Madalena de Pazzi, vendo-o em espírito no paraíso, não duvidou afirmar que lhe parecia até certo ponto não haver santo no céu que gozasse maior glória do que ele. Revelou Deus à mesma Santa que S. Luís Gonzaga subira tão alto no céu, devido ao desejo grande que ele tinha de se unir e amar a Deus quanto Ele merecia ser amado. Ao verificar que não podia chegar com as obras aonde ia

a sua aspiração, padecia na terra o martírio do amor.

Costumava S. Bernardo para se afevorar, perguntar-se a si mesmo: *Bernardo a que vieste?* O mesmo vos repito eu: Que vieste fazer à casa Deus? Por que deixaste o mundo? Não foi para ser santo? E que fazes agora? Para que perdes o tempo? Diz-me: Queres de facto chegar a ser santo? Se não queres, nunca o serás. Não tendo este desejo, pede-o a Jesus e a Maria. Se o tens, ganha ânimo, exorta S. Bernardo, porque muitos não chegam a ser santos, devido à falta de coragem. Por isso, cobra ânimo, repito, ganha alento. Por que hás-de temer? Por que desconfias? O Senhor que te deu forças para abandonar o mundo, tas dará também para levar vida de santo.

Tudo passa; esta vida ou contente ou descontente há-de passar, a eternidade não passará nunca. O pouco que tiveres feito pelo amor de Deus, nos consolará na morte e na eternidade. Trabalhos e fadigas durarão pouco; eterna será a coroa que já vislumbra os nossos olhos. Como estão contentes os santos por terem sofrido o que sofreram por amor de Deus! Se no paraíso pudesse entrar aflição, só

disto se afligiriam os Bem-aventurados: de ter deixado de fazer por Deus o pouco que puderam e já não podem fazer. Ânimo e sem demora, porque não há tempo a perder; o que se pode fazer hoje, já se não pode fazer amanhã. Dizia S. Bernardino de Sena que um instante vale tanto como Deus, pois em cada instante podemos conquistar Deus e a Sua graça ou maiores graus de graça.

ORAÇÃO

Eis me aqui meu Deus. O meu coração, Senhor, está pronto, eis-me disposto a fazer quanto quizerdes de mim. Dizei-me, dulcíssimo Jesus, o que exigis de mim, que eu estou pronto a obedecer-Vos em tudo. Choro o tempo que perdi, em que podia agradar-Vos e não o fiz. Dou-Vos graças pelo tempo que me dais para o fazer. É resolução assente não continuar a perdê-lo.

Eu quero e desejo fazer-me santo, não para gozar maior glória e mais delicias no céu; quero ser santo para Vos amar mais, para Vos dar mais gosto nesta e na outra vida. Fazei, Senhor, que Vos ame, fazei que Vos agrade quanto Vós desejais. Eis

tudo quanto Vos peço, Deus e Senhor meu. A minha ambição é amar-Vos, amar-Vos de todo o coração e para Vos amar me ofereço a sofrer todas as privações e trabalhos. Aumentai, Senhor, em mim este anelo e concedei-me a graça de o pôr por obra. Só por mim nada posso, mas ajudado por Vós, posso tudo. Eterno Pai, ouvi-me por amor de Jesus Cristo. Dulcíssimo Jesus, pelos méritos da Vossa Sagrada Paixão, socorrei-me! Maria Santíssima, minha esperança, amparai-me!

DÉCIMA CONSIDERAÇÃO

Do amor que devemos ter a Jesus Cristo para corresponder ao amor que Ele nos mostrou

Para ter conhecimento cabal do amor que o filho de Deus teve por nós, bastará meditar as palavras de S. Paulo: *Aniquilou-se a si mesmo, tomando forma de escravo, feito à semelhança dos homens... Abateu-se a si mesmo, feito obediente até à morte de cruz (Phil., 2,7).*

Aniquilou a si mesmo! Que espanto não deve ter causado e causará aos anjos por toda a eternidade, ver Deus fazer-se ho-

mem por amor do homem, e sujeitar-se a todas as humilhações e trabalhos humanos! *E o Verbo se fez carne* (Jn. 1,4). Quem não ficaria estupefacto se visse um rei convertido em verme por amor dos vermes? É, porém, maravilha imensamente maior ver a Deus feito homem: E depois vê-lo humilhado até à morte tão penosa e aviltante da cruz, na qual acabou a Sua vida. Os profetas Moisés e Elias, falando no Tabor acerca da morte de Jesus, chamaram-lhe, como diz o evangelho, excesso: *E eis aqui dois varões que falavam com Ele os quais eram Moisés e Elias, que, aparecendo circundados de glória tratavam do que Ele ia realizar em Jerusalém.* (Luc. 9,31).

E S. Boaventura comenta judiciosamente que a morte de Jesus foi com sobeja razão chamada excesso porque foi um excesso de dor e de amor em que nunca se poderia acreditar, se não tivesse acontecido. Extremo de amor, ajunta Santo Agostinho, que levou o filho de Deus a vir à terra levar vida tão penosamente trabalhosa com morte ignominiosíssima para dar a conhecer ao homem quanto o amava (Catech. rud., c. 4).

Revelou o Senhor à sua serva Armela Nicolás que tinha sido o amor a causa de todos os seus trabalhos e morte afrontosa. Se Jesus Cristo não fora Deus, mas simplesmente um homem nosso amigo, que maior prova de amor teria podido dar-nos do que morrer por nós? Maior amor que este ninguém o tem: Que dar alguém a vida por seus amigos. (Joan. 14,13). Tendo presente o amor que Jesus Cristo nos mostrou, os santos julgaram fazer muito pouco dando a vida e quanto possuíam por quem os tinha amado com tais extremos.

Quantos jovens, quantos nobres deixaram a casa, a pátria, as riquezas, a família, tudo para se recolherem a um claustro e viverem só para o amor de Jesus Cristo! Quantas donzelas renunciaram à mão dos príncipes e grandes do mundo e caminharam alegres para a morte, com o fim de corresponderem de algum modo ao amor de quem por seu amor morreu justificado num patíbulo infame. A Santa Maria Madalena de Pazzi parecia isto loucura. Daí vinha o chamar-Lhe louco de amor: *Sim, meu Jesus*, repetia ela, *sois louco de amor*. Também os gentios, quando ouviam pregar a morte do nosso divino Redentor

cuidavam tratar-se de loucura que não podiam compreender: *Pregamos um Cristo crucificado; para os judeus escândalo; para os gentios, loucura.* (I Cor. 1,23).

Como é possível, diziam de si para si, que Deus tão feliz em si mesmo, que de nada tem necessidade, tenha morrido por amor dos homens seus escravos? Isto é o mesmo que acreditar num Deus enlouquecido por amor dos homens. Mas é de fé que Jesus Cristo, verdadeiro filho de Deus, se entregou à morte por amor de nós. *Caminhai no amor, assim como Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós* (Eph., 5,2).

Tinha razão pois Santa Maria Madalena quando exclamava chorando a ingratidão dos homens para com Deus, que os amou até ao último extremo: *O amor não é conhecido, o amor não é amado.* E de facto, Jesus Cristo não é amado dos homens, porque vivem esquecidos do seu amor.

Alma que medite que Jesus Cristo mor-



reus por seu amor, há-de forçosamente acabar por não poder viver sem O amar: *Porque o amor de Cristo nos compele.* (II Cor. 5,14). Sentir-se-á inflamar e quase forçar a quem tanto o amou.

Jesus Cristo, como ensina o P.^o Niemberg, podia remir-nos com uma só gota do seu sangue e Ele quis derramá-lo todo, até dar a vida, a fim de que à vista dos tormentos tão atrozes da sua morte nos não contentássemos simplesmente com O amar, mas fôssemos docemente impedidos a amar com todo o coração o nosso Redentor tão apaixonado por nós: *E por todos morreu, para que os que vivem não vivam já para si mesmos, senão para Aquele que por eles morreu e ressuscitou.* (II Cor. 5,15).

ORAÇÃO

Ó meu Jesus, meu Senhor, meu Redentor, quanto não fizestes para me obrigar a amar-Vos?! Quanto Vos não custou o amor que me tendes? Muito ingrato seria eu se me contentasse com amar-Vos apenas friamente, depois de terdes dado por mim o sangue, a vida, tudo, e a Vós mes-

mo. Se Vós morrestes por mim, Vosso pobre escravo, é bem de razão que morra por Vós, meu Deus e meu tudo. Seja assim, meu dulcíssimo Jesus; desprender-me-ei de tudo para me entregar todo a Vós. Renuncio ao amor de todas as criaturas para me consagrar única e inteiramente a Vós. O meu amado é eleito entre mil. (Cant. 5,10). Também eu quero eleger-Vos a Vós, Senhor, por meu tesouro, por meu único amor. Amo-Vos meu Bom Jesus, amo-Vos de todo o coração. Repito e repetirei sempre: Amo-Vos, amo-Vos muito, já que Vos não contentais de que Vos ame pouco. Vós não quereis que ame outra coisa senão a Vós. Anseio por Vos contentar em tudo, por Vos amar muito; só a Vós quero, só a Vós amo. Meu Deus, ajudai-me com o Vosso auxílio a agradar-Vos plenamente.

Ó Maria Santíssima, Rainha do Céu, ajudai-me Vós também a amar muito o meu Deus. Assim seja, assim o espero.

*DÉCIMA PRIMEIRA CONSIDERAÇÃO***Da grande ventura que têm os religiosos de habitar com Jesus Sacramentado**

A Venerável Madre Maria de Jesus, fundadora de uma Congregação em Tolosa, dizia que por duas grandes razões estimava a sorte de ser religiosa: a primeira, porque os religiosos, pelo seu voto de obediência, se consagram todos a Deus; a segunda, porque eles gozam da ventura de morar sempre com Jesus Sacramentado.

E na verdade, se os mundanos estimam em tão alto grau o serem chamados pelos reis para habitar em seu palácio, quanto mais não havemos de estimar nós os religiosos o termos sido trazidos a viver com o Rei do Céu em Sua casa?

Nas igrejas das casas religiosas, Jesus está, sempre ao alcance de poder ser visitado a qualquer hora. Ao passo que no mundo, os seculares apenas têm meio de o fazer alguma vez durante o dia e nalguns lugares só pela manhã. O religioso está em condições de encontrar Jesus no tabernáculo, sempre: pela manhã, durante

o dia, à noite. Ali pode tratar continuamente com o seu Senhor; ali se compraz Jesus de se entreter familiarmente com os seus servos dilectos, pois foi justamente para este fim que os tirou do Egipto do mundo, para nesta vida eles Lhe fazerem companhia enquanto encoberto no Santíssimo Sacramento, e na outra ser Ele já visto face a face, seu companheiro no paraíso.

De todas as casas religiosas se pode dizer afoitamente: *Ó solidão em que Deus fala familiarmente com os seus!* As almas que amam deveras a Jesus Cristo não anseiam por maior paraíso na terra do que encontrar-se na presença do seu Senhor Sacramentado, o qual permanece nos nossos altares por amor de quem O procura e visita: *O seu trato não tem desabrimiento, nem oborrecimento a sua convivência.* (Sap. 8,16).

Aborrece-se na companhia de Jesus Cristo quem O não ama; a alma que neste mundo pôs todo o seu amor só em Jesus Cristo encontra no Santíssimo Sacramento todo o seu tesouro, o seu repouso e o seu paraíso. Por isso dedica todo o amor do seu coração a visitar e a fazer companhia a Jesus Sacramentado, desafogando ao pé

do altar os seus affectos, as suas aflições, os seus anelos de O contemplar face a face, de fazer tudo para em tudo lhe agradar.

ORAÇÃO

Eis-me na Vossa presença, ó meu Jesus Sacramentado. Vós sois aquele mesmo que um dia se sacrificou por mim na cruz; sois aquele que levou o seu amor ao extremo de se encerrar por mim nesse cárcere. Entre tantos que Vos ofenderam muito menos do que eu, que Vos amaram mais do que eu, Vós, por Vossa divina bondade, me elegestes para Vos fazer companhia nesta casa para onde me transplantastes tirando-me do mundo; Vós me destinastes a viver sempre convosco para depois me levardes a louvar-Vos no reino eterno. Senhor, eu Vos dou infinitas graças. *Donde mereci esta graça? Mais de mil vale um dia nos teus átrios, e prefiro estar à porta da casa do meu Deus antes que morar nas tendas da iniquidade.* (Ps. 83,11). Meu dulcíssimo Jesus, rejubilo de contente por ter abandonado o mundo e ardo em desejos de me exercitar no officio mais humilde da Vossa casa,

preferindo-a a habitar nos palácios mais soberbos dos homens.

Recebei-me, Senhor meu, para ficar convosco toda a vida; não me desampareis como eu mereceria. Aceitai de bom grado que entre tantos irmãos edificantes que Vos servem nesta casa, Vos sirva também eu, ainda que misero pecador.

Vivi já tantos anos longe de Vós, mas agora que me destes luzes para conhecer a vaidade do mundo e a minha loucura, não quero, meu Jesus, sair de junto de Vós. Será a Vossa presença que me há-de ajudar quando for tentado; a Vossa vizinhança é que me há-de recordar a obrigação em que estou de Vos amar e de recorrer sempre a Vós nos combates com o inferno. Por isso quero viver perto de Vós, para me unir e estreitar mais e mais a Vosso Coração.

Amo-Vos, Deus meu, escondido no Santíssimo Sacramento. Por meu amor estais Vós continuamente nesse altar; por Vosso amor quero estar sempre enquanto puder na Vossa presença. Vós, aqui escondido, estais ardendo sempre no meu amor; eu, aqui enclausurado, no Vosso amor quero viver abrasado. Viveremos sempre unidos, ó meu Jesus, meu amor, meu tudo, vive-

remos juntos; no tempo, nesta casa, na eternidade, no paraíso.

Maria Santíssima, minha Mãe, alcançai-me o amor do Santíssimo Sacramento.

DÉCIMA SEGUNDA CONSIDERAÇÃO

De como a vida dos religiosos se assemelha mais à vida de Jesus Cristo

Ensina o Apóstolo S. Paulo que o Eterno Pai predestina para o reino do céu só aqueles que compõem a sua vida pela vida do Verbo Incarnado: *Porque os que de antemão conheceu os destinou a ser conformes com a imagem do seu filho, em ordem a que fosse Ele o primogénito entre muitos irmãos.* (Rom. 8,29). Devem, por isso, os religiosos estar contentes e seguros do paraíso, vendo que Deus os chamou para um estado de vida que entre todos é o mais conforme com a vida de Jesus Cristo. Quis Jesus na terra levar vida pobre, de simples aprendiz de carpinteiro, vestir pobremente e pobremente se alimentar: *Sendo rico se empobreceu; para que vós com a sua pobreza enriquecêsseis.* (II Cor. 89).

Além disso, Jesus escolheu vida mortificada, afastada dos prazeres desta terra, sempre acompanhada de trabalhos e amarguras desde o nascimento até à morte. Donde veio o profeta a chamar-lhe o *Homem das dores*. (Is. 53,2). Por este meio deu o Senhor a entender aos seus servos qual era o género de vida que Ele queria fosse adoptada por quem se destinasse a segui-lo: *Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me*. (Matth. 16,24).

Seguindo este exemplo, e obedecendo a este convite, procuraram os santos despojar-se de todos os bens da terra, tomaram às costas o peso da sua cruz e com ele seguiram o seu amado Senhor...

Este foi o caminho seguido por S. Bento, filho do senhor de Núrsia e parente do imperador Justiniano, mimoso do mundo em riquezas e prazeres, o qual, aos catorze anos, se retirou para uma gruta no monte Subiaco, onde, não recebia, para viver, mais que um bocado de pão que lhe levava todos os dias por esmola um monge por nome Romano.

Foi-lhe nas pisadas S. Francisco de Assis, renunciando em seu pai a sua herança, entregando-lhe a própria camisa e

consagrando-se todo pobre e mortificado a Jesus Cristo. Igual exemplo deram S. Francisco de Bórgia e S. Luís Gonzaga, o primeiro duque de Gandia e o segundo senhor de Castiglione. Ambos deixaram riquezas, estados, vassallos, pátria, casa e família e se foram viver como pobres na religião. E como eles procederam tantos outros nobres e príncipes de sangue real.

A Beata Zedmerna, filha do rei da Etiópia renunciou à coroa para ser monja dominicana. A Beata Joana de Portugal preferiu entrar em religião a sentar-se nos tronos da França e da Inglaterra. Só na ordem beneditina se contam vinte e cinco imperadores e setenta e cinco reis e rainhas que deixaram o mundo para viverem pobres, mortificados e esquecidos no silêncio do claustro. Estes e não os grandes do mundo é que são os verdadeiramente felizes. Os mundanos têm-nos agora por loucos, mas no vale de Josafá reconhecerão que os loucos foram eles, e vendo os santos sentados nos seus tronos e coroados por Deus, por entre clamores de desespero *«dirão entre si, desenganados, e com a angústia de espírito gemerão: Era esse*

o que em outro tempo tivemos como objecto de irrisão e como protótipo de abjecção. (Sap. 5,3 e seg.).

ORAÇÃO

Ó meu Jesus, Mestre e Redentor nosso, sou eu do número daqueles felizes chamados por Vós para Vos seguir. Meu Jesus, eu Vos dou infinitas graças. Eu deixo tudo, e quereria ter mais para deixar para Vos seguir de perto, meu Rei e meu Deus, que por meu amor escolhestes vida tão pobre e desprezada e tanto à Vossa custa me quisestes dar alento com o Vosso exemplo.

Segui adiante, meu bom Jesus, que eu irei pelo Vosso caminho. Destinai-me a cruz que for do Vosso agrado e ajudai-me, que estou disposto a levá-la com amor e constância. Pesa-me de Vos ter abandonado noutro tempo, para ir após dos meus gostos e vaidades do mundo. Prometo agora nunca vos tornar a abandonar. Prendei-me, Senhor, à Vossa cruz; e se alguma vez por fraqueza Vos opuser resistência, arrastai-me com as doces cadeias do Vosso amor; não permitais que eu Vos ofenda.

Renuncio, a todas as alegrias do mundo; o meu único contentamento será seguir-Vos amando, sofrendo tudo o que a Vós aprouver. Espero encontrar-me depois um dia no Vosso reino ligado a Vós com os vínculos do amor eterno, já seguro de não ter de recear de me ver desprendido e separado de Vós. Amo-Vos, meu Deus, e meu tudo, e amar-Vos-ei para sempre. Assim o espero.

Maria Santíssima, Vós que na terra mais Vos assemelhastes a Jesus, sois agora mais poderosa para implorar de Deus a graça; amparai-me e protegei-me.

DÉCIMA TERCEIRA CONSIDERAÇÃO

Do zelo da salvação das almas que devem ter os religiosos (1)

Aquele que é chamado para a Congregação do Santíssimo Redentor não será nunca verdadeiro discípulo de Jesus

(1) Embora, nesta Consideração pensasse o Autor na sua Congregação do St.^{mo} Redentor, o assunto interessa a todos os religiosos que, duma maneira ou doutra, estão chamados a exercer o apostolado. (N. do E.)

Cristo nem chegará jamais a ser santo, se não corresponder aos fins da sua vocação e não tiver o espírito do seu Instituto, que é de salvar almas e entre elas as mais necessitadas, as mais privadas de auxílios espirituais, como são as pobres gentes do campo.

Com este intento veio Jesus Cristo ao mundo como formalmente declarou por estas palavras:



O Espírito do Senhor sobre mim, por quanto me ungiu; para evangelizar aos pobres me enviu. (Luc., 4,18.). Em nada quis experimentar a sinceridade do amor de S. Pedro, senão encomendando-lhe a guarda das suas ovelhas: *Simão, filho de João, amas-me? Apascenta as minhas ovelhas. (Joan. 21,17).* Não lhe impôs, diz S. João Crisóstomo, penitência, orações, ou outro qualquer trabalho, mas apenas que cuidasse de salvar as suas ovelhas: *Não lhe disse Jesus Cristo: aban-*

dona as riquezas, jejua, macera-te com trabalhos; mandou-lhe: apascenta as minhas ovelhas. E nosso Senhor Jesus Cristo foi até ao ponto de declarar que considerava como feito a si mesmo todo o benefício que fizéssemos aos humildes: Em verdade vos digo, quanto fizestes a um dos meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes. (Mat. 25,40).

Todo o religioso deve, pois, alimentar este sonho, inflamar-se neste zelo, cultivar este espírito de salvar almas. Para este fim há-de dirigir todos os seus estudos. E, quando os superiores o destinarem para este ofício, nele tem de pôr todo o seu empenho e atenção. Não poderia crer-se verdadeiro filho desta Congregação quem não aceitasse com todo o affecto esta ocupação, quando a obediência lha impusesse, com o pretexto de atender só a si mesmo levando vida retirada e solitária.

E que maior glória para um homem do que ser cooperador de Deus, como diz S. Paulo, nesta grande obra da salvação das almas? Quem ama a Deus com amor sincero, não se contenta com ser só a amá-lo, o seu supremo anelo será atrair todos para esta fogueira divina e dirá

com David: *Cantai a Javé suas grandezas comigo, de forma que juntos exaltemos seu nome.* (Ps. 33,4). Daí vem Santo Agostinho a exortar todos os que amam a Deus: *Se amais a Deus, arrastai todos para o seu amor.*

Razão bem fundada pode ter de esperar a salvação eterna aquele que se entrega com verdadeiro zelo à salvação das almas dos outros. É o mesmo Santo Agostinho que vem corroborar o nosso asserto: *Salvaste uma alma? Predestinaste a tua.* E o Espírito Santo nos promete por Isaías: *Quando deres teu pão ao faminto (quer dizer quando tiveres trabalhado pelo bem do pobre) e saciares uma alma humilhada (isto é quando com as tuas obras a tiveres enchido de graça) irradiará nas trevas a tua luz.* (Is. 58,10). O Senhor inundará a alma de luz e dos seus dons. S. Paulo colocava a esperança da sua salvação eterna, na salvação que ele procurava para os outros, e por isso dizia aos seus discípulos de Tessalônica: *Pois qual é a nossa esperança, o gozo, a coroa de glória na presença de nosso Senhor Jesus Cristo em sua vinda? Porventura não sois Vós? Sim,*

Vós sois a nossa glória e gozo. (I Tess. 2,19).

ORAÇÃO

Senhor meu Jesus Cristo, como poderei eu agradecer-Vos suficientemente por me terdes chamado a desempenhar o mesmo ofício que Vós quisestes exercer na terra: andar empenhado com os meus trabalhos a ajudar as almas a salvarem-se? Como mereci eu esta honra e este prémio, depois de Vos ter ofendido tão gravemente e de ter sido ocasião de outros Vos terem ofendido também?

Ó Jesus, meu Salvador, já que me chamais e cooperar convosco nesta grande empresa, quero empenhar nela todas as minhas forças. Ofereço-Vos, Senhor, todas as fadigas, o próprio sangue, a vida para Vos obedecer. Não pretendo com isto seguir a minha inclinação ou conseguir dos homens aplausos e estima; o meu único fim é ver-Vos amado de todos como mereceis.

Bendigo a minha sorte e tenho-me por feliz, porque Vós me elegestes para este grande ministério. E, ao desempenhá-lo,

proponho-me renunciar a todos os louvores dos homens, a todas as minhas satisfações; só uma coisa almejo: a Vossa glória. Seja para Vós toda a honra e glória e para mim somente os trabalhos, os vitupérios e humilhações. Aceitai, Senhor, o oferecimento que vos faz um mísero peccador, que só aspira a amar-Vos e a ver-Vos amado dos outros; dai-me forças para cumprir o meu propósito.

Maria Santíssima, minha Mãe e Advogada poderosíssima, que tanto me tendes amado, ajudai-me.

DÉCIMA QUARTA CONSIDERAÇÃO

Da grande necessidade que tem o religioso da mansidão e da humildade

Jesus Cristo, nosso amabilíssimo Redentor, quis ser chamado Cordeiro, precisamente para nos indicar como era manso e humilde. Estas foram as duas virtudes que Ele de modo especial quis inculcar aos seus discípulos: *Tomai o meu jugo sobre vós, e aprendei de mim, pois sou manso e humilde do Coração.* (Math.

11,29). É nos religiosos que professam imitar a Nosso Senhor que se requerem muito principalmente estas virtudes. Quem vive na solidão do deserto, não tem necessidade destas virtudes; mas quem vive em comunidade, é impossível que não tenha que sofrer as repreensões dos superiores, e os desgostos dos irmãos. Daí virá que um religioso que não se exercita na mansidão, cometerá diàriamente muitas faltas e levará vida atribulada. É mister que se use de doçura com todos, com os estranhos e com os irmãos, bem como com os súbditos, caso se exerça cargo de superior. Deve ter-se sempre presente que se é súbdito, lhe valerá mais um acto de mansidão no sofrer dos desprezos e repreensões, do que mil dias de jejum e outras tantas disciplinas. Observava S. Francisco que há muitos que fazem consistir a perfeição nas mortificações exteriores e não podem suportar uma palavra ofensiva: *Não comprehendem—acrescentava ele — quanto sobreleva em merecimento o tolerar das injúrias.* Quantas, pessoas, comenta S. Bernardo, são a própria mansidão, quando tudo corre à medida dos seus desejos, mas logo que são contrariadas dão logo a conhecer a sua

falta de paciência e aspereza de gênio. E se alguém está investido no ofício de superior, advirta que tirará mais proveito da repreensão feita com doçura do que usando de severidade.

Quem é manso é útil a si e aos outros, ensina S. João Crisóstomo. Em suma, como assevera o mesmo santo, a pedra de toque de uma pessoa virtuosa é vê-la mansa nas ocasiões. Um coração manso é as delícias do coração de Deus: *O que Lhe agrada é a fé e a mansidão*. (Eccli. 1,34). É de aconselhar que o religioso se represente nas suas meditações todas as contrariedades que lhe possam surgir no caminho e se arme contra elas. Logo que elas cheguem, faça-se violência para não perder a calma e prorromper em ímpetos de impaciência. Coiba-se, pois, de falar, em momentos de irritação e perturbação; deixe serenar o ânimo.

Mas para suportar em paz as injúrias é muito necessário estar bem fundado na humildade. Quem é verdadeiramente humilde não só não se perturba com ver-se desprezado, mas antes se compraz e rejubila em espírito, ainda que a carne recalcitre, ao ver-se tratado como ele julga merecer ser tratado, feito semelhante a

Jesus Cristo, o qual, sendo digno de toda a honra, quis por nosso amor ser saciado de opróbrios e injúrias.

Frei Junípero, discípulo de S. Francisco, quando recebia qualquer ofensa, estendia a túnica, como se esperasse receber pérolas, caídas do céu. Mais ávidos são os santos de desprezos do que os mundanos de aplausos e honras. Para que serve um religioso que não sabe suportar um desprezo por amor de Deus? Será sempre soberbo, ou, quando fingidamente humilde, a quem resistirá a graça divina, como diz o Espírito Santo: *Deus resiste aos soberbos mas dá a sua graça aos humildes.* (I Petr., 5,5).

ORAÇÃO

Ó meu humilíssimo Jesus, que por meu amor Vos humilhastes e fizestes obediente até à morte e morte cruz, como tenho ânimo de comparecer na Vossa presença e de me chamar Vosso discípulo, sabendo-me tão pecador e soberbo, que não posso suportar um desprezo sem me resentir?

E donde me pode vir a mim soberba tão grande depois de, por meus pecados,

ter merecido tanta vez ser calcado eternamente pelos demónios no inferno? Ah!, meu Jesus desprezado por meu amor, ajudai-me, fazei-me semelhante a Vós. Quero mudar de teor de vida. Vós, por meu amor, quisestes sofrer tantos opróbrios; eu, por Vosso amor, quero suportar todas as injúrias e humilhações.

Vós, meu Redentor, abraçando com tanto amor durante a Vossa vida os desprezos e humilhações, tornastes-los honrosos e apetecíveis: *A mim, porém, jamais me aconteça gloriar-me de outra coisa senão na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo.* (Gal., 6,14).

Ó Maria, humilíssima Senhora e Mãe de Deus! Vós que em tudo e muito especialmente no sofrimento fostes semelhante a vosso Filho, obtende-me a graça de suportar mansamente com paciência todas as humilhações e desprezos que de hoje em diante venha a receber.



DÉCIMA QUINTA CONSIDERAÇÃO

Da confiança que os religiosos devem ter no patrocínio de Nossa Senhora

Se é verdade, e muito verdade, como afirma S. Pedro Damiano, que a Mãe de Deus, Maria Santíssima, ama a todos os homens com tais extremos de amor, que, depois de Deus; não há nem pode haver



quem a iguale — *ama-nos com amor invencível*, quanto não amará esta excelsa Rainha os religiosos que consagraram a sua liberdade e toda a sua vida ao serviço de seu divino Filho, Jesus? Não ignora Nossa Mãe do Céu

que a vida dos religiosos se assemelha mais à sua vida e à de Jesus que a do comum dos homens. Vê-os com muita frequência empregados em seus louvores, empenhados continuamente em honrá-la com novenas, visitas, rosários, jejuns, etc. Vê-os tam-

bém a seus pés, todos absortos a invocá-la e a pedir-Lhe graças, todas conformes aos seus santos desejos: de perseverança no seu divino serviço, de fortaleza contra as tentações, de desprendimento da terra, de amor de Deus. Quem é que pode duvidar de que Ela não interponha todo o seu valimento e misericórdia em favor dos religiosos?

Muito singularmente nós que pertencemos à congregação do Santíssimo Redentor e fazemos, como é bem sabido, especial profissão de honrar a Virgem Mãe com visitas, com jejuns no sábado, com mortificações particulares em suas novenas, com promover a sua devoção por meio de pregações e novenas, muito singularmente nós, repito, temos sobrada razão para confiar no amor e protecção da Mãe de Deus.

Nossa Senhora, a grande Senhora, timbra em ser grata para com os que A amam: *Amo aqueles de quem sou amada.* (Prov., 8,17). Leva os requintes da sua gratidão ao ponto de, como diz Santo André Cretense, a quem Lhe faz o mínimo obséquio, conceder graças muitas e muito grandes: *Tem por hábito prestar grandes benefícios a quem Lhe presta os meno-*

res obséquios. (Lect. 3, in off. B. V.).
A quem a honra e se esforça por que outros a honrem também promete libertá-lo de pecar. *Aqueles que se guiam por mim não pecarão; os que me derem a conhecer terão a vida eterna. (Eccli., 24,30).*

É, pois, dever nosso, e muito imperioso, dar graças a Deus por nos ter chamado a esta Congregação, onde, por costume da comunidade e pelos exemplos dos companheiros se nos recorda e quase obriga a recorrer a Maria Santíssima, a honrar a nossa Mãe amantíssima que se chama e é, na verdade, a alegria, a esperança, a vida, a salvação de quem a invoca, ama e honra.

ORAÇÃO

Ó amantíssima e amabilíssima Rainha, nunca me cansarei de dar graças a Jesus e a Vós que, além de me terdes arrancado do mundo, me chamastes para esta Congregação, cujo timbre é ter singular devoção para convosco. Aceitai-me, Mãe amantíssima, ao Vosso serviço. Não Vos dedigneis de receber entre os Vossos filhos dilectos este servo ainda que miserável. Vós, depois de Deus, haveis de ser

sempre a minha esperança, o meu único amor. É a vós que hei-de recorrer em todas as minhas necessidades, tribulações e tentações. Vós haveis de ser o meu refúgio e a minha consoladora. De ninguém mais quero e aceito conforto nos meus combates, nas tristezas e tédios desta vida, senão de Deus e de Vós.

Renuncio, para Vos servir, a todas as riquezas, reinos e bens do mundo. Para mim, reinar e possuir os bens da terra será servir, bendizer e amar neste mundo, a Vós, minha Mãe e Senhora dulcíssima. Vós, fonte da perseverança, alcançai-me a graça suprema de Vos ser fiel até à morte. É minha esperança bem firme que, procedendo assim, hei-de ir um dia para junto de vós a louvar-Vos e a bendizer-Vos por toda a eternidade, para nunca me arredar dos Vossos pés. *Jesus e Maria*, — do fundo do coração Vos repito com o Vosso fiel e fervoroso servo *Afonso Rodrigues* — *meus dulcíssimos amores, [faizei que eu sofra por Vós, que por Vós morra; que eu seja todo Vosso e nada meu.*

CAPÍTULO TERCEIRO

CONSELHOS AOS NOVIÇOS PARA OS AJUDAR A PERSEVERAR NA SUA VOCAÇÃO

São duas graças bem distintas entre si: a graça da vocação e a graça da perseverança na vocação.

Muitos receberam de Deus a vocação, mas depois por sua culpa se tornaram indignos de conseguir a santa perseverança: *E quem luta no estádio não é coroado se não luta conforme à lei.* (II Tim., 2,5). Não receberá, pois, o dom da perseverança e a coroa da vitória preparada por Deus para os que perseveram, senão o que cumpre da sua parte o que deve para combater os inimigos: *Venho sem demora; conserva o que tens para que ninguém se aproprie da tua coroa.* (Ap. 3, 11).

Querido jovem, já que por graça tão assinalada de Deus foste chamado pelo Senhor a seguir as suas pisadas, escuta como Ele te exorta e anima: «Tem muito cuidado, meu filho, em conservar a graça que recebeste de mim; teme e treme de a perder, porque se tu a perdes outro conquistará a coroa que te estava preparada».

I

Tentações mais comuns nos noviços

Quem entra no noviciado, entra ao serviço do Rei do Céu, o qual sói provar a lealdade daqueles que aceita como seus por meio de cruces e tentações, com que permite que o inferno os combata. Foi assim que foi dito a Tobias: *E pois eras aceite a Deus, necessário foi que a tentação te provasse.* (Tob., 12,13). A mesma coisa repete o Espírito Santo a todos aqueles que deixam o mundo para se darem todos ao serviço de Deus: *Ó filho, se entras ao serviço de Deus... prepara a tua alma para a tentação.* (Eccoli., 2,1).

Por conseguinte, o noviço, ao entrar na casa de Deus, deve dispor-se não para as consolações, mas couraçar-se contra as tentações e batalhas que o inferno oferece a quem se entrega inteiramente a Deus.

Advirta bem que o demônio tenta com mais empenho a um noviço para o levar a faltar à sua vocação — é este o seu fito supremo — do que a mil seculares, muito particularmente se ele entra em qualquer comunidade de vida activa. E com sobrada razão, porque um tal noviço, se persevera e é fiel a Deus, lhe arrancará das garras a milhares de pecadores que por seu ministério se hão-de salvar. Por isso o inimigo envidará todos os esforços para o ganhar seja de que modo for, pondo em jogo os recursos da sua refinada astúcia.

As tentações mais comuns com que o diabo costuma tentar os noviços para que abandonem a sua vocação são as seguintes:

1.º — *A ternura dos pais*

Para resistir a esta tentação é preciso reflectir que Jesus Christo declarou que não é digno de entrar no seu reino quem ama a seus pais mais do que a Ele: *Quem ama ao pai e à mãe mais do que a mim, não é digno de mim.* (Mat., 10,27). O mesmo Senhor declarou peremptoriamente que viera à terra não a trazer a paz, mas divisão entre pais e filhos: *Não*

imagineis que vim trazer a paz sobre a terra; não vim trazer a paz senão a espada. Porque vim separar o homem do seu pai e a filha da sua mãe. (Mat., 10,35). E por que tanto afã em separar os que estão unidos pelos laços do sangue? Porque bem sabia Nosso Senhor o grande dano que os parentes se causam uns aos outros; e que, no tocante à vocação religiosa, não temos piores inimigos do que os parentes, como o declara o próprio Jesus Cristo a seguir às palavras já citadas: Os inimigos do homem são os da sua casa.

Ó, quantos infelizes jovens, por causa do amor aos pais, perderam primeiro a vocação e depois, como succede communmente, a própria alma! Destes casos funestos conta a história inúmeros. Quero deixar aqui apenas alguns.

Traz o P.^e Jerónimo Pratti que certo dia um noviço recebeu a visita de pessoa muito chegada que lhe falou deste modo: Olha bem para o que te digo que é o amor que te professo que mo dita. Convence-te que não tens compleição capaz de resistir ao cansaço e estudos da religião. No século podes agradar mais a Deus, sobretudo se distribuires entre os

pobres parte das riquezas que Deus te deu. Se te obstinas em persistir no teu propósito, arrepender-te-ás e, por fim, com grande vergonha serás obrigado a abandonar a religião, quando, devido ao teu pouco talento e à falta de saúde, tiveres de exercer o ofício de porteiro ou de cozinheiro. Mais te vale, pois, sair do mosteiro hoje do que amanhã.

Seduzido o pobre noviço por estes capciosos argumentos, assim o fez. Não passaram muitos dias antes que o desgraçado jovem se entregasse a toda a sorte de vícios e viesse às mãos com um grupo dos seus rivais. Na contenda foram mal feridos ele e o parente que o extraviou; ambos em pouco tempo vieram a morrer no mesmo dia. O que é mais para lamentar é que o infeliz noviço morreu sem confissão de que andava tão necessitado.

Conta igualmente o P.^e Casalichio (*Stim. al santo Timore, Stim 8*) que um certo cavalleiro, quando a tentação o empurrava para uma casa de má nota, ouviu soar a campainha dum convento de capuchinhos que tocava a matinas. Disse de si para si: como posso ir eu a ofender a Deus quando à mesma hora os seus servos o

vão louvar? Obedeceu à voz de Deus e entrou em religião. Sua mãe tanto fez e disse que o triste homem regressou à casa paterna. E que veio a acontecer? Passados poucos meses, foi morto pelos seus inimigos e morto foi levado à sua mãe sobre uma padiola.

Narra Dionísio Cartusiano (*in Schola relig.*) que dois noviços da sua ordem, cedendo às instâncias e conselhos de seus pais, trairam a sua vocação. Passados dias, sobreveio uma peste e pais e filhos todos dela pereceram e, para maior desgraça, de morte desventurada.

Refere também o P.^o Mancinelli o caso de um jovem de nobre estirpe, o qual, ainda que entrara em religião com resolução bem assente de servir a Deus, se deixou persuadir pelos rogos e lágrimas de sua mãe e saiu do mosteiro. Logrado o seu intento, a desvairada mãe, para integrar completamente o seu filho na vida do século, mandou-lhe dar lições de esgrima. Ora certo dia, enquanto ele se entregava a este desporto com um dos seus amigos, este lhe vazou uma das vistas. A sua dor atingiu tal paroxismo, que caiu redondo no chão, sem tempo para se confessar.

Diz-nos o mesmo P.^e Casalichio, na obra já citada (Stim 6) que, tendo dado uma missão em lugar vizinho de Cosenza, chamado *Si Caroli*, soube que um jovem se retirara para o convento dos capuchinhos. Seu pai foi com grande alvoroço reclamar seu filho. Como não lograsse o seu intento, mandou um seu irmão acompanhado de homens armados, os quais pela força o arrancaram do convento, distinguindo-se na façanha um seu cunhado.

E depois? Depois de um mês, o desventurado pai morreu miseravelmente colhido por temporal furioso em viagem por mar. Ao cabo de sessenta dias pereceu o cunhado fora de sua casa. E o mísero noviço, que não soube ser fiel à sua vocação, dentro de pouco tempo se viu convertido em chaga viva, e dos pés à cabeça suava pus. E assim, entre paroxismos de dor, deu a sua alma a Deus e só Deus também sabe em que disposições.

Dois exemplos se podem ler sobre o assunto de que venho falando na vida de S. Camilo de Lelis. Um certo jovem entrou para o noviciado que tinha em Nápoles a ordem religiosa fundada pelo dito santo. Assediou-o seu pai com rogos e demonstrações de ternura. A tudo resis-

tiu. Passou, depois, para Roma, e lá o foi desinquietar o desnordeado pai que não descansou até que não fez render o filho. Ao despedir-se do santo fundador, lhe profetizou este que, em castigo da sua deserção havia de acabar mal, sob a alçada da justiça. E de facto foi o que succedeu. Com o andar do tempo veio a contrair matrimónio e por ciúmes matou a mulher e dois criados. Preso, todas as riquezas e influência de seu pai não foram bastantes para lhe salvar a vida. Nove meses depois da saída da religião foi degolado no mercado de Nápoles. Na vida do mesmo santo vem outro exemplo do triste fim de um noviço infiel à sua vocação. Foi ter com S. Camilo um jovem resolido a voltar para o mundo. Predisse-lhe o santo o castigo de Deus. E a sua profecia saiu certa. Regressou o infeliz noviço a Messina e, passado meio ano, deu contas a Deus vitimado por morte súbita e sem sacramentos.

Toma muito cuidado, meu filho, para que o demónio te não leve a perder a vocação. O Senhor, que por graça muito particular te chamou a deixar o mundo e a dedicar-te todo ao seu serviço, quer de ti que não somente o deixes mas te

esqueças da tua pátria e parentes: *Escuta, minha filha, aplica o teu ouvido; esquece o teu povo e a casa paterna.* (Ps., 44,11).

Atende, pois ao que te diz o Senhor e vê que se o trocas por teus parentes, grande será a pena e o remorso que sentirás à hora da morte, ao recordares-te da casa de Deus que abandonaste e ao veres-te rodeado de irmãos e sobrinhos, que estarão junto de ti a chorar e a importunar-te, no momento solene em que tanto precisarias de ajudas espirituais. Choram e importunam-se para que lhes deixes o que tens, mas nenhum deles te dirá uma palavra de Deus. O seu empenho será enganar-te para não aumentar a pena que sentirás de morrer; embalar-te-ão com vãs esperanças e conseguirão talvez que apareças diante de Deus sem estar preparado para lhe dares contas.

Põe diante dos olhos, pelo contrário, o contentamento e paz que sentirias ao morrer, se, tendo ficado fiel a Deus, tiveses a sorte de acabar teus dias no meio dos teus irmãos em religião, os quais te ajudariam no teu passamento com as sua orações e esperança do paraíso. Não

te alimentariam vãs ilusões de viver, mas dar-te-iam a alegria de morrer.

Considera, além disso, que por mais extremos que sejam o amor e ternura com que te amem teus pais e parentes, muito mais acendrado é o amor de Deus para contigo. Não vai há mais de vinte ou trinta anos que teus pais te amam, e Deus ama-te desde toda a eternidade: *Amei-te com amor eterno.* (Jerem., 31,3). É verdade que teus pais fizeram despesas e sofreram muitos incômodos por tua causa; Jesus Cristo por ti deu o sangue e a vida. Quando sentires enternecer o coração com o amor de teus pais para que a gratidão te não induza a comprazer com eles, pensa que mais agradecido deves estar a Deus, que maior soma de benefícios e mais extremos de amor te dispensou do que todos os seres humanos juntos. Animate-te dizendo de ti para ti: *Meus pais, minha família, se vos deixo, deixo-vos por amor de Deus, que infinitamente mais do que vós merece o meu amor; amou-me com extremos indizivelmente superiores aos vossos. Compenetrado destas profundas verdades, vencerás esta terrível tentação dos pais. ruína de muitos nesta vida e na outra.*

2.º — *O temor de perder
a saúde*



A outra tentação com que o demónio sói assaltar os noviços é a *da saúde corporal*. É segredada nestes termos: Não vêes que com tal sorte de vida perderás a saúde, e nada poderás fazer de bem para Deus e para o mundo?

Desta tentação se defenderá o noviço pondo no Senhor a esperança de que, tendo-lhe Ele dado a vocação, o dotará também da saúde necessária para a seguir. E se, como é de supor, veio para casa de Deus para lhe agradecer, deve discorrer consigo mesmo do modo seguinte: «Não oculte nem oculto o estado da minha saúde aos superiores; eles receberam-me e agora não me despedem; é, pois, vontade de Deus que eu continue a estar aqui; e se é gosto de Deus, que importa que sofra e morra? Quantos anacoretas se não

retiraram a padecer, para as grutas dos bosques? Quantos mártires se não ofereceram para dar a vida por Jesus Cristo? Se é do seu agrado que eu, por seu amor, perca a vida e a saúde, isso me basta, com isso me contento. Outra coisa não desejo e nada melhor posso desejar. Esta deve ser a linguagem do noviço fervoroso, estes devem ser os anelos do noviço que aspira com sinceridade a ser santo; se no tempo do noviciado não for fervoroso, tenha por certo que nunca mais o será em todo o resto da sua vida.

3.º — *Os incómodos da vida em comunidade*

Outra tentação consiste no receio de não poder suportar os incómodos da vida em comunidade: a comida parca e mal cozinhada, a cama dura, o sono pouco, a saída proibida, o silêncio e, sobretudo, a renúncia constante à vontade própria.

Quando o noviço se vir assediado por estes pensamentos, responda-lhes com a resolução com que o fazia S. Bernardo, perguntando-se a si mesmo: *Bernardo, a que vieste?* Deverá convencer-se que não entrou em religião para levar vida cômoda,

mas para ser santo. E como há-de atingir a santidade? Com as comodidades e delicias? Não, de modo nenhum. Há-de ser padecendo, e morrendo para todos os appetites dos sentidos.

Dizia Santa Teresa: *Cuidar que Deus admita à sua amizade íntima gente regada, é despropósito.* (Cam. de perf., c. 28). E acrescenta em outro lugar: *Almas que deveras amam a Deus, não podem pedir descanso* (Fund., c. V). De modo que não assentou consigo ser santo quem não está resolvido a padecer e a padecer tudo por amor de Deus.

Não só não será santo, mas também não terá paz. Porventura a paz da alma se encontra nos prazeres, nos bens do mundo, na satisfação dos sentidos? Dar-se-á o caso de os grandes da terra, que de nada carecem e tudo têm em abundância, gozarem de paz do espirito? Estes são mais infelizes, pois se alimentam de fel e veneno: *Vaidade das vaidades e aflicção do espirito.* Foi assim que Salomão apelidou os bens terrenos e os prazeres de que ele hauriu a taça a plenos haustos.

O coração do homem abarrotado dos tesouros da terra, seja qual for a sua me-

dida, sempre ambiciona por mais e sempre está inquieto; mas quando é em Deus que ele procura a paz e põe a felicidade, em Deus a encontra e plena.

Contentai a Deus, dizia David, e Deus satisfará todas as aspirações do vosso coração: *Regala-te no Senhor e terá de dar-te quanto o teu coração d'Ele sollicite.* (Ps. 36,4). O P.^o Carlos de Lorena, irmão do duque do mesmo nome, era tal o excesso do seu contentamento, que na cela do seu convento se punha a dançar de alegria.

O Beato Serafim de Ascoli, religioso capuchinho, não duvidava asseverar que não trocaria um palmo do seu cordão por todas as riquezas e honras da terra. Santa Teresa ia mais além e dizia: *Quando a alma se resolve a padecer, acabou o sofrimento.*

4.^o — A desolação de espirito

É aqui altura de falar de outro engano com que o demónio tenta o noviço quando o sabe em *desolação de espirito*. Não vês, lhe sussurra ele, que não encontraste a paz? Perdeste a devoção; tudo é tédio: a oração, a leitura, a comunhão e até o

recreio. É sinal bem patente de que Deus não te quer aqui. Que terrível e perigosa tentação para noviços, ainda muito inexperientes!

Para vencer esta tentação temos de considerar, em primeiro lugar, em que consiste a verdadeira paz de alma nesta terra, que é lugar de merecimento e, portanto, lugar de trabalhos e de padecer. Não está a paz, como já vimos, no gozo dos bens do mundo, nem sequer no gozo das delícias espirituais, porque estas, por si mesmas, não aumentam o nosso merecimento, nem nos tornam mais agradáveis a Deus.



A verdadeira paz consiste simplesmente em pautar a nossa vontade pela vontade de Deus. Por onde a melhor tranquilidade por que devemos almejar é a de unir a nossa vontade à vontade do Senhor, ainda mesmo quando Ele nos quiser conservar na obscuridade e desolação. Quão agradável não é a Deus uma alma fiel que reza, lê, comunga sem consolação; faz tudo só por agradar a Deus! Que grande mérito não têm as obras e

exercícios de piedade feitos sem recompensa nenhuma neste mundo. Eis o que escreveu o Ven. P.^o António Torres a uma alma em estado de desolação: *Levar a cruz de Jesus Cristo sem consolação não faz correr a alma no caminho de perfeição, fá-la voar.*

Quando o noviço se encontrar na aridez dirá a Deus: Senhor, já que me quereis conservar assim desolado e privado de toda a consolação, eu assim quero viver, por quanto tempo for do Vosso divino agrado; não Vos hei-de deixar, estou pronto a padecer estes trabalhos durante toda a minha vida, por toda a eternidade, se tal for Vossa santa vontade. Basta-me saber que é soffrendo que Vos dou gosto.

Assim deve dizer e pensar o noviço que anela verdadeiramente por amar a Deus. Lembre-se, contudo, que nem sempre a fonte da consolação estará fechada. O demónio é que envidará todos os esforços para o levar ao desânimo, fazendo-lhe crer que aquella vida assim desolada durará para sempre e que um dia será reduzido ao desespero, persuadido de que não pode aguentar tão duro soffrimento.

Estas são as tempestades que o inimigo levanta na alma desolada a braços com a

secura de espírito. Mas não perder o ânimo, que em breve virá a bonança: Quem tem ouvidos, oiça o que diz o Espírito às Igrejas. *Ao que vencer lhe darei o maná escondido.* (Apoc., 2,17).

Aqueles que com paciência tiverem passado pela tempestade da aridez, sem se deixarem vencer nos combates que lhes tiver dado o inferno para os fazer voltar atrás, o Senhor os consolará generosamente fazendo-lhes saborear o maná escondido, a paz interna, a qual, no dizer de S. Paulo, supera a todos os prazeres dos sentidos: *E a paz de Deus, a qual sobrepuja toda a inteligência, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Jesus Cristo.* (Phil., 4,7).

Só o poder dizer: Eu faço a vontade de Deus, dou gosto a Deus, é contentamento que sobreleva a todo o contentamento que pode dar o mundo com os seus divertimentos, banquetes, festas, honras e grandezas.

Não pode deixar de se cumprir a promessa que Deus fez aos que deixassem tudo para O seguir: *Quem deixou casas, irmãos ou irmãs, o pai ou a mãe, os filhos ou campos, por causa do meu nome receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna.*

(Math., 19,29). A quem assim proceder está prometido o céu na outra vida e o cêntuplo nesta. E qual é este cêntuplo? É o testemunho da boa consciência que sobreleva por muito todas as delícias da terra.

5.º — *Dúvidas sobre a vocação*

Ainda não terminámos. Resta-nos falar das tentações mais perigosas. As tentações de que nos ocupámos assentam na carne e no sangue e por si traem a origem diabólica. Com a ajuda de Deus é mais fácil conhecê-las e vencê-las. As tentações mais para temidas são as que afixam a máscara do espírito e de maior perfeição. O disfarce sob que se apresentam lhes facilita o engano em que nos fazem cair.

A primeira tentação deste género oferece combate pondo *em dúvida a realidade da vocação*. É o demónio que a propõe ao espírito do noviço nos seguintes termos: Quem sabe se a tua vocação é verdadeira ou simples capricho da tua fantasia? Ora bem, se Deus de facto te não chamou, não terás o socorro e graça necessária para perseverar, e bem pode suceder que, de-

pois de feitos os votos, te arrependas e acabes por apostatar. No mundo ter-te-ias salvo; aqui perder-te-ás.

Para rebater esta tentação, é mister considerar como e quando uma pessoa pode ter a certeza de que a sua vocação é de Deus. A verdadeira vocação tem de obedecer a três condições.

A primeira, a rectidão da intenção: afastar-se dos perigos do mundo; assegurar melhor a salvação eterna; unir-se mais estreitamente com Deus.

A segunda, que não haja impedimento real de saúde, de talento e de pobreza dos pais. Todos estes óbices se removem consultando sinceramente os superiores, a cujo juízo se deve submeter depois de lhes ter exposto a situação com verdade e clareza.

A terceira, que o aceitem os superiores. Se estas três condições se derem, não tem o noviço que duvidar de que a sua vocação vem de Deus.

6.º — *No mundo era mais piedoso...*

A outra tentação é a que pode assaltar um jovem que no mundo levou vida espiritual e recolhida.

Tu, no século, lhe segredará o demónio, fazias mais prolongada oração, maiores mortificações; guardavas mais perfeito silêncio, vivias em apertado retiro: davas mais esmolas, etc. Ora, em religião não te será possível exercitar-te em tão santas obras e muito menos o poderás fazer acabado o noviciado, porque nessa altura te applicarão os superiores aos estudos, aos officios da comunidade e a outras obras que a obediência te imporá e te servirão de distracção, não de recolhimento.

O que vai de embuste e engano em todo este arrazoado! Quem der ouvidos a esta tentação é sinal bem claro que não comprehende o mérito da obediência.

Quem dedicou a Deus as orações (dizia Santa Maria Madalena de Pazzi que tudo quanto se fazia por obediência era oração); quem dá esmolas, jejua, faz penitência, dá a Deus parte do que é seu, mas não tudo. Ou, para melhor dizer, dá a Deus o que é seu, mas não se dá a si mesmo. Pelo contrário, quem renuncia à própria vontade por meio do voto da obediência, entrega a Deus tudo quanto é seu e a si mesmo e pode dizer afoitamente: Senhor, tendo-Vos consagrado toda a minha vontade, nada mais Vos posso oferecer.

A coisa de que o homem com mais dificuldade se priva é a própria vontade, mas também é o dom mais caro que podemos oferecer a Deus e que Deus mais insistentemente exige de nós: *Dá-me, filho, o teu coração, e os teus olhos meu caminho observem.* (Prov., 23,26).

Por isso nos assevera o Senhor que lhe agrada mais a obediência do que todos os outros sacrifícios que lhe possamos oferecer: *É melhor a obediência do que as vítimas.* (I Reg., 15,22). De modo que, quem por meio da obediência se entrega a Deus, com uma só vitória alcança muitas: domina os sentidos, despreza as honras e riquezas e passatempos mundanos e tudo quanto desvia de Deus: *O homem que escuta fala para a perpetuidade.* (Prov., 21,28).

Quem vive no mundo, merece, de certo, com os jejuns, com as mortificações, com a pregação; mas, como todas estas obras santas nascem da vontade própria, merece muito menos do que o religioso que tudo faz por obediência. Daí vem que o religioso entesoura méritos de mais subido quilate e em muito maior quantidade e sempre, porque, vivendo em comunidade, tudo quanto faz, é por obediência que o

faz. Merece não só quando prega, mas também quando jejua, quando se disciplina, quando estuda, quando sai de passeio, quando está à mesa ou no recreio ou a repousar.

Costumava dizer S. Luís Gonzaga que, dentro da nau da religião, faz viagem quem não voga nem rema.

É por isso que vemos que tantas pessoas idadas à piedade e a levar vida santa, procuram acolher-se debaixo da protecção da obediência, e entram em qualquer comunidade religiosa. Sabem muito bem que é outro o mérito das obras feitas sob o impulso da vontade própria, e o das que são feitas por obediência.

7.º — *No mundo poderia ganhar mais almas para Deus*

Semelhante a esta última tentação ou talvez ainda mais perigosa, é a que o demónio apresenta ao noviço fazendo-lhe crer que, ficando no mundo, seria de mais proveito ao seu próximo. «Tu, lhe diz e repisa Satanás, entraste para esta comunidade onde há tantos que se afadigam a ajudar as almas a salvarem-se; de muito mais proveito poderias ser tu

ocupado na doutrinação e evangelização dos teus patrícios, que tão grande necessidade têm de operários do evangelho».

Quem for tentado com este pretexto de maior utilidade para o próximo, tenha presente que o maior bem que podemos fazer é o que Deus quer que façamos. Deus não precisa de ninguém; se for do seu divino agrado socorrer os teus patrícios, Ele o fará por outros meios. Por consequência, tendo-te o Senhor chamado a alistar-te na milícia de uma ordem religiosa, o bem que Ele espera de ti é que obedças com fervor e docilidade a todas as regras e ao cumprimento da vontade dos superiores. E se a obediência te emprega a varrer a casa ou a lavar os pratos, ou estar sumido num canto é o maior bem que podes fazer.

Demais, que bem se pode fazer no seu próprio país? Mesmo Jesus Cristo convidado a pregar e a fazer bem aos seus compatriotas, respondeu: *Nenhum profeta é aceite na sua pátria.* (Luc., 4,24).

Pelo que diz respeito às confissões, costuma dizer-se que os confessores da terra são confessores de pecados veniais. E de facto assim é, porque há uma certa

repugnância em confessar pecados graves a um sacerdote compatriótico ou parente com que se trate familiarmente. Para os pecados graves prefere-se um sacerdote estranho com quem não haja intimidade.

Agora pelo que toca à pregação, é bem sabido que os pregadores da terra pouco fruto colhem, seja por eles serem patrióticos, seja por os ouvintes estarem habituados à mesma voz. Ainda que o pregador fosse um S. Paulo e ao princípio arrebatasse com a sua eloquência, decorridos seis meses ou, quando muito, um ano, não conseguiria agradar, e o fruto seria muito pouco.

Os missionários fazem muito bem nas terras para onde vão, porque eles são estranhos e as suas vozes novas. Não sofre dúvida que salvará mais almas num só mês ou numa só missão um sacerdote pertencente a uma comunidade religiosa, especialmente se ela for de missionários, do que se esse mesmo missionário passar dez anos a pregar na sua terra.

Além disso, não saindo da sua região, a ela se circunscreverá o seu zelo. Mas, dedicando-se às missões, contribuirá para salvar inúmeras regiões.

Mais ainda, quem fica no século, nunca saberá com certeza a que obra será da vontade de Deus que ele se applique. Mas quem vive em comunidade, obedecendo às ordens dos seus superiores, está sempre seguro de que faz o que Deus quer.

Por onde os religiosos são aqueles homens de quem se pode dizer com verdade: *Ditosos somos, Israel, pois o que é grato a Deus é de nós conhecido.* (Bar., 4,4).

8.º — *Não estou chamado à vida activa*

Falta ocupar-nos da última tentação com que o demónio experimenta a quem seja talvez favorecido de Deus com consolações espirituais sensíveis, com lágrimas e arroubos de amor. Não vês, insinua-lhe astuciosamente o demónio, que não foste chamado para a vida activa, mas para a contemplação, para a solidão e união com Deus? Tens de te recolher a uma religião de vida contemplativa ou, ao menos, a um ermitério. Esta é que é a tua vocação.

Se fosse eu a quem o demónio acomesse com esta tentação, responder-lhe-ia nestes termos: «Já que te atreves a falar-

-me de vocação, eu hei-de seguir a vocação de Deus, não a do meu capricho e escolha e muito menos a que tu pretendes sugerir-me. Tendo-me Deus chamado a esta religião, quem me garante que o querer sair dela é inspiração de Deus e não tentação tua?»

É agora deixa que te repita a ti o mesmo que disse a Satanás. Não há dúvida, meu irmão, que Deus chama a uns para a vida activa e a outros para a vida contemplativa. Mas, tendo-te chamado Deus para esta ordem religiosa de vida activa, deves antes temer que a outra vocação não venha de Deus, mas do inferno, que por este meio pretende perder-te.

É parecer, e muito sensato, de S. Filipe de Néri que se não deve trocar um estado bom por outro melhor, sem ter a certeza de que essa é a vontade de Deus. De modo que, para não errar, tens de estar mais do que moralmente certo que Deus quer que passes para outra religião. Mas em que podes fundar esta certeza, se os teus superiores e padre espiritual te affiançam que se trata de tentação do demónio? Além disso, hás-de levar em linha de conta, como ensina S. Tomás, que, apesar de que a vida contemplativa em si mesma

seja mais perfeita do que a activa, a vida mista, entrelaçada de oração e acção é mais perfeita porque foi a de Jesus Cristo.

Este é ainda o teor de vida de todas as ordens religiosas de vida activa bem ordenada, em que se dedicam todos os dias muitas horas à oração e ao silêncio. Podem estes religiosos dizer com verdade que, fora de casa, são operários da vinha do Senhor, e em casa, eremitas.

Portanto, não te deixes enganar, meu irmão, pelos especiosos argumentos e pretextos do inimigo. Tem a certeza de que, se saíres da religião, te arrependerás, como muitos se têm arrependido. Conhecerás o erro, quando já o não poderás remediar, porque, uma vez saído ou despedido da religião, difficilmente se torna a ser readmitido nela.

II

Meios de conservar a vocação

O primeiro é *evitar as faltas deliberadas.*

Tome-se muito em conta que o demónio tenta os noviços a cometer faltas não tanto para os induzir a pecar como para

os levar a pender a vocação. Do cair em faltas deliberadas, passará a perder o fervor na oração, na comunhão e em todos os outros exercícios de piedade. E o Senhor, pelo contrário apertará justamente a mão no conceder das suas graças, segundo a regra de S. Paulo: *Isto digo: quem semeia mesquinamente, mesquinamente também colherá.* (II Cor., 9,6).

E os defeitos e faltas em que se cai deliberadamente revestem carácter singularmente grave se se trata da soberba, porque aos soberbos resiste Deus e sobre eles exerce o demónio maior domínio. Deste modo, aumentando, por um lado, a tibieza do noviço, e faltando, por outro, a luz divina, será tarefa muito fácil para o inimigo alcançar o intento se o levar a perder a vocação.

O segundo meio é *desvendar o segredo, descobrir a tentação aos superiores.*

Dizia S. Filipe de Néri: *Tentação descoberta é tentação meio vencida.* Pelo contrário do mesmo modo que um apostema fechado se grangrena, assim também a tentação oculta desanda em ruína e perdição. Com efeito, a experiência mostra bem que aqueles a quem a tentação conseguiu

levar à encruzilhada de dois caminhos, à posição de deliberar por qual deles hão-de seguir, se pelo da direita, se pelo da esquerda, e se retraíram sobre si mesmos sem se abrirem com os superiores, quase todos acabaram por perder a vocação.

Em tal caso, há que fazer-se violência a si mesmo e comunicar imediatamente a tentação aos superiores. Deus Nosso Senhor se agradecerá tanto deste acto de humildade e daquela mortificação violenta que o noviço se impôs a si mesmo, que de repente dissipará com um raio das suas luzes todas as trevas e confusões.

O terceiro meio é a oração, isto é o recurso a Deus, para que Ele conceda a santa perseverança, a qual, como afirma Santo Agostinho, sem se pedir não se alcança.

Mas advirta bem o noviço que, depois de ter sido chamado por Deus, quando a tentação de abandonar a religião o acometer, não deve recorrer a Deus dizendo: Senhor, dai-me luzes para saber o que hei-de fazer. Estas luzes já Deus lhas concedeu ao chamá-lo. Se o noviço se limita a pedir conhecimento do caminho que hão-de seguir, facilmente o demónio fingindo

de anjo de luz, o poderá enganar, fazendo-lhe crer que o pensamento de sair da religião é inspiração divina. O seu pedido deve ser assim formulado: Senhor, já que me destes a vocação, dai-me força para perseverar nela.

Um certo jovem chamado por Deus para o estado religioso, depois de bem experimentada a sua vocação pelos seus directores espirituais, entrou num convento. Tanto fizeram os parentes que o levaram a retirar-se para outro lugar a fim de melhor examinar a sua vocação. Infelizmente, em vez de regressar aonde tinha partido, dirigiu-se à casa paterna, contentando os parentes e desgostando a Deus.

Perguntando-lhe eu, passado tempo, por que havia procedido tão desacertadamente, respondeu-me que pedira a Deus que lhe desse luzes: *Falai, Senhor, que o vosso servo escuta*, e, feita esta prece, resolvera voltar para casa de seus pais.

Disse-lhe eu então: Meu filho, desvirtuaste a tua oração. A tua vocação era verdadeira, confirmada por muitos sinais. Não devias ter dito: *Falai, Senhor, porque Deus já tinha falado*, mas: *Reforçai, Senhor, o que operaste em mim: Dai-me âni-*

mo para seguir a Vossa vontade, que Vós já Vos dignastes fazer-me conhecer. Adulteraste o sentido à tua oração, não pediste o que devias ter pedido, perdeste a vocação. Sirva a desgraça deste de escarmemento aos outros.

Não esqueça nunca o noviço que o tempo da tentação é tempo de trevas e confusão; não espere ver razões claras para tranquilizar o seu desassossego. Ponha então todo o seu empenho em se oferecer de novo a Deus e em pedir-Lhe nos seguintes termos: Entreguei-me a Vós e não quero deixar-Vos; ajudai-me, não permitais que Vos seja infiel. E dizendo isto e repetindo-o com tanta mais insistência quanto maior for o encarniçamento da tentação, e abrindo-se, como recomendei, com os superiores, a vitória será ganha.

Encomende-se naquele tempo de provação com mais fervor à protecção de Nossa Senhora, que é a Mãe da santa perseverança.

Um certo noviço, levado de vencida pela tentação, estava prestes a abandonar o mosteiro. Antes, porém, de o fazer, ajoelhou-se diante duma imagem da Santíssima Virgem e rezou uma Avé-Maria. No

mesmo instante sentiu-se como pregado ao chão sem poder levantar-se. Então, caindo em si, fez voto de perseverar. Ergueu-se naturalmente, pediu perdão ao mestre de noviços e perseverou em sua vocação.

Termino, meu irmão, pedindo-te que, quando a tentação, seja de que modo for, te assaltar sobre a vocação, reflectas principalmente em duas coisas: *Primeira*, que a graça da vocação que Deus generosamente te concedeu a ti, não a concedeu a tantos outros teus companheiros, talvez menos indignos dela do que tu: *Não fez assim com todos os povos. Teme e treme de lhe ser ingrato, voltando-lhe as costas, porque se assim o fizeres, pões em grande perigo a tua salvação. Tem a certeza de que neste mundo não poderias ter paz, atormentado sempre pelo remorso de lhe teres sido infiel.*

A segunda, quando a tentação se apresentar com mais fúria e talvez envide todos os esforços para te persuadir que, não saindo da religião, levarás vida torturada pelo desespero, que te arrependerás tarde ou cedo, que terás de dar contas a Deus; quando o demónio te segredar estes e outros embustes semelhantes, põe diante dos

olhos a hora da tua morte e reflecte que, se neste mesmo momento te encontrasses prestes a dar contas a Deus, não te arrependerias de ter seguido a tua vocação, mas sentirias contentamento e paz indizíveis. Se, pelo contrário, tivesses desertado do serviço de Deus sendo infiel à tua vocação, quais não seriam as tuas angústias e remorsos?

Traz sempre estas verdades no pensamento e receberás na vida e na morte a paz e a coroa que Deus tem preparadas para quem O serviu com fidelidade.

III

Oferecimento e oração que o noviço fará com frequência para alcançar a perseverança na vocação

Meu Senhor e meu Deus, quem poderá agradecer-Vos dignamente o terdes-me chamado com tanto amor para fazer parte da Vossa família mais chegada? Onde merecia eu esta graça depois de tantas ofensas que Vos tenho feito? Quantos dos meus companheiros não ficaram a viver no mundo entre tantas ocasiões e perigos

de se perderem? E eu fui chamado a viver em Vossa casa em companhia de tantos servos Vossos que Vos são especialmente queridos, na abundância de tantos socorros para me fazer santo. Espero, meu Deus e meu tudo, poder agradecer-Vos tão subida mercê no céu, onde cantarei sem cessar e por toda a eternidade as misericórdias que Vos dignastes usar comigo.

Entretanto, eu sou Vosso e Vosso quero ser para sempre. Já me dei todo a Vós e renovo agora a minha oferta. A minha única e suprema aspiração é ser-Vos fiel. Não Vos hei-de deixar, ainda que tenha de perder a vida, e mil vidas se tantas possuir. Aqui me tendes, meu Jesus, disposto a seguir sem reserva Vossa vontade santíssima. Fazei de mim o que for do Vosso divino agrado; e, se Vos aprouver que eu viva desolado, doente, desprezado, de bom grado aceitarei tudo; tratai-me como quiserdes. A mim basta-me saber que Vos obedeço e agrado. Só Vos peço que me concedais a graça de Vos amar de todo o meu coração e sempre com toda a fidelidade até à hora da morte.

Ó Maria, minha Mãe amantíssima! Fos-

tes Vós que me alcançastes de Deus quantas graças d'Ele recebi até hoje: o perdão dos meus pecados, a vocação, a força e resolução para a seguir. Completai Vós, Senhora, a obra começada, impetrando-me a santa perseverança até o final dos meus dias. Assim o espero, assim Vo-lo suplico.

IV

Recomendações ao noviço para conservar o fervor

Repreendido ou acusado, não te desculpes; dedica affecto especial diante de Deus a quem te acusa ou repreende.

Gosta de ser desprezado em tudo: nos officios, no vestuário, no quarto ou cela, na comida, etc.

Não te intrometas a dar o teu parecer, se não te for pedido. Mortifica-te em tudo segundo a prudência e a obediência: no comer, no dormir, no olhar, etc.

Guarda todo o recato e modéstia contigo e com os outros; não toques com as mãos nas mãos dos outros; não fixes neles os olhos, mas conserva-os sempre baixos,

especialmente na igreja, à mesa, na recreação, etc.

Conserva-te em silêncio e não fales senão quando a glória de Deus, a utilidade própria ou alheia assim o exigirem. E ao falar e especialmente no tempo das recreações, não levantes a voz; fuge das dissensões e das discussões sobre a nobreza do nascimento, a excelência do talento e o valor das riquezas. Não te entretinhas com propósitos vãos tais como os de apreciar manjares, descrever episódios e peripécias de jogos, de guerras, de caçadas; não te ocupes de honrarias, de vestidos, e de outras coisas de sabor secular.

Esforça-te, antes, por dirigir a conversa para assuntos em que entre a devoção, as vaidades do mundo, o amor de Deus e de sua Mãe Santíssima, a grande dita dos santos, o modo de adiantar na perfeição.

Se cáeres nalguma falta, humilha-te, arrepende-te, e volta à paz.

Não desejes nada que Deus não queira. Não peças consolações. Na aridez humilha-te e põe-te nas mãos de Deus, dizendo-lhe: *Senhor*, eu não mereço consolações; de bom grado viverei sempre neste estado.

Levanta com frequência o pensamento a Deus com jaculatórias.

Podem servir as seguintes:

Meu Deus, só a Vós quero, só a Vós amo

Dizei-me o que quereis de mim, que eu estou pronto a fazer tudo.

Fazei de mim o que Vos aprouver

Quero tudo o que Vós quereis

Meu Jesus, fazei que eu Vos ame e disponde de mim como quiserdes

Meu Jesus, eu amo-Vos, eu amo-Vos, amo-Vos

Dai-Vos a conhecer a todos; fazei que todos Vos amem

Renuncio a tudo; bastais-me, Senhor, só Vós.

Meu Deus e meu tudo

Viva Jesus nosso amor e a Sua Mãe Santíssima nossa esperança

Ó bom Jesus, sejais para sempre bendito e louvado;

A minha vida foi a causa da Vossa morte

E a Vossa morte, a causa da minha vida

CAPÍTULO QUARTO

I

Carta a um jovem estudioso, que anda preocupado com a eleição de estado



Recebi a sua outra estimadíssima carta, na qual me comunica que está ainda irresoluto a respeito do estado de vida que há-de eleger. Na mesma carta me informa que, tendo participado ao seu pároco o meu conselho de se retirar para tal efeito a fazer exercícios espirituais na casa que seu pai possui no campo, ele lhe respondeu que não era mister que fosse mirar os miolos na solidão durante oito dias; bastava que assistisse à missão que dentro em pouco se ia pregar na sua igreja.

Visto que de novo me pede conselho sobre os Exercícios, torna-se preciso que

a minha resposta seja longa e lhe exponha, em primeiro lugar, quanto é maior o proveito produzido pelos exercícios espirituais feitos em silêncio em qualquer lugar solitário do que o tirado das pregações em público, das quais se volta para casa e se continua, como dantes, a discorrer e conversar no trato com amigos e parentes; tanto mais que em sua casa, não tem, como leio na sua carta, um quarto para onde se possa retirar. Tenho, além disso grande afeição pelos exercícios em solidão, porque a eles devo a primeira conversão e resolução de deixar o mundo.

Vou, em segundo lugar, indicar-lhe os meios e cuidados, com que deve fazer estes exercícios para conseguir os frutos que deseja. Peço-lhe que, depois de ter lido esta minha carta a faça ler também, ao senhor pároco.

Fallemos, pois, em primeiro lugar, do grande proveito que se tira dos exercícios feitos em silêncio, onde se não trata com mais ninguém do que com Deus. E, antes de mais nada, vejamos a razão. As verdades da vida eterna, tais como o grande negócio da nossa salvação, a preciosidade do tempo que Deus nos concede a fim de que acumulemos méritos para a eterna

bem-aventurança, a obrigação que temos de amar a Deus pela Sua bondade infinita e pelo extremoso amor que nos tem: todos estes conceitos e outros semelhantes não se vêm com os olhos da carne; só os olhos do espírito lhes descobrem o sentido e alcance. Por outra parte, se o nosso entendimento não apresenta à vontade a beleza do bem ou a fealdade do mal, nunca a vontade abraçara o bem ou fugirá do mal.

Ora, nisto consiste a ruína dos homens presos ao mundo: vivem nas trevas. Donde vem que, não conhecendo a grandeza dos bens e males eternos, seduzidos pelos sentidos, se entregam aos prazeres proibidos e miseravelmente se perdem. Por isso nos aconselha o Espírito Santo, a fim de que fujamos do pecado, que tenhamos sempre diante dos olhos os últimos fins do homem, isto é, a morte com que terminam para nós todos os bens da terra, e o juízo divino em que teremos de dar contas a Deus de toda a nossa vida.

Em todas as obras pensa no fim e não pecarás jamais (Eceli, 7,40). E noutro passo acrescenta: *Se fossem sábios, bem entenderiam, pensariam na sorte que lhes*

toca (Deut. 32,29), com estas palavras quer Deus fazer-nos compreender que, se os homens recordassem as verdades da outra vida, envidariam todos os máximos esforços para se fazerem santos e não se exporiam ao risco de viverem eternamente infelizes. Fecham os olhos e, caminhando como cegos, precipitam-se, em tantos abismos. Aqui está a razão por que os santos suplicavam incessantemente ao Senhor que lhes comunicasse as Suas luzes: *Atendei-me, Senhor, e escutai-me, Deus meu! Não seja que adormeça na morte, abri meus olhos (Ps. 12,4). Deus nos seja propício e nos bendiga; faça luzir o Seu rosto sobre nós (Ps. 66,2). Fazei-me conhecer o caminho que devo percorrer (Ps. 142,8). As Vossas mãos me criaram e plasmaram, dai-me luz e que aprenda os Vossos mandamentos (Ps. 118,73).*

Ora, para obter esta luz divina é necessário aproximar-nos de Deus: *Olhai para Ele, ficareis rutilantes (Ps. 33,6).* Por isso escreveu Santo Agostinho que, assim como não podemos ver o sol, senão com a luz do próprio sol, assim também não podemos ver a Deus, senão com as luzes do próprio Deus. E estas luzes al-

cançam-se nos exercícios; por meio deles, aproximamo-nos de Deus, e Deus ilumina-nos com as Suas divinas inspirações. Outro não é o fim dos exercícios espirituais senão segregar-nos por algum tempo, do comércio do mundo e retirar-nos a conversar a sós com Deus. Deus, nos exercícios espirituais, fala-nos com as suas inspirações; nós falamos com Deus, meditando, amando-O, doendo-nos dos desgostos que Lhe tenhamos dado, oferecendo-nos para O servir, no futuro, com todo o amor; pedindo-Lhe que nos faça conhecer a Sua divina vontade e nos dê forças para a cumprir.

A Santo Arsénio, enquanto examinava os meios que devia adoptar para se fazer santo, fez Deus ouvir as seguintes vozes: *Foge, cala, descansa*. Foge do mundo; cala-te, deixa de falar com os homens e entretém-te só comigo, repouisa em paz na solidão. Em conformidade com estas directrizes, Santo Anselmo que se encontrava afanado de lidas do século e se queixava de não ter um momento de paz, escreveu estas palavras que todas vêm talhadas à sua pessoa: Foge, lhe disse, por algum tempo das occupações terrenas que te tra-

zem inquieto e descansa retirado com Deus. A resposta só poderá ser: Senhor, ensinai-me onde e como Vos encontrar, para Vos falar só por só e ouvir, ao mesmo tempo, as Vossas palavras.

É facto mais que comprovado. Deus fala de certo a quem O procura, mas não lhe fala no meio do bulício do mundo. *Deus não está no tumulto* (III Reg. 19,2) foi dito a Elias, quando o Senhor o chamou para a solidão. A voz de Deus, como se refere no mesmo passo (ib, 5,12) é como sopro de branda aragem que se ouve, não com os ouvidos do corpo, mas com os da alma, sem ruído, em doce calma. O mesmo pensamento nos incute o Senhor por Oseias: *Eis que eu a atrairei, a conduzirei ao deserto e lhe falarei ao coração* (Os. 2,14). Quando Deus se propõe atrair a si uma alma, condu-la à solidão, longe das intrigas do mundo, do convívio dos homens e ali lhe fala com a Sua palavra de fogo. *A tua palavra é de fogo* (Ps. 118,14). As palavras de Deus chamam-se palavras de fogo, porque a alma derretem, como dizia a Esposa Sagrada: *A alma ia-se embora ao eco da Sua voz* (Cant. 5,6). De maneira que a palavra de Deus a fazia dócil e fácil em se gover-

nar por Ele, pronta a seguir aquella forma de vida que a Deus agrada; a palavra de Deus é, em resumo, eficaz e operante, pois, ao mesmo tempo que se faz ouvir, produz na alma aquilo que Deus exige dela.

Disse um dia o Senhor a Santa Teresa: *De quão bom grado eu falaria a muitas almas. Mas o mundo faz tanto barulho em seu coração, que a minha voz não chega a fazer-se ouvir. Oxalá que se apartassem um pouco do mundo!*

De maneira que sr. D. N., meu caríssimo amigo, Deus deseja falar-lhe; mas quer falar-lhe a sós, na solidão, porque, se o fizesse em sua casa, os parentes, os amigos, os negócios domésticos, continuariam a fazer barulho em seu coração e não deixariam ouvir a Sua voz, d'Ele. Aqui tem o motivo porque os santos deixaram a pátria, a família, tudo, e foram esconder-se numa gruta, no deserto, na cela de qualquer casa religiosa para lá se encontrarem com Deus e escutarem a Sua voz.

Conta Santo Euquério (Ep. ad. S. Hil.) que certa pessoa andava à procura de um lugar onde pudesse encontrar-se com Deus. Foi, com este intento, aconselhar-se com um mestre da vida espiritual, o qual a le-

vou a sítio solitário e lhe disse: *É aqui que se encontra Deus*, e não acrescentou mais nada. Com isto lhe quis dar a entender que Deus não se encontra no meio do tumulto do mundo, mas na solidão.

De si afirmara S. Bernardo que melhor conhecera Deus entre as faias e os carvalhos do monte, do que por meio dos livros de ciência que tinha estudado.

A propensão dos mundanos é estar à conversa e discorrer com amigos, divertir-se, mas o anelo dos santos é viver em lugares solitários no meio dos bosques ou dentro das cavernas para ali se entreterem e tratarem só com Deus, o qual na solidão comunica com as almas como um amigo para outro amigo. *Ó bendita solidão* (exclama S. Jerónimo) *em que Deus fala e conversa familiarmente com os seus.*

Dizia o Ven. P.^o Vicente Carafa, que se alguma coisa tivesse cobijado neste mundo, não teria sido mais que uma gruta-zinha, um naco de pão e um livro espiritual para viver; sempre longe dos homens e entreter-se só com Deus.

O Esposo dos Cantares louva a beleza da alma solitária e compara-a à da rola: *As tuas faces têm a beleza da rola* (Cant.

1,9). E o símil é feliz, porque a rola foge da companhia das outras aves e refugia-se nos lugares mais solitários. Daí vem que os santos anjos admiram com regozijo a beleza e o esplendor com que é adornada no céu a alma que passou por este mundo escondida e solitária, como se o mundo fosse um deserto. *Quem é essa que sobe do deserto apoiada no seu amado?* (Cant. 8,5).

Propus-me tocar em todos estes pontos para o levar a ganhar amor pela solidão; pois espero que nos exercícios que vai fazer, não queimará os miolos, como dizia o Senhor Pároco. Tenho confiança que Deus lhe há-de fazer experimentar tantas delicias espirituais, que ficará inteiramente enamorado deles e não tornará a deixar passar ano em que os não faça.

Por este meio se robustecerá poderosamente a alma em qualquer estado que o meu bom amigo elege. Nas lides do mundo, nos seus negócios, aspirações e distrações, o espírito não pode deixar de se exaurir; é mister, de vez em quando, revigorá-lo, renová-lo, como recomenda S. Paulo: *Renovai-vos, pois, no espírito do vosso entendimento* (Eph. 4,23).

O rei David, atarefado com os cuidados terrenos, desejava voar, e fugir do mundo para encontrar repouso. Mas não estando em sua mão deixar o mundo com a sua presença, procurava ao menos, de tempos a tempos desembaraçar-se das intrigas do reino que governava e refugiar-se na solidão a conversar com Deus, e deste modo encontrava a paz de espírito.

O próprio Jesus Cristo, que não precisava da solidão para estar recolhido com Deus, se afastava, simplesmente, para nos dar exemplo, do comércio dos homens e fugia para os montes ou para os desertos, a fazer oração. *E despedidas as turbas, subiu sozinho ao monte a orar* (Math. 14,23). Mas Ele retirava-se a sítios solitários e dava-se à oração (Luc. 5,16).

E queria também que os seus discípulos, depois das fadigas das suas missões, se retirassem para qualquer lugar solitário a repousar o espírito: *Vinde vós sós aparte a um lugar solitário e tomai um pouco de repouso* (Marc., 6,31).

Com esta recomendação quis o Senhor ensinar-nos que, mesmo entregues a ocupações espirituais, o espírito arrefece um tanto no trato com os homens, sendo ne-

cessário restaurá-lo e aquecê-lo nas solidões do retiro.

Os mundanos que estão habituados a distrair-se nas conversas, nas recepções, nos divertimentos e jogos cuidam que na solidão, onde não há tais passatempos, domina tédio insuportável. Assim acontece, na verdade, àqueles cuja consciência anda manchada pelo pecado; enquanto estão absorvidos pelos negócios e preocupações mundanas, não dedicam momento de atenção aos problemas do espírito; mas quando estão preocupados, naquela solidão, onde não vão à procura de Deus, de súbito surgem os remorsos da consciência, e, por isso, não podem encontrar no silêncio do retiro a paz e a quietação, mas sim a pena e o tédio. Dai-me, porém, uma pessoa, que ande à procura de Deus. Na solidão nunca encontrará ela tédio, mas contentamento e alegria; disso nos assegura o Sábio. *Pois o seu trato não tem nada de desabrido, nem de molesto e a sua convivência antes, pelo contrário, prazer e gozo* (Sab. 8,16).

É que conversar com Deus não causa amargura nem tédio, mas alegria e paz.

São Roberto Belarmino, enquanto os outros Cardeais veraneavam distraíndo-se nas cidades, ele recolhia-se a uma casa solitária a fazer exercícios durante um mês e dizia que aquelas eram as suas férias. Nos exercícios espirituais encontrava certamente mais delícias para o seu espírito do que os outros nos passatempos. Duas vezes no ano fazia os exercícios S. Carlos Borromeu e neles encontrava o seu paraíso; durante eles no monte Varallo, lhe sobreveio a última enfermidade que o vitimou. S. Jerónimo afirmava também que era na solidão que encontrava o seu paraíso neste mundo: *A solidão é para mim um paraíso* (Ep. 4, ad Rust).

Que espécie de contentamento, dirá alguém, se poderá encontrar estando só e não tendo com quem se entreter? Não é assim, responde S. Bernardo, não está só na solidão quem na solidão procura Deus, porque o próprio Deus o acompanha, e lhe comunica mais contentamento do que daria a companhia dos príncipes mais ilustres da terra. Eu, escreve o mesmo santo nunca estava menos só do que quando estava só.

O profeta Isaías descreve a doçura que Deus faz experimentar a quem vai procurá-lo na solidão: *O Senhor consolará Sião, reparará todas as ruínas; transformará o seu deserto em lugar de delícias e a solidão em jardim do Senhor. Nela se encontrará a alegria e contentamento, o agradecimento e o canto de louvores (Is. 2,3).*

O Senhor sabe muito bem como há-de consolar a alma retirada do mundo. Ele recompensa-lhe a perda dos prazeres mundanos centuplicando o seu número em consolações espirituais; converte-lhe a solidão em jardim de delícias onde ela longe do tumulto do mundo, encontra paz que sacia, rendendo graças e louvores a Deus que tão extremosamente a acaricia.

Ainda que no silêncio da solidão não houvesse outro contentamento além do conhecimento das verdades eternas, isto só bastaria para a tornar sumamente digna de ser desejada. As verdades divinas, quando conhecidas, saciam a alma; ao invés, as vaidades mundanas não passam de mentiras e embustes. É justamente este o grande prazer que se tira dos exercícios feitos em silêncio, neles se conhecem com visão clara as máximas cristãs, o alcance da eternidade, a malícia do pecado, o va-

lor da graça, o amor que Deus tem, a vaidade dos bens desta vida, a loucura daqueles que para os adquirirem perdem os bens eternos e se tornam réus de penas eternas.

Daí vem que uma pessoa, em face de tais verdades, adopta os meios mais eficazes para assegurar a salvação eterna e se eleva sobre si mesma, como afirma Jeremias: *Sentar-se-á e ficará em silêncio, porque tomou este jugo sobre si (Th., 3,28)*. Na solidão, desprendida dos affectos terrenos, une-se a Deus: pela oração, pelo desejo e aspiração a ser toda d'Ele, oferecendo-se a si mesma, repetindo actos de arrependimento, de amor, de resignação. Por estes meios se encontrará elevada acima das coisas criadas, tendo pena no íntimo do seu coração daqueles que tanto estimam os bens deste século, bens que ela despreza porque os conhece como mesquinhos, indignos da estima e amor de uma alma criada para servir um bem infinito, que é Deus.

Era convicção de S. Crisóstomo que para atingir a perfeição é de grande ajuda o retiro. Com ele concordava um douto autor, quando escreveu: Feliz daquele que, afastando-se do bulício do mundo, se deixa

conduzir pelo Senhor aos exercícios, onde se goza a solidão que participa das delícias do céu. São boas — não há que negá-lo — todas as pregações que se fazem na igreja, mas se os fiéis não se recolhem e reflectem sobre elas, pouco será o fruto que delas colherão: a reflexão é que gera as santas resoluções. A reflexão, porém, nunca será feita como deve ser senão no silêncio, a sós com Deus. A concha, mal recebeu o rocio do céu, de repente se fecha, desce ao fundo do mar e assim se forma a pérola.

Bem averiguado está que a reflexão em silêncio, no trato a sós com Deus, sobre as verdades ouvidas na prática ou lidas no livro, a reflexão, digo, é que aperfeiçoa o fruto dos exercícios. É por isso que S. Vicente de Paulo, nunca descurava nas missões que dava, de incitar os ouvintes a fazer os exercícios fechados em qualquer lugar solitário. Máxima santa, uma só que seja, bem meditada, basta para fazer um Santo.

S. Francisco Xavier deixou o mundo levado pela impressão que lhe causou a máxima do Evangelho: «De que servirá a um homem lucrar o mundo inteiro, se vier

a perder a sua alma?» (Math. 16,26). Certo jovem estudante, por uma observação que sobre a morte lhe fez um bom religioso, mudou de teor de vida, de depravado para santo. S. Clemente Ancirano, confortado por umas palavras que lhe segredou sua mãe: o *fim por que combatemos é a vida*, sofreu alegremente por Jesus Cristo os muitos tormentos que o tirano lhe infligiu.

Para fazer justo conceito do proveito que se colhe dos exercícios feitos na solidade, leia-se o tem à mão, qualquer livro que verse esta matéria. Poderá entrar no conhecimento das conversões assombrosas operadas pelos exercícios. Eu quero apenas mencionar algumas.

Conta o P.^e Maffei que em Siena havia um sacerdote de vida públicamente escandalosa. Aconteceu passar por aquela cidade um missionário que o levou a fazer os exercícios. Arrependeu-se o sacerdote, confessou-se; um dia em que era grande a concorrência dos fiéis na igreja subiu ao púlpito e, debulhado em lágrimas, de corda ao pescoço, pediu perdão dos escândalos que dera. Depois abraçou o estado religioso na ordem dos Capuchinhos, vindo a morrer com fama de santidade.

Ao aproximar-se o termo da sua vida, comprazia-se em atribuir aos exercícios espirituais todas as graças que recebera de Deus.

Um outro exemplo também nos deixou o P.^e Bartoli, dum certo cavalheiro alemão, o qual, a tal ponto se entregara a todos os vícios, que chegou ao extremo de pactuar com o diabo a entrega da sua alma sob escritura firmada com o seu próprio sangue. Convencido a fazer os exercícios, concebeu tal arrependimento dos seus pecados, que muitas vezes desfalecia de dor. Passou o resto dos seus dias em vida de penitência.

Não menos admirável é o exemplo que nos conta o P.^e Rossignoli: Levava vida tão dissoluta o filho dum barão siciliano, que seu pai, depois de esgotados em vão todos os recursos para o trazer ao bom caminho, se viu obrigado a enviá-lo para as galés entre escravos a ferros. Compadeceu-se dele um bom religioso; foi ter com ele e por bem o levou a meditar na própria galé, certas máximas eternas. Foi tal o efeito destas meditações, que o jovem se resolveu a fazer uma confissão com ele e por bem o levou a meditar, na vida, que o pai o recebeu em casa de bra-

ços abertos e tratou e amou sempre como filho.

Outro jovem flamengo fez também os exercícios e emendou a sua vida depravada. Aos amigos que não acabavam de se maravilhar da mudança, costumava ele dizer: Vos pasmais do que vedes em mim, mas eu asseguro-vos que se o demônio fosse capaz de fazer os exercícios, faria também penitência.

Um grupo de rapazes novos, sabendo que alguns seus companheiros iam para um retiro, quiseram acompanhá-los, não para tirar proveito dele, mas para ter assunto de chacota nas suas conversas. Succedeu-lhes, porém, muito ao contrário do que calculavam. Durante o retiro sentiram tal compunção, que desabafaram a dor dos pecados em suspiros e prantos. Confessaram-se e mudaram de vida.

Se outro motivo não houvesse para ter os exercícios em grande conta, bastaria ver o muito que os apreciaram tantos homens santos. S. Carlos Borromeu, depois de ter feito os exercícios pela primeira vez, deu-se a vida de acrisolada virtude. S. Francisco de Sales aos exercícios ia buscar a origem da sua santa vida. O P.^o Luís de Granada, grande homem de Deus,

costumava dizer que lhe não bastaria a vida inteira para explicar os conhecimentos novos das coisas eternas que tinha descoberto ao fazer exercícios. O P.^o Ávila chamava aos exercícios escola de sabedoria celeste e queria que todos os seus discípulos se recolhessem a fazê-los. O P.^o Luís Blásio, Benedictino, dizia que se deviam dar graças especiais a Deus por ter manifestado à sua Igreja nestes últimos tempos este tesouro.

Mas se os exercícios espirituais aproveitam a todas as pessoas, qualquer que seja a sua condição social, a sua utilidade sobe de ponto para quem deseja escolher o estado de vida que há-de abraçar. Está escrito que o primeiro fim para que se instituíram os exercícios foi eleger o estado de vida, pois desta eleição depende a bem-aventurança eterna de cada um. Não devemos esperar que venha um anjo do céu indicar-nos o estado que havemos de eleger segundo a vontade de Deus; basta que ponhamos diante dos olhos o estado que pensamos escolher e que depois consideremos os fins que temos em vista nesta eleição, pesando as circunstâncias em que nos encontramos.

O motivo principal, por que desejo que façais os exercícios é resolver o estado que haveis de eleger. Portanto, quando tiverdes entrado neles, como espero que o fareis, peço-vos que ponhais em prática os conselhos que vou dar.

Em primeiro lugar, o único intento que haveis de ter nestes exercícios é conhecer o que Deus quer de vós; e por isso, ao entrardes naquela casa solitária, disse para convosco: *Quero escutar o que dentro de mim diz o Senhor Deus* (Ps. 84,8). Vou ouvir o que me dirá o Senhor; vou saber o que Ele quer de mim. Mas, além disso, é necessário que tenhais propósito firme de obedecer a Deus, de seguir, sem reserva, a vocação que Ele vos manifestar.

Mais ainda, tendes que pedir instantemente ao Senhor que vos faça conhecer a sua vontade a respeito do estado em que vos quer. Adverti, porém, que, para alcançar estas luzes, é mister que peçais com indiferença. Quem pede a Deus que o ilumine acerca do seu estado, sem indiferença e, em vez de se conformar com a vontade de Deus, quer que Deus se conforme com a sua, é semelhante a um piloto que finge querer, mas não quer que o seu

navio singre, pois lança a âncora e desfalda ao mesmo tempo as velas.

A quem assim procede, Deus não dá luzes nem fala. Mas se vós o implorardes com indiferença e resolução de seguir a sua vontade, Ele vos fará conhecer claramente o estado que melhor vos convém.

E se o estado que Deus vos inspira vos repugna, figurai-vos às portas da morte e reflecti na eleição que naquele momento querieis ter feito; é essa que devcis ter feito; é essa que deveis fazer nos exercícios.

Levai convosco para a casa para onde vos retirardes um livro das meditações que se costumam fazer nos exercícios; lede-as e elas vos servirão de pregação; fazei, tanto de manhã como à tarde, meia hora de reflexão cada vez. Levai também a vida ou vidas de santos, ou outro qualquer livro espiritual e fazei por eles a vossa leitura. Estes serão os vosso únicos companheiros na solidão daqueles oito dias.

É mister para alcançar estas luzes e sentir o que vos segreda o Senhor que afasteis de vós as distrações.

Detende-vos e reconheci que Eu sou Deus (Ps. 45,11).

Para ouvir o chamamento divino é necessário desembaraçar-se do trato com o mundo. De nada servem os remédios ao doente, se ele não toma o devido cuidado: fugir das correntes de ar, privar-se da comida nociva, não se entregar a trabalho mental demasiado aturado; da mesma maneira, para que os exercícios aproveitem à salvação da alma, é indispensável afastar as distrações prejudiciais, como são: receber visitas de amigos, recados ou comunicações vindos de fora, cartas que vos escrevem. S. Francisco de Sales, durante os exercícios, punha de parte e só lia, quando eles terminavam, as cartas que recebia.

É necessário, além disso, deixar de ler livros curiosos e até de estudo; durante os exercícios o estudo há-de concentrar-se apenas no Crucifixo. Não tenhais nos vossos aposentos outros livros espirituais; mas se os tiverdes e os lerdes, não o façais por curiosidade, mas só com o único fito de conhecerdes e elegerdes o estado de vida que Deus quer que abraçais.

Mais ainda: não basta evitar as distrações exteriores. Se deliberadamente vos detiverdes a pensar nas coisas do mundo ou do estudo, ou semelhantes, de pouco

vos servirão os exercícios e a solidão. *Para que serve*, diz S. Gregório, *a solidão do corpo, se falta a do coração?* (Moral 1, 30, C. 12).

Pedro Ortiz, privado de Carlos V, quis recolher-se ao Mosteiro de Montecassino a fazer os exercícios. Chegado às portas do mosteiro disse aos seus pensamentos o que Jesus Cristo mandou aos seus discípulos: *Ficai aqui enquanto eu vou a orar* (Math. 26,36). Pensamentos do mundo, não entreis; acabados os exercícios, tornar-nos-emos a ver e falaremos.

Enquanto duram os exercícios, todo o tempo deve ser votado ao bem da alma, sem perder momento. Peço-vos, finalmente que durante os exercícios leiais as breves orações que vou transcrever.

Meu Deus, eu sou aquele miserável peccador que vos desprezou na sua vida passada; mas agora Vos estima e ama sobre todas as coisas e não quer senão a Vós. Vós quereis-me todo para Vós e eu quero ser todo Vosso. Falai, Senhor, que o Vosso servo escuta. Fazei-me saber o que quereis de mim, que eu estou pronto a fazê-lo; mostrai-me especialmente em que estado é de Vossa divina vontade que eu Vos

serva. Fazei-me conhecer o caminho que eu tenho de percorrer.

Recomendai-vos também nos exercícios de modo especial a Maria Santíssima, nossa Mãe do Céu, suplicando-Lhe a graça de cumprir perfeitamente a vontade de seu divino Filho. Eu vos afianço que não deixarei de o fazer de modo particular para que o Senhor vos faça santo, como desejo, e com isto me declaro

De V. Excelência
Criado muito devoto e obrigado

Afonso Maria
Bispo de Santa Agueda



II



Resposta a um jovem que pede conselho acerca do estado que há-de escolher

Leio na sua carta que desde há certo tempo se sente inspirado por Deus a abraçar a vida religiosa, mas que lhe surgiram dúvidas em seu espírito, sendo a principal a de que, sem professar em qualquer religião, no próprio século podia fazer-se santo.

Dar-lhe-ei resposta quanto possível breve, porque, desejando conhecimentos mais completos deste problema, pode colhê-los no livrinho que publiquei com o título: *Avisos sobre a vocação religiosa*.

Agora limitar-me-ei a dizer-lhe muito sumariamente que o negócio da eleição do estado é de suma importância, porque dele depende a salvação eterna. Quem escolher o estado a que Deus o chama, encontra

facilitado o caminho da salvação; quem não obedecer ao chamamento de Deus, difficilmente se salvará, ou antes, será moralmente impossível salvar-se.

A maior parte daqueles que se condemnaram ao inferno, condemnaram-se porque foram infiéis à vocação divina.

A fim de poder eleger o estado que melhor lhe assegure a conquista da vida eterna — que é o negócio dos negócios, o único que importa — considere que a sua alma é immortal, que o intento para que Deus o pôs neste mundo não foi de modo nenhum para adquirir riquezas e conquistar honras, e levar por esse meio, vida cômoda feita de prazeres e divertimentos. O único fim que Deus lhe propôs foi, pela virtude merecer a vida eterna; «*Tendes um fim* — diz S. Paulo aos romanos — *a vida eterna*». No dia do juízo, de nada lhe aproveitará o ter feito prosperar a sua casa o ter ganho fama de grande homem no mundo; o que só lhe aproveitará é ter servido e amado a Jesus Christo que o há-de julgar.

Segreda-lhe a tentação — e o Senhor assim o cuida — que bem pode santificar-se mesmo que fique no mundo. Sem dú-

vida que o pode, mas com grande dificuldade; se, porém, é chamado por Deus para o estado religioso, e se obstina em permanecer no século, é moralmente impossível, como já o deixei dito, que o chegue a conseguir. Faltar-lhe-ão aquelas ajudas que Deus lhe tinha preparado na religião e, sem elas, não poderá salvar-se.

Para atingir a santidade, é absolutamente mister adoptar os meios que a ela nos levam, fugir das más ocasiões, desprender-se dos bens terrenos, viver vida recolhida em união íntima com Deus, a qual se não pode manter sem a frequência dos sacramentos e o recurso quotidiano à oração mental, à leitura espiritual e a outros exercícios devotos, os quais conservam e alimentam o fervor.

Ora, vacar a todos estes actos de vida interior é muito difícil, senão impossível, no meio do bulício do mundo. Os haveres de família, as necessidades da casa, as queixas dos parentes, as questões e contendas, os desgostos e perseguições, que tanto no mundo fervilham, absorver-lhe-ão de tal maneira os pensamentos e povoar-lhe-ão a tal ponto o espírito de temores e receios, que apenas lhe permitirão de distraidamente se recomendar a Deus. Bem

quereria entregar-se à oração, à leitura de livros espirituais; comungar com frequência e visitar todos os dias o Santíssimo Sacramento do altar, mas a tudo porão entraves os negócios do mundo, e o pouco que lhe será permitido fazer, será imperfecto, porque levado a cabo no meio de mil distrações e tibieza de espírito. Por isso levará sempre vida atribulada e mais atribulada ainda terá a morte.

Não faltarão, por uma parte, os amigos do mundo a meter-lhe medo de abraçar a vida religiosa, pintando-lha dura e tormentosa. Oferecer-lhe-á o século, por outro lado, prazeres, riquezas e vida regalada. Pense bem e não se deixe enganar. Persuada-se que o mundo é traidor: promete e não cumpre. Promete-lhe bens terrenos. Mas ainda que lhos dê, poderá ele assegurar-lhe a paz da alma?

Não, só Deus lhe pode dar a verdadeira paz. A alma foi criada só para Deus, para O amar nesta vida e gozá-LO depois no céu por toda a eternidade. Aí está a razão porque só Deus pode encher o vazio infinito, da nossa alma. Todas as delícias e riquezas da terra não a podem saciar, nem dar-lhe a verdadeira paz; quem mais possuir destes bens e prazeres do

mundo, é quem mais aflito e atribulado vive — Ninguém o pode atestar com mais autoridade do que Salomão, porque ninguém os possuiu no grau que ele os possuiu. E Salomão exclamou num grito de desilusão: *Tudo é vaidade e aflição de espírito.*

Se o mundo com os seus bens terrenos pudesse satisfazer a nossa sede infinita de felicidade, os ricos e os magnates, os monarcas a quem não falta nem dinheiro, nem honras, nem prazeres seriam plenamente felizes; mas a experiência mostrá-nos que para os mimosos da fortuna, para os grandes da terra, quanto maiores são as suas grandezas, tanto mais sobem as angústias, os receios e aflições com que o mundo os brinda.

Estará mais contente um pobre irmão leigo capuchinho, vestido com o seu burel e cingido por uma corda, dormindo num colchão de palha do que um príncipe que traja galas recamadas de ouro e possui tesouros sem conta; sentar-se-á a mesa luenta; deitar-se-á em fofo e rico leito debaixo de sumptuoso docel, mas não conciliará o sono por causa das preocupações que lho roubam. *Rematada loucura é amar o mundo e não amar a Deus;* soia avisada-

mente dizer S. Filipe Néri. E se os mundanos levam vida atribulada, qual não será a sua morte, quando o sacerdote que lhe assiste nos últimos momentos lhes intimar a partida desta vida: *Parte, alma cristã, deste mundo, abraça-te com o crucifixo, porque o teu fim está próximo.*

A desgraça é que o mundo pensa pouco em Deus e pouco se preocupa com a outra vida onde permanecerão por toda a eternidade. Todos ou quase todos os seus pensamentos se cifram nas coisas da terra, donde vem que passam vida desgraçada e têm morte ainda mais infeliz.

Se quer, pois, acertar na escolha da eleição do seu estado, ponha diante dos olhos a hora da morte e siga pelo caminho que então desejaria ter tomado.

Naquele duro transe já não haverá tempo de remediar o erro, se teve a desgraça de se enganar, pospondo a vocação divina ao capricho de viver com mais liberdade. Considere que todas as coisas deste mundo passam. *Passa a figura deste mundo*, (I Cor., 7,31) diz S. Paulo: há-de acabar para cada um de nós a cena deste mundo. Tudo passa e a morte avizinha-se; cada passo que damos leva-nos

mais perto do túmulo e da eternidade para a qual nascemos: *Irá o homem para a casa da sua eternidade* (Eccl. 12,5). Quando menos o cuidarmos, seremos surpreendidos pela morte.

Ai de nós! Quando nos encontrarmos frente a frente com a morte, todas as riquezas e prazeres da terra parecer-nos-ão pura vaidade, mentira, engano, brincadeiras de criança! De que nos servirá então, adverte-nos Jesus Cristo, ter ganho todo o mundo, se perdermos a alma? *Que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se perder a alma?* (Mat., 16,26). Servir-lhe-á apenas para ter morte desventurada depois de vida infeliz.

Pelo contrário, que indizível alegria e contentamento não experimentará o jovem que, para se dar todo a Jesus Cristo, deixou o mundo, passou os seus dias numa cela solitária, longe do bulício e perigos frequentes que correm de perder a Deus os que vivem no mundo. No mosteiro não haverá, de certo, concertos, nem bailes, nem teatros; mas haverá Deus que recreia com os regalos da sua graça e com o gozo da sua paz. Aquela paz, acentuemo-lo bem, compatível com este vale de lágrimas, onde todos temos que padecer para, à cus-

ta de muita e santa paciência, poderemos conquistar a paz plena que Deus nos tem preparada no céu.

Numa vida levada longe dos passatempos e divertimentos do mundo, um olhar amoroso lançado de vez em quando ao Crucifixo, um *meu Deus e meu tudo* proferido com todo o fervor, um *meu Jesus* dito com um suspiro de amor lhe dará maior consolação do que todos os passatempos e banquetes do século, os quais deixam todos o travor do desengano e desilusão.

Passará contente nesta vida por ter abraçado o estado religioso; mais contente ainda enfrentará a morte, quando ela vier buscá-lo para ir receber o prêmio da sua fidelidade à vocação. Qual não será a sua consolação por ter gasto os anos em oração, em leituras espirituais, mortificações e outros exercícios devotos e, de modo especial, se na religião se empregou em salvar almas quer na pregação, quer no confessionário. Todas estas obras santas contribuirão para aumentar a confiança em Jesus Cristo; o qual nunca deixa de premiar com mão generosissimamente liberal àqueles que trabalharam por seu amor e glória.

*

* *

Vamos apertar mais o ponto de sua eleição de estado. Visto o Senhor o ter chamado a deixar o mundo e a dar-se todo a Ele na religião, digo-lhe resolutamente: Alegre-se e trema ao mesmo tempo. Alegre-se, por um lado, e dê graças ao Senhor, que o chamou para uma vida perfeita, graça que Deus não dispensa a todos: *Não fez tal a nenhuma nação; a outras nações a sua lei não ensinou* (Ps. 147,20).

Trema também, porque, não obedecendo ao chamamento divino, põe em grande perigo a sua eterna salvação. Não posso demorar-me a desfiar a lista dos exemplos de jovens que, por não fazerem caso da sua vocação, levaram vida miserável e acabaram com morte horrorosa. Tenha por certo que, se apesar da vocação que sente de abraçar a vida religiosa, ficar no mundo, nunca mais terá paz; lembre-se que a morte será atormentada pelo remorso de não ter obedecido a Deus, que o chamou para o estado religioso.

No final da sua carta pede-me que lhe diga a minha opinião, no caso de não ter

ânimo para entrar em religião, sobre se será melhor casar-se, como querem seus pais, ou ordenar-se de sacerdote secular.

Aqui tem a minha resposta. O estado conjugal não lho posso aconselhar, pois S. Paulo não o aconselha a ninguém, senão em caso de necessidade por incontinência habitual. Não creio que se encontre em tais condições.

Pelo que diz respeito ao estado sacerdotal secular, tenha bem presente que o sacerdote secular tem as obrigações de sacerdote e as distrações e perigos dos leigos; vivendo no meio do mundo não pode evitar o redemoinho do governo da própria casa e as complicações que fatalmente lhe hão-de vir dos parentes; a sua alma nunca poderá conservar-se isenta de perigos. Topará com a tentação dentro das suas paredes, pois não pode obstar a que em sua casa entrem mulheres, quer parentes, quer criadas, ou outras estranhas. O ideal seria viver em habitação retirada e não atender senão às coisas divinas. Mas esta condição é muito difícil de pôr em prática. É por isso que raros são os sacerdotes que em sua casa aspiram à perfeição.

Ao passo que, entrando num mosteiro em que reine a observância, estará livre da preocupação de pensar no que há-de comer e vestir, porque a todas estas necessidades proverá a religião. Não terá lá os parentes a importuná-lo continuamente com desavenças e negócios que o trarão em constante rodopio; lá não entram mulheres que lhe podem fazer perder a paz de espirito; lá não chegam os rumores do mundo que o distraiam na sua oração e recolhimento.

Disse muito de propósito *mosteiro de observância*, porque se quiser entrar em qualquer outro onde não haja fervor, é preferível ficar em sua casa e empregar nela todos os esforços para salvar a alma do modo mais perfeito que puder. Num mosteiro em que a disciplina é relaxada correrá perigo de se perder. Ainda que entrasse em tal Instituto com resolução de se entregar à oração e de não pensar senão em Deus, transviado pelos maus exemplos dos companheiros, feito objecto de troça, perseguido por aqueles para quem o seu exemplo é tácita repreensão, deixará todas as devoções e acabará por fazer como os outros, como prova a experiência.

Se Deus se digna conceder-lhe a graça da vocação, tenha muito cuidado em conservá-la, recomendando-se continuamente em oração fervorosa a Jesus Cristo e a Maria Santíssima.

Tenha bem presente que se resolver dar-se todo a Deus, o demónio redobrará as tentações e esforços para o fazer cair em pecado e especialmente para o levar a perder a vocação.

Termino apresentando-lhe os meus respeitosos cumprimentos e pedindo ao Senhor que o faça todo seu.

III

Carta a uma jovem que vacila acerca de estado que há-de escolher



Irmã minha em Jesus Cristo: Disse-me que anda a pensar qual será o género de vida que deve abraçar. Vejo que vacila porque, por um lado o mundo convida-a

a escolher o matrimônio, e por outro Jesus Cristo convida-a a tomar o véu de religiosa num convento de observância.

Pense bem, pois da escolha que fizer depende da sua eterna salvação. Por isso lhe recomendo muito encarecidamente que todos os dias peça a Deus a Sua santa graça e comece a fazê-lo hoje mesmo, ao começar a ler estas páginas, a fim de que o Senhor lhe conceda a luz e a fortaleza de que necessita para escolher aquele estado em que melhor seja assegurada sua salvação, e não tenha de se arrepender da escolha feita, durante toda a sua vida e por toda a eternidade, quando já não for tempo de emendar o seu erro.

Pense bem qual será para si o partido mais vantajoso e que a fará mais feliz e ditosa, se é ter por esposo um homem do mundo ou a Jesus Cristo, Filho de Deus e Rei do Céu; veja qual dos dois lhe parece melhor e eleja um deles. Treze anos tinha a virgem St.^a Inês quando, por sua grande beleza, se viu pretendida por muitos jovens, entre os quais estava o filho do Prefeito de Roma. Porém, ela, pensando em Jesus Cristo, que a queria para Si, respondeu: «Encontrei um Esposo melhor do que tu e do que todos os reis da

terra, é justo que O não troque por outro». E realmente preferiu gostosamente perder a vida em tão tenra idade a consentir em troca tão desigual, morrendo mártir por amor de Jesus Cristo. A mesma resposta foi dada pela Virgem St.^a Domitília ao Conde Aurélio, grande senhor de Roma, preferindo ser martirizada e queimada viva a abandonar Jesus Cristo. Como estão alegres e cheias de gozo no Céu, e assim viverão por toda a eternidade, estas virgens, por terem feito tão acertada escolha! Sorte assim tão feliz e ditosa tem o Senhor oferecida a todas as donzelas que para se consagrarem a Jesus Cristo abandonaram o mundo.

Examine bem, portanto, as consequências que se seguirão da escolha que fizer entre o mundo e Jesus Cristo. O mundo brinda-a com os bens da terra: honras, riquezas, prazeres, distrações. Jesus Cristo, pelo contrário, apresenta-lhe açoites, espinhos, opróbios, cruz, pois foram estes os bens que disfrutou enquanto viveu no mundo. Mas, em troca, Jesus Cristo oferece os inapreciáveis bens que o mundo não pode dar, isto é, a paz do coração nesta vida e o paraíso na outra.

Demais, antes de se resolver por um ou outro estado, deve pensar bem que a sua alma é eterna, quer dizer, que depois desta vida, que tão depressa acaba, virá a morte que lhe abrirá as portas da eternidade, e ao entrar nela o Senhor lhe dará o prêmio ou o castigo que haja merecido pelas suas obras durante a vida. De maneira que, no lugar que depois da sua morte lhe for designado, seja feliz ou desgraçado, nele permanecerá por toda a eternidade. Se tiver a dita de se salvar gozará para sempre de todas as delícias e alegrias do paraíso; se, por infelicidade, se condenar, padecerá os eternos tormentos do inferno. Não se esqueça, portanto, de que todas as coisas deste mundo depressa acabam. Ditoso de quem se salva, infeliz de quem se condena!

Que jamais lhe saia do pensamento aquella admirável sentença de Nosso Salvador: «De que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se no fim perde a sua alma?». Esta palavra levou já tantos jovens a encerrarem-se nos claustros e a retirarem-se para o deserto, e a tantas donzelas a abandonar o mundo para se consagrarem a Deus e terminar a sua vida com uma santa morte!

Considere agora, por outro lado, a sorte mísera que terá cabido a tantas nobres damas, princesas e rainhas que houve no mundo: não lhes terão faltado nem honras, nem riquezas, nem servidores, nem vis aduladores. Porém, se tiveram a desgraça de se condenarem, de que lhes aproveitarão no inferno tantas riquezas entesouradas, tantos prazeres gozados, tantas honras disfrutadas? Servir-lhes-ão de tormento e angústia que hão-de despedaçar-lhes o coração eternamente, porque, apesar-de Deus ser Deus, não poderá dar remédio algum à sua eterna ruína.

Examinemos agora, resumidamente, os bens que o mundo promete nesta vida aos seus seguidores e os bens que o Senhor concede aos que O amam e tudo abandonam por Seu amor.

O mundo promete muito, porém, quem ignora que ele é um traidor que promete e não cumpre? Mas, admitamos que cumpra as suas promessas, que bens podemos dele esperar? Bens da terra; mas não pode dar-nos a paz nem a felicidade que promete, porque todos os bens lisonjeiam a carne e os sentidos, porém, não podem satisfazer as aspirações da alma e do coração. A nossa alma foi criada por Deus

unicamente para O amar nesta vida e depois gozar d'Ele na outra. Por isso, todos os bens deste mundo, todos os seus prazeres e grandezas andam à volta do nosso coração, mas não entram dentro dele, pois só Deus o pode encher.

Por esta razão Salomão chamava aos bens deste mundo vaidade e mentira, mais aptos a afligir do que a contentar a nossa alma. «Vaidade das vaidades e aflição do espírito», lhes chamou ele. Com efeito, a experiência demonstra que, quantas mais riquezas possuem os ricos, mais angustiados e aflitos vivem.

Se o mundo satisfizer as ânsias do coração com os seus bens, as princesas e rainhas, às quais não faltam diversões, festas, banquetes, soberbos palácios, carruagens, ricos vestidos, jóias de valor inestimável, criados e servidores que as sirvam, e lhes fazem a corte, viveriam em perpétua paz e alegria. Mas, como se enganam os que assim pensam! Perguntai-lhes se gozam de verdadeira paz e se vivem felizes. Qual paz nem felicidade?! ... vos responderiam todas—a minha vida é um tormento, não sei o que é paz nem alegria. O mau procedimento dos maridos, os desgostos que a cada passo lhes dão os filhos, os ciúmes,

os temores, as intrigas e dificuldades da sua vida enchem-nas continuamente de dis-sabores e amarguras.

Da mulher casada pode dizer-se que é mártir da paciência, se é que a tem, porque, se não entesourar esta virtude em seu coração, padecerá um martírio neste mundo, e outro, maior, na eternidade. Ainda que mais trabalhos não sofresse, bastarão as perturbações da sua consciência para atormentar sempre, pois, apegada, como vive, aos bens da terra, não encontra tempo para pensar na sua alma, não frequenta os Sacramentos, apenas se lembrará de se encomendar a Deus, e assim privada destes auxílios, que tanto ajudam a bem viver, cairá com frequência no pecado e continuamente será atormentada pelos remorsos da consciência. Donde resulta que todas as alegrias que o mundo lhe prometa se convertem em amarguras e sérios temores de se não salvar. Pobre de mim — exclamará — qual será a minha sorte ao entrar na eternidade, vivendo como vivi, longe de Deus, caída no pecado, caminhando sempre de mal a pior? Quisera recolher-me a fazer oração, mas os cuidados da família e da casa — sem-

pre em movimento — não me deixam, quisesse assistir às devoções, confessar-me e comungar com frequência, ir muitas vezes à igreja, mas o meu marido opõe-se; acrescentem-se a isto os cuidados de todos os dias, a educação dos filhos, as relações sociais e mil obstáculos que se levantam diante de mim. Apenas nos dias de preceito e a certas horas posso ir à Missa. Pobre de mim! Porque terei cometido a loucura de me casar? Não me teria sido melhor recolher-me a um convento para cuidar da minha santificação?

Mas, de que servirão todas estas queixas e amargas lamentações senão para aumento das suas angústias, ao saber que já nada pode remediar da sua má escolha, estando, como está presa por mil laços ao mundo? E se termina a vida vergada ao peso de tantas inquietações, a sua morte será também triste e angustiada. Rodearão o seu leito de morte os seus familiares, o marido e os filhos, derramando lágrimas amargas que, longe de lhe servirem de consolação, lhe hão-de causar maior aflição e, assim aflita, pobre de méritos e ansiosa pelo temor da sua eterna salvação, comparecerá perante o tribunal de Jesus Cristo, que a há-de julgar.

Muito diferente será a morte da Religiosa que abandonou o mundo para se consagrar a Jesus Cristo. Sentir-se-á feliz na companhia de tantas Esposas do Senhor, numa cela solitária, longe do bulício do mundo e dos contínuos e próximos perigos que correm as pessoas que vivem no século.

Na hora da morte consolá-la-á o pensamento de ter passado os seus melhores anos dedicados à oração, à mortificação e a outros santos exercícios, como visitar o SS. Sacramento, confessar-se e comungar com frequência, fazer actos de humildade, esperança e de amor a Jesus Cristo. E embora o demónio não cesse de a perturbar com a recordação dos pecados da sua juventude, o seu divino Esposo, por cujo amor abandonou o mundo, saberá consolá-la e, então, cheia de confiança, morrerá abraçada a Jesus Crucificado que a levará consigo para o paraíso, a fim de viver em Sua companhia por toda a eternidade.

Minha irmã, já que vai escolher estado, seja aquele que desejaria eleger na hora da sua morte. Nessa tremenda hora, ao verem que tudo acaba, todos exclamam: Oxalá eu tivesse trabalhado para me san-

tificar! Antes eu tivesse abandonado o mundo para me consagrar a Deus! Mas, agora, o que fizeram está feito e não têm outro remédio senão render a alma e apresentarem-se perante o tribunal de Cristo, que lhes dirá: «Vinde benditos de meu Pai, vinde gozar comigo para sempre», ou então ouvirão estas palavras: «Apartai-vos de Mim e ide para o inferno para sempre».

Agora, está ainda a tempo de escolher entre Jesus Cristo e o mundo. Se tomar o partido do mundo, não se esqueça de que cedo ou tarde se há-de arrepender. Por isso, pense bem. De entre as mulheres que vivem no mundo, muitas se condenam. Nos conventos rara será aquela que se perde eternamente.

Encomende-se a Jesus Cristo e a Maria Santíssima para que lhe concedam a luz e as graças necessárias, a fim de eleger o caminho melhor para chegar à sua salvação eterna.

Se quiser fazer-se Religiosa deve estar resolvida a santificar-se, porque se pensa levar no convento, a exemplo de algumas religiosas, uma vida tibia e imperfeita, de nada lhe servirá entrar em religião, pois,

assim, depois de viver vida infeliz, terminá-la-á com uma morte desgraçada.

Enfim: mesmo no caso de sentir repugnância invencível pela vida do claustro não posso aconselhá-la a que abraçe o estado do matrimónio, posto que S. Paulo a ninguém o aconselha, fora dum caso de pura necessidade, no qual, felizmente, não se encontra; então, permaneça, ao menos, em sua casa, trabalhando na sua santificação. Rogo-lhe que durante nove dias reze a seguinte oração:

«Senhor meu Jesus Cristo, que morrestes para me salvar, suplico-Vos pelos méritos do Vosso preciosíssimo sangue, que me concedais a luz e a força necessárias para escolher o estado que mais convenha à minha salvação.

E Vós, ó Maria, Minha Mãe, alcançai-me esta graça com a Vossa poderosa intercessão».



CAPÍTULO QUINTO

I

Conferência familiar proferida na tomada de hábito duma jovem

Nunca deixes sair da tua memória, piedosa jovem, a recordação deste dia, em que tens a dita de te desposares com Jesus Cristo, nem te canses de lhe dar graças por tão assinalado benefício. Não julgues que Jesus te deve agradecimentos por teres abandonado o mundo pelo Seu amor; pelo contrário, és tu que Lhe deverás eterna gratidão pela singular mercê que te fez de te tirar do mundo para te conduzir ao paraíso da vida religiosa.



Acabas de quebrar os laços que te

uniam ao mundo. Julgas que fizestes um grande sacrificio? Mas, afinal, o que é o mundo, senão terra maninha onde brotam espinhos, lágrimas, dores? Muitas coisas promete o mundo aos seus seguidores: diversões, alegrias, prazeres. E, contudo, todas estas coisas terminam em desenganos, amargura e vacuidade. Até mesmo a riqueza, as honras e as compensações mundanas acabam em penas e sofrimentos. E praza a Deus que, para tantos cegos que correm atrás das vaidades do mundo, estes sofrimentos não se transformem em lágrimas eternas, porque, no meio do mundo se encontram grandes e, às vezes, inevitáveis perigos de perder a alma, o Paraíso e a Deus.

Como são dignas de compaixão aquelas jovens que, enganadas pelas falsas promessas do mundo, abandonam Jesus Cristo e voltam para ele! Esperam encontrar assim prazeres e alegrias, Mas, ai!, as suas esperanças são frustradas porque, em vez do que buscavam, encontraram fel e pungentes espinhos: a sujeição ao marido, os cuidados dos filhos e das criadas, os respeitos humanos, as necessidades da família e outras mil coisas a que estão sujeitas as mulheres que vivem no mundo, e que

levantam tão grandes tempestades de angústias, temores e desgostos, convertendo a vida num prolongado martírio.

Perguntai, perguntai às mulheres casadas se estão inteiramente contentes com a sua sorte. A quantas tenho eu perguntado, todas me respondem com mil queixas e lamúrias. Ao contrário, dirigi a mesma pergunta às Religiosas que abandonaram o mundo para se consagrarem ao Senhor sem reserva, e todas vos responderão a uma voz que se não cansam de dar graças a Deus por tê-las tirado do mundo. É que sempre será verdadeiro o que afirmou o Cardeal Petrucci, quando disse que os prazeres dos que amam o mundo parecem puras alegrias, mas, na realidade, são tormentos; enquanto que os trabalhos dos que amam a Deus parecem penas e são, na verdade, grandes consolações.

Isto, pelo que se refere à vida presente, pois, qual será a sorte que espera na eternidade às jovens que abandonaram o mundo e às que nele permaneceram?

Pois quê!, dizem as que ficam no mundo, porventura não nos podemos santificar no século? Santificar-se? Escuta, minha filha, a fim de que o demónio não venha a inquietar-te: para nos santificarmos não

basta desejá-lo. É preciso empregar os meios necessários: fazer oração mental todos os dias, porque, difficilmente alguém ama a Deus se nEle não pensa com frequência; receber os Sacramentos, pelos quais Deus se comunica às almas; desapearmo-nos dos affectos absorventes e das vaidades da terra. Pois bem, quanto pode uma mãe de família dedicar à meditação, esmagada sob o peso do cuidado dos filhos, dos criados, e de todas as canseiras da casa? Terá ella tempo sequer para rezar o terço? Como poderá frequentar os Sacramentos se mal terá possibilidade de ir à Missa nos dias de preceito? Como poderá libertar-se das sollicitações deste mundo se vive enredada nelas?

Então, dirá alguém, as mulheres casadas não poderão chegar à santidade? Apesar de tudo a História apresenta-nos os nomes de mulheres casadas que alcançaram um grau de virtudes heróicas. Não há dúvida de que uma mulher casada pode santificar-se no mundo, contando que se esforce por praticar os actos de piedade acima enumerados. Mas, para isso, terá, antes de mais nada, de adquirir um grau elevado de paciência, porque não se santificará sem grandes difficuldades e esforços.

Digo mais: todas as mulheres casadas, sejam elas grandes senhoras, princesas ou rainhas, terão de ser mártires da paciência.

Pelo contrário, a religiosa que deixa o mundo para se entregar a Deus, encontra na vida religiosa mil meios e facilidades de levar uma vida ordenada e santa.

Ainda que ela não faça mais do que cumprir a Regra praticada por toda a Comunidade: meditar diariamente, comungar várias vezes na semana, ouvir Missa todos os dias, escutar com frequência a palavra de Deus, além dos exercícios espirituais que deverá fazer todos os anos durante oito dias, e um sem número de devoções que se praticam num convento, isto só bastaria para a santificar.

Olha, minha filha, se o demónio te tentar para deixares a vida religiosa que hoje inicias, lembra-te do que te vou dizer, neste momento: poucos são os que se salvam no mundo; pelo contrário, nos conventos, são raras, raríssimas as religiosas que se condenam.

Enfim, se tivesses ficado no mundo, que esposo conquistaria o teu coração? Um grande senhor, um homem rico, um monarca poderoso? Pois, desde agora recebe por Esposo o Rei do Céu e Impera-

dor de todos os reinos da terra. Quantas virgens santas têm renunciado aos grandes do mundo para serem Esposas de Jesus Cristo! A Beata Inês de Praga recusou a mão do imperador Fernando II para se recolher a um convento. Outras piedosas donzelas preferiram perder a vida a deixarem de ser Esposas de Cristo. Santa Inês era pretendida por muitos senhores romanos, mas ela antes quis oferecer-se à espada do verdugo, do que renegar o seu Esposo Jesus Cristo. Santa Domitília renunciou à mão do Conde Aurélio, grande de Roma, e por isso foi queimada viva. Santa Eusana foi pedida para esposa do imperador Maximino; porém, ela, para guardar a fidelidade prometida a Jesus Cristo, preferiu morrer mártir, perdendo a vida às mãos do verdugo.

Deixa, minha filha, deixa para essas jovens, que amam o mundo, as suas diversões, os seus vãos prazeres, os ricos vestidos, teatros e banquetes. A ti basta possuir Jesus Cristo e, assim, encerrada na tua cela, gozarás mais perfeita paz e verdadeira alegria do que gozam as rainhas em seus palácios, rodeadas de riquezas e prazeres mundanos. No retiro da tua cela, mansão de paz, terás um paraíso

antecipado. Se amas Jesus Cristo, amarás também a solidão da tua cela, na qual o teu Esposo crucificado te falará familiarmente ao coração e do alto da Cruz te enviará raios de luz a iluminar o teu entendimento e dardos de fogo que inflamem o teu coração no Seu santo amor.

E tu, minha filha, a sós com Ele no retiro do convento, lhe abrirás o coração para que leia nele o amor que lhe tens: oferecer-lhe-ás continuamente tudo quanto és e quanto te pertence; pedir-lhe-ás as graças de que necessitas e Lhe comunicarás as angústias e pesares que te aflijam, os temores que te assaltem e Ele te consolará; Não o duvides! O teu Divino Esposo consolar-te-á sempre durante a vida, e especialmente na hora da tua morte. Nessa ocasião, Ele não virá julgar-te numa casa qualquer rodeada de filhos, de parentes, de amigos e servos, de cujos lábios não sairá talvez uma palavra que fortifique a tua alma em tão solene momento, mas virá buscar-te à Sua santa casa, rodeada pelas tuas Irmãs em religião, as quais, com doces e piedosos pensamentos te alentarão e animarão a compareceres com inteira confiança na presença do teu amado Esposo, que sairá ao teu encontro com o

diadema com que serás coroada rainha no Seu reino bem-aventurado, em recompensa do amor que Lhe professaste.

Eu disse que as Religiosas, que se entregam inteiramente a Deus, gozam de contínua paz, mas entenda-se, da paz que é possível disfrutar neste mundo, chamado vale de lágrimas, porque, só no Céu teremos a perfeita paz, isenta de toda a tribulação e esforço. Esta terra é, para nós, lugar de merecer, e, por conseguinte, de padecimento, onde, sofrendo, conquistaremos as alegrias do Paraíso.

Mormente, minha filha, porque o Esposo que escolheste, não obstante ser o mais nobre, o mais rico e o mais perfeito que te poderia caber em sorte, é chamado e é *Esposo de Sangue* (Ex. 4,25). Sim, Esposo de sangue, pois derramou totalmente o seu ao ser flagelado, coroado de espinhos e crucificado, para salvar a tua alma e a de todos os homens.

Este amável Jesus caminha diante de ti, e, como a Esposa Sua, convida-te a seguir-Lhe as pisadas. Não vai coroado de flores, mas de espinhos; não vai vestido de ouro e pedrarias, mas coberto de chagas; olha para o trono real em que se reclina e verás que é uma dura cruz, onde ago-

niza e morre submergido num pélogo de dores e de ignomínias, por teu amor.

Escuta a Sua voz que te convida a segui-LO; ouve o que te diz se estás pronta a seguir os Seus passos: «Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (Mat. 16,21).

A primeira coisa que te pede é que renunciés a ti mesma. Antes de tudo, quer que te desprendas de todas as criaturas. Jesus, teu Esposo, jamais se dará por satisfeito se não fores totalmente Sua e, para o conseguires, deves despojar-te de todos os affectos terrenos, das vaidades e riquezas, dos parentes, do teu amor próprio e da tua vontade. Sobretudo, é preciso que guardes a porta do teu coração para que nele não entrem os affectos desordenados. Quando as criaturas pretendem roubar-te o amor que deves a Jesus Cristo e que Ele deseja só para Si, responde-lhes como St.^a Inês: «Longe de mim, pasto da morte; Jesus, meu Deus e meu Esposo, é o meu primeiro amor e conquistou já o meu coração! No meu coração não há lugar para ti» (Off. 21 Jan.).

A fim de gravares na tua memória, minha filha, o que te estou a dizer, não te esqueças das palavras que vais pronun-

ciar ao tomar o sagrado véu, o qual simboliza o cuidado que deves ter em occultar-te aos olhos do mundo, para que não dês lugar em teu coração a outro amor, nem a outro amado que não seja Jesus Cristo: «Pus um sinal na minha fronte, dirás então, para que, fora d'Ele, eu não admita outro amante» (Off. 21 Jan.). É por esta mesma razão que mudarás de vestido e de nome. De vestido, despojando-te dos atavios do século, para cingir o austero hábito de religiosa com o fim de te despojares de todas as vaidades mundanas e apegos terrenos. Mudarás também de nome para que o mundo te esqueça e tu, morta para ele, vivas de tal forma separada dele que ninguém se lembre de que vives na terra.

A segunda coisa que Jesus Cristo te pede é que leves com resignação a cruz que colocou sobre os teus ombros. A tua cruz será a observância fiel da Regra e a obediência à Superiora do mosteiro. A religiosa que não observa fielmente a Regra da Comunidade e não se submete aos preceitos da Superiora é impossível que seja uma boa religiosa. Outra cruz que terás de carregar é suportar com paciência e alegria: todas as contrariedades que so-

brevenham, as mortificações e as humilhações que caíam sobre ti. Quem não abraçar as humilhações, dá provas claras de que não é humilde, e quem não se humilha não se santificará e corre grande perigo de se condenar. De resto, não se chega ao Céu senão pelo caminho da cruz e da paciência em suportá-la. E Deus, às almas que deseja erguer à mais alta santidade, levanta por toda a parte cruces que as aflijam para assim se tornarem Suas verdadeiras esposas.

Quando tomares o santo hábito, recomendo-te que renoves todos os dias a promessa que fizeste de ser fiel a Jesus Cristo, pois, amor e fidelidade são as primeiras qualidades de uma esposa. Por isso, receberás o anel, símbolo da fidelidade com que deves guardar o amor a Jesus Cristo. Contudo, para seres fiel, não te fies só na tua promessa, é preciso que peças sem cessar a Jesus Cristo e a Sua Santíssima Mãe a graça da santa perseverança. Procura alimentar em teu coração uma ilimitada confiança na intercessão de Maria, que se chama e é a Mãe da Perseverança.

E quando perceberes que o amor divino arrefece no teu peito, enquanto as criaturas procuram atrair-te com o seu falso

amor, traz à tua memória isto que te vou dizer: a fim de que não caias na tibieza e não ponhas o teu affecto nas coisas da terra, exorta-te a ti mesma assim: «para que abandonei eu o mundo, a minha casa e os meus? Para me condenar?»

Estes mesmos pensamentos davam novos alentos a S. Bernardo para caminhar com mais afinco pela senda da perfeição. Quando sentia esfriar em si o amor divino exclamava: «Bernardo, por que abandonaste o mundo e entraste num mosteiro? Para te santificares! E agora em que pensas, se não é nisto que pensas?» Desta forma conseguiu viver e morrer como santo. Se assim fizeres, minha filha, espero que chegarás à santidade e, entre tantas virgens que reinam no Céu, te verei a ti em sua companhia, também como rainha daquele Reino bendito.

É tempo de terminar estas palavras e assim parece que me ordena o teu Santo Esposo, que anseia por que transponhas os umbrais de Sua casa.

Contemplei-O, disposto a receber-te com grande júbilo e alegria. Escuta a Sua voz e sentirás com quanto affecto te chama para que entres depressa em Seu real palácio, pois, em régia morada se há-de

transformar para ti este mosteiro. Ávante, pois, entra com inteira confiança porque o acolhimento que esta manhã te prepara o teu Esposo, recebendo-te em Sua Casa, é como o reflexo daquele que te prepara na hora da morte, quando te receber no Reino eterno da glória.

II

Conferência proferida na tomada de hábito de duas jovens

Quando alguém pensa em se casar, a mais elementar prudência exige que, antes de tudo, se conheça bem a pessoa à qual se vai unir por um laço indissolúvel. A esposa deve conhecer os dotes e as qualidades que adornam o marido e este as que brilham na esposa.

Deixar-se conduzir pela paixão, que ofusca e extravia a razão, em negócio de tanta importância, tomando assim uma resolução sem reflectir maduramente, sempre foi origem das piores consequências.

Olhai para estas virgens que resolveram consagrar-se a Jesus Cristo e ser Suas esposas. Vestindo hoje o hábito religioso estão resolvidas a celebrar as suas bodas

com o Cordeiro de Deus no fim do seu noviciado, que não é mais do que um ano de preparação para serem mais e mais confirmadas na resolução já tomada, e melhor se disporem a cumprir, em seu devido tempo, os santos desposórios, quer dizer, a união, que será consumada depois da morte ao entrarem triunfantes no céu. Então, o Esposo e a esposa serão um só em espírito.

Haverá algo mais importante e necessário neste momento para vós, amadas filhas, do que conhecer a condição e as qualidades do Esposo com o qual ides contrair tão inefáveis desposórios? Com que afã e santa curiosidade esperais saber se Aquele a quem amais, se o Esposo que elegestes possui todos os títulos que vós desejais e que vos levarão a permanecer constantes e fiéis em vossos propósitos!

Foi Ele quem vos animou e elegeu, como disse S. Paulo (Ef. 1,4), antes da criação do mundo. Desde toda a Eternidade se deteve a reparar em vós e, sem atender às vossas imperfeições e apesar de desfiguradas e privadas da Sua graça pelo pecado de Adão, teve compaixão de vós, amou-vos e pediu-vos o vosso amor. «No dia do teu nascimento — disse o Senhor

pela voz de Ezequiel — compadeci-me de ti, vi-te e te disse: Este é o teu tempo, tempo dos que se amam» (Ezeq. 16,4,8). Dignou-se chamar-vos para vos colocar entre as suas amadas esposas, não pelos vossos méritos, mas levado pelo entranhado amor que vos tem.

Resta, pois, saber que títulos tem Ele para que O escolhais para Esposo. Entre outras, possui três grandes qualidades que se desejam em qualquer esposo: É atraente e amável, possui riquezas e a sua conduta actual dá garantias da sua fidelidade à esposa, no futuro. Vou, portanto, dizer-vos a ambas, para vossa consolação, que Aquele a quem amais «é formoso, é rico, é fiel».

1.º — *Da beleza de Jesus*

Ninguém melhor do que a Esposa dos Cantares, tão familiar ao Divino Esposo e a Ele tão intimamente unida, poderá dizer-nos quão amável, belo e gracioso Ele é. Quando as filhas de Jerusalém, ansiosas por O conhecerem, perguntaram à Santa Esposa quem era o seu Amado, ela respondeu com presteza e amor: «O meu amado é escolhido entre mil, (Cant. 5,10); a sua beleza sobrepuja toda a beleza; lou-

ros são os seus cabelos e brilhantes como o ouro puríssimo. O Seu rosto é branco e rosado como o lírio...» E assim prossegue ela, empregando as mais sedutoras imagens e os símbolos mais encantadores para descrever a majestade e a beleza do Divino Esposo, até que, não encontrando mais para dizer, termina com estas palavras: Todo Ele é invejável, tal é o meu Amado. Ele é o mais perfeito e formoso entre os filhos dos homens (Salm. 44,3) e suplanta-os a todos por sua beleza; é tão perfeito que possui todas as perfeições; em formosura ninguém se lhe compara. Quando nos fita, brilha em Seus olhos uma centelha da Sua oculta divindade e um só dos Seus olhares basta para conquistar os corações e inflamá-los de amor. Ao falar, é como se os Seus lábios destilhassem leite e mel, e a Sua voz é tão doce e melodiosa que uma só das Suas palavras basta para comover os corações com celestiais consolos. Com um gesto da Sua mão atrai a si inumeráveis povos, e basta que dê um passo para abrandar os corações mais duros. «Sob qualquer aspecto que se contemple, disse Santo Agostinho, seja como o Verbo Eterno no seio do Pai, seja como o homem nos braços da Sua

augusta Mãe, na Sua vida oculta, ou na Sua vida pública, sempre se nos apresenta adorável e perfeito».

Sim, este Deus que se fez vosso Esposo é formoso com todo o género de formosura, por todas as causas que concorreram e revestiram a Sua natureza humana. É formoso em virtde da *causa eficiente* que é o Espírito Santo, que O formou no seio de Maria. Tendo este divino agente um poder infinito, as Suas obras têm que ser perfeitas e acabadas ao sairem de Suas mãos, como realmente saiu a santíssima humanidade que o Verbo havia de tomar. Quem poderá enumerar as perfeições com que a enriqueceu o Seu autor? O Senhor formou com Suas próprias mãos o corpo de Adão e formou-o mais belo e perfeito que todos os outros, porque estava destinado a ser o templo de uma alma criada à imagem e semelhança de Deus. Que dizer então da humanidade deste segundo Adão, que deveria unir-se indissolúvel e hipostaticamente à divindade do Verbo? Não deveria então o Espírito Santo encerrar, como numa síntese, todas as perfeições de todas as criaturas, unindo em Cristo, em grau supremo, tudo o que nelas há-de belo e perfeito?

É formoso em virtude da *causa formal*, que foi a Sua alma e devia unir-se ao Verbo e animar o Seu corpo perfeito. Esta alma, como nos ensina S. Jerónimo, devia fazer brilhar ao semblante do Redentor o encanto de todas as virtudes e da divindade, oculta aos olhos dos homens. Quem poderá assim descrever a beleza e expressão do Seu divino rosto?! Por isso a mística Esposa, arrebatada de admiração, exclama: «Tu sim, meu Amado, és formoso e belo» (Cant. 1,15). Chama-lhe duas vezes belo por ser formoso como homem e belo como Deus.

É formoso em virtude da *causa ideal* porque, ao formá-lo, o Espírito Santo tinha presente o modelo de toda a perfeição, que é o mesmo Verbo do Pai, para pôr em Cristo uma formosura que sobrepuja toda a beleza criada e toda aquela que Deus havia derramado sobre as criaturas: no sol, nas estrelas, nos céus, em todos os elementos, nas aves e nas flores, com o fim de nos dar alguma ideia das belezas invisíveis da Sua divindade, por meio das coisas visíveis. Deus depositou em cada uma das criaturas, que saiu das Suas mãos, uma centelha da Sua infinita beleza e o Espírito Santo devia reunir, e como que

concentrar, na humanidade do Verbo, toda a beleza das criaturas. De sorte que o vosso Esposo celeste, amadas filhas, nos faz conhecer melhor a beleza do Criador do que todas as criaturas juntas.

É extraordinariamente belo, em virtude da *causa final*. Com efeito, Ele vinha ao mundo para ser o fim de todos os homens e, por conseguinte, para lhes comunicar a Sua infinita perfeição. Como, portanto, não devia ser a Sua incomparável beleza? Vinha para conquistar para o Seu Amor os corações das Suas criaturas, para eclipsar tudo o que nos agrada e seduz neste mundo, para ser objecto de todos os nossos affectos, para ganhar as nossas almas e ganhá-las para a Virtude, para nos alentar nos trabalhos e sofrimentos desta vida. Numa palavra: para ser o prémio daqueles que O seguem. Para conseguir tudo isto, quanta beleza manifestou, que majestade, que suavidade, que bondade, que doçura nas Suas palavras, que afabilidade no seu trato, que encanto em todos os seus gestos!

Oh! Que formoso é! E não perdeu a Sua beleza nem quando os Seus inimigos Lhe vendaram os olhos, invejosos da Sua formosura, nem quando ficou desfigurado na

Sua Paixão, nem quando O pregaram na Cruz, aparecendo aos olhos de todos como «Homem das dores» e de aspecto repugnante. Através das Suas chagas descobri-nos os encantos do Seu amor, a sua beleza e generosidade que O levou a padecer por nós. De sorte que, como diz St.º Agostinho nos transportes do seu amor, Jesus, mesmo cravado na cruz, era formoso, apesar da Sua beleza estar obscurcida e velada pelo sangue e pelas chagas.

Imaginai por isso quão maravilhosa é a beleza do vosso divino Esposo. Sendo Ele assim tão belo e adorável não vos deveis sentir felizes e ditosas ao considerar que vos escolheu para esposas Suas? Com que determinação não deveis afastar o vosso olhar das criaturas para só a Ele contemplar? Com que resolução não deveis arrancar dos vossos corações o amor às coisas terrenas, por atraentes que sejam, para vos oferecerdes inteiramente a Ele? O Apóstolo S. Paulo, depois de ter contemplado a beleza de Jesus Cristo, quando lhe apareceu no caminho de Damasco, não teve mais coração para outro amor, nem olhos para se prenderem às coisas terrenas. Todos os encantos, a magnificiência da Criação—que até ali podiam prender o seu

olhar e ganhar-lhe o coração — pareciam-lhe depois, não só indignos de prender a sua atenção, mas até causa de aborrecimento, como míseras escórias. A visão de Jesus Cristo, que absorveu todos os seus affectos, encheu o seu coração de um total desprendimento. E S. Francisco de Assis nos seus admiráveis êxtases, contemplando a beleza do seu Amado, só sabia exclamar: «O amor de Jesus Cristo desprende-me de tudo; as criaturas não têm atractivos para mim, nem os anjos, nem os arcanjos podem satisfazer os anseios do meu coração; quando contemplo o rosto resplandescente do meu Amado, os raios do sol parecem-me trevas». Sendo Jesus assim tão belo, e tendo-O já escolhido por Esposo, podereis vós, minhas filhas, abrir o vosso coração ao amor das criaturas? Podereis ainda julgá-las dignas do vosso apreço?

Quando Santa Teresa de Jesus teve a ventura de ver a mão deste Esposo divino, ainda que atada à coluna e ferida pelas cordas apertadas, foi transportada e ficou fora de si ao contemplar tão grande beleza, e, daí em diante, pareceu-lhe impossível prender-se às criaturas e não avaliar as coisas deste mundo pelo que elas ape-

nas são: lixo e nada. E ainda que todas as belezas criadas se juntassem 'a outras imagináveis para formar uma só beleza, não se dignaria deter-se a olhar essa maravilha: tão grande admiração e pasmo lhe havia causado a vista da mão do Salgador.

Ó Esposas amadas do Filho de Deus! Procurai também alimentar em vossos corações os mesmos sentimentos para com o vosso celestial Esposo. Deveis não só renunciar a qualquer amor terreno, como também a deter os olhos em qualquer beleza inferior, que não seja a do vosso amado Esposo.

Diz-se dos discípulos de Pitágoras que, depois de terem contemplado a luz do sol, que eles olhavam como ao seu deus, acabavam por arrancar os olhos para os não profanarem com a vista de outros objectos. A incomparável beleza do vosso Esposo não acabará por vos obrigar a fechar os olhos, para que não volteis a olhar, ainda que de relance, os frágeis e mesquinhos encantos das criaturas?

2.º — *Da riqueza de Jesus Cristo*

Consideremos agora se o vosso Esposo, à majestade e formosura da Sua Pessoa,

une a vantagem das riquezas e se desta forma se torna credor da vossa eleição.

Assim como em Sua dolorosa Paixão se apresenta sem perder a Sua beleza, apesar-de desfigurado como um leproso, assim também sob o manto da pobreza oculta uma grande riqueza. É legítimo herdeiro do Pai Eterno que lhe dá por herança todas as coisas, como afirmou S. Paulo. É herdeiro de tudo quanto Seu Pai possui, de todos os Seus haveres, de todas as Suas riquezas, de todos os tesouros que é possível extrair da inesgotável mina da onipotência e da ciência infinitas de Deus. «Nele estão encerrados todos os tesouros de sabedoria e de ciência» (Col. 2,3). Seu Pai celeste pôs em Suas mãos todos os tesouros, todas as riquezas, nada reservou para si, deu-Lhe tudo, pondo este imenso cúmulo à Sua disposição, como disse S. João: O Pai Lhe entregou todas as coisas (João 13,3). Por conseguinte, tudo Lhe pertence. E, vede que não só é rico e tem tudo à Sua disposição, mas Ele próprio é o tesouro, a mina, a fonte de todo o bem que encerra a divindade, de forma que dEle procedem todas as riquezas, a ponto de ficarmos pobres e miseráveis se

não recorremos a Ele. Este é o riquíssimo Senhor que escolheste para Esposo.

E é preciso não esquecer que estas riquezas, ainda que distribuidas às mãos cheias não diminuem nem acabam, como se acabam e diminuem os tesouros da terra. E também Ele, não as tem ocultas e sepultadas, como fazem os mundanos, os quais, são mais escravos do que senhores das suas riquezas. Os esposos do mundo guardam a chave dos seus tesouros e, por vezes, sujeitam à fome e a mil necessidades a mulher e a família. Infeliz daquela que se atreve a pedir ou tomar secretamente uma parte, para atender às suas necessidades!

O divino Esposo, pelo contrário, é o dono verdadeiro dos Seus bens, mas, ao mesmo tempo, é generoso e liberal, compraz-se em que a Sua esposa seja dona de tudo, e por isso abre-lhe as portas dos Seus tesouros. E quanto mais ela deseja, mais Ele está disposto a conceder-lhe. E à medida que ela mais quer tomar, mais Ele abre as Suas mãos. E conforme conhece que a esposa ambiciona mais dons e riquezas, mais lhe prodigaliza os Seus favores, feliz por ter ocasião de lhos dar sem peso nem medida.

Ouvi como a Esposa dos Cantares, sabendo por experiência como Ele é generoso e pródigo em conceder mercês, nos descreve as mãos do Seu Esposo: «As suas mãos de ouro e bem modeladas, cheias de jacintos» (Cant. 5,14); carregadas de pedras preciosas e de ricos tesouros. A mão para ser perfeita não deve ser redonda, mas comprida: «Sejam compridos os seus dedos, disse o poeta, seja a mão também comprida». Se o divino Esposo é perfeito em todos os seus membros, como seria possível que as Suas mãos não fossem finas e longas? E se fossem largas como poderiam ter graciosidade? Como poderão encerrar os tesouros, que guardam? Pois, precisamente nisto consiste a perfeição da Sua forma: são redondas e ao mesmo tempo perfeitas, porque nada neste Esposo admirável é imperfeito. São redondas para nos mostrar que estão sempre abertas e jamais fechadas, porque sendo redondas, têm que estar sempre abertas para derramar os Seus tesouros.

A forma que mais se presta ao movimento é a redonda; um corpo esférico colocado numa superfície lisa está sempre em movimento: Assim, é como se o divino Esposo tivesse as mãos redondas, sem-

pre dispostas a dar, e sem as poder fechar a quem deseja receber os Seus benefícios e dons.

Tal é o Esposo que haveis escolhido. Todas as Suas riquezas são vossas; todos os Seus tesouros estão à vossa disposição. Ele não saberá recusar-vos nada. «Todas as Suas coisas são vossas — disse o Apóstolo — e vós sois de Cristo» (1 Cor. 3,22). Já que vos resolvestes a ser de Cristo e a Ele vos unirdes com o estreito vínculo de esposas, é vosso tudo quanto o celeste Esposo possui; são vossas as Suas riquezas, e vossos todos os Seus tesouros.

Mas, se é tão rico porque se revelou tão pobre neste mundo? Pobre e nu nasceu num estábulo; pobre e nu morreu na cruz. Quis que as Suas Esposas sejam pobres também, por quê? Fez-se pobre para enriquecer as Suas esposas, mas também deseja que elas sejam pobres, para poderem possuir todas as Suas riquezas. «Bem sabeis — disse S. Paulo — qual foi a liberalidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual, sendo rico se fez pobre por vossa causa, a fim de que vós fôsseis ricos por meio da sua pobreza» (2.^a Cor. 7,9).

É necessário que chegueis a compreender esta verdade, sem vos deixardes en-

ganar pela vã e passageira voz do mundo. Neste momento deveis compreender como é grande a mercê que vos fez Jesus Cristo, o qual, gozando de todas as riquezas no seio de Seu Pai, apareceu no mundo vestido com o manto de pobreza para distribuir convosco as Suas riquezas. E se manifestou o desejo de que, como Suas Esposas, vos assemelheis a Ele no estado de pobreza — que tomais por vossa própria eleição — é para vos enriquecer com todos os seus tesouros, dos quais se privou para vosso bem.

Se quereis fazer uma ideia real da grandeza deste favor, considerai o cúmulo de benefícios que vos dispensou desde o próprio momento em que, abandonando o mundo, vestistes esse humilde hábito. Ó que ricas e bem ataviadas deveis assim aparecer aos olhos do Pai Eterno e de Seus Santos Anjos! Despojastes-vos dos luxuosos vestidos do século e renunciastes a quanto possuís e podeis vir a possuir, e o vosso divino Esposo, ao vestir-vos o hábito religioso, revestiu, não o vosso corpo, mas a vossa alma com vestes preciosas: «Eu te vesti com roupas de várias cores» disse o Senhor pela boca de Ezequiel. Ele revestiu a vossa alma com o traje nupcial,

tecido pelas Suas mãos, isto é, com as Sua divina graça. «Eu te dei a faixa de fino linho». Recebestes um cinto de tosco fio, porém, Ele deu-vos o cinto da pureza que é o mais precioso adorno entre os anjos. «Dei-te calçado de jacinto». Calçastes os vossos pés com pobres sandálias e Ele deu-vos calçado forte e rico para caminhardes alegres e felizes pela senda da virtude, levantando os vossos pensamentos acima de tudo o que é criado. «Coloquei um colar ao redor do teu pescoço». Vós agora cobris-vos com uma humilde touca, enquanto Ele vos adorna com um colar de pérolas magníficas, que são os méritos que haveis de entesourar pela santa obediência. «E estendi sobre ti a ponta do meu manto» (Ezeq. 16,8,12). Cobris o vosso corpo com um manto real do Seu amor, pondo-se à vossa disposição. Dizei-me: os esposos do mundo dão assim os seus tesouros e riquezas para vestir e adornar as suas esposas? Tal é o divino Esposo: é rico e dá sem medida e prodigaliza com amor. Será preciso ainda mover-vos com exortações, conselhos e mil argumentos para que O escolhais por Esposo? Antes, não abandonareis tudo com prazer e até com alegria para disfrutardes de Suas ri-

quezas, para gozar dos Seus tesouros? E não dareis mil acções de graças ao Senhor por vos ter chamado a tomar este estado, no qual, renunciando aos bens deste mundo, bens sempre mesquinhos, ainda que fossem reinos e impérios, estais dispostas a unir-vos a um Esposo tão rico e tão pródigo de Seus tesouros?

3.º — *Fidelidade de Jesus Cristo*

E, dir-me-eis vós: como poderei estar contente por escolher um Esposo tão amável por Suas qualidades e tão elevado por suas riquezas, se me não há-de ser fiel; se me há-de abandonar, afastar-se de mim, voltando-me as costas, como vejo e me dizem que o faz frequentemente às suas esposas mais amadas, deixando-as entregues às mais dolorosas provas interiores? Isto é na verdade, o que se vê e adverte através das queixas que exala a esposa dos Cânticos; diz ela: «Darei voltas por toda a cidade e buscarei pelas ruas e praças o Amado da minha alma». «Busquei-O e não O encontrei» (Cant. 3,2). A esposa procura-O com extrema solicitude, com ansiedade e amor e, contudo,

o divino Esposo parece insensível às suas angústias e dores.

É certo que, às vezes, procede desta forma, mas, é para provar a fidelidade da esposa; esconde-se, parece fugir, para conhecer até que ponto pode contar com a sua fidelidade. Parece deixá-la abandonada ao acaso em poder dos inimigos que a atormentam; mas, é nesta ocasião quando mais a ama e mais do que nunca lhe é leal, não permitindo que ela seja tentada acima das suas forças, como disse S. Paulo (I Cor. 10,13), mas ainda das mesmas tentações lhe fará tirar proveito. Quanto mais liberdade aparenta conceder aos seus inimigos para a atormentarem, mais se une a ela e a defende, fazendo-a acumular mais méritos e dando-lhe ocasião de ganhar mais trofeus ao conseguir outras tantas vitórias.

Demais, Jesus Cristo promete fidelidade e não pode faltar à Sua palavra. A todas as almas que se consagram a Ele lhes disse: Escolhi-te por esposa minha e tu consentiste em entregar-me o teu coração, «fiz um juramento e fiz contigo um pacto (Ezeq. 16,8) e te desposarei comigo para sempre», a minha fidelidade será firme a toda a prova (Os. 2,19). Às vezes, a

esposa é infiel e abandona o seu Esposo divino; mas, jamais acontecerá que Ele seja o primeiro a abandonar a sua esposa e a faltar à Sua fidelidade. «Ele não abandona, disse o Concílio de Trento, se não é antes abandonado» (Sess. 6, c. 11). O que pode suceder, porém, e algumas vezes acontece, é que, quando este fidelíssimo Esposo é abandonado e menosprezado por uma esposa infiel, vai então em seu seguimento, exortando-a e convidando-a a regressar a Ele com novas promessas e afagos. Quando os esposos do mundo se vêm abandonados por suas mulheres, longe de irem buscá-las para se reconciliarem com elas, antes as detestam para sempre e as repudiam. O divino Esposo procede de outro modo: levado pelos extremos do Seu amor, esforça-se por reconquistar o coração daquela que O abandonou, chama-a, exorta-a, convida-a, promete, supplica, a fim de que se digne corresponder ao seu carinho nunca desmentido.

Esta verdade pode confirmar-se com o exemplo da Sinagoga, que, de esposa amada do Senhor, caiu em adultério, abandonando Deus para se entregar à idolatria.

É certo que um Esposo tão amável se

vê às vezes menosprezado, tem esposas que elegeu entre mil com tanta bondade, cumulando-as de favores tão assinalados, e que, por se prenderem a uma mísera criatura, O enganam e O abandonam. Sim, há no mundo esposas de Jesus Cristo que põem a sua afeição em vãos objectos, contudo, e como disse Santa Teresa, deveriam sentir angústias de morte ao ver que Jesus não é amado por todos os homens e que é menosprezado por tantos infelizes que O não julgam digno do seu amor.

Tal é a fidelidade do divino Esposo; em troca, poderá haver neste santuário de piedade alguma das Suas esposas que, depois de haver concentrado n'Ele todos os seus amores, ponha ainda o seu coração, os seus olhares e desejos em algum objecto criado? Este Esposo infinitamente belo, magnífico e amável, não encontrará um cantinho no vosso coração? Tão cheio estará ele de affectos terrenos? E, pelo contrário, todas as coisas criadas não deveriam parecer a vossos olhos mais insignificantes que o lixo, comparadas com o Seu amor?

É rico, é a própria riqueza, a riqueza eterna e, para vos enriquecer, se fez pobre. Haverá alguma esposa Sua que não se tenha por feliz ao considerar que dei-

xou tudo por seu amor, podendo dizer com verdade: O meu Esposo é todo o meu tesouro, que em Si encerra toda a sorte de riquezas!?

Ele é fiel e desagradá-Lhe que vós, suas amadas esposas, chegueis a pôr os vossos olhares e os vossos pensamentos em um objecto menos digno de estima que Ele. Este é o Esposo, amadas filhas, que escolhestes. Neste ano de noviciado, durante o qual deveis preparar-vos para combinar com Ele as vossas núpcias, exorto-vos a não perderdes de vista as qualidades deste celestial Esposo, ao qual vos hão-de unir laços indissolúveis, e, pensando em Sua majestade e grandeza, não vos canseis de vos felicitardes a vós próprias pela resolução que tomastes de menosprezar todas as demais coisas como indignas do vosso amor, comparadas com tão grande Bem. Esforçai-vos também por adquirir o tesouro das virtudes que são o ornamento que esses desposórios exigem, sobretudo um amor fervoroso, desinteressado e inalterável a um Esposo tão belo, tão rico e tão fiel. Não vos canseis de dizer com Santa Inês: «Só a Ele quero amar, a Ele me entrego inteiramente, prometo-Lhe eterna fidelidade e amor eterno».

CAPÍTULO SEXTO

CARTA DE SANTO AFONSO AOS NOVIÇOS DA SUA CONGREGAÇÃO, FALANDO-LHES DO APREÇO EM QUE DEVEM TER A SUA VOCAÇÃO E DOS MEIOS QUE DEVEM EMPREGAR PARA A CONSERVAREM.

Vivam Jesus, Maria, José e Teresa!

Nocera de Pagani, 28 de Janeiro de 1762

Irmãos meus amadíssimos: só Deus sabe quanto invejo a vossa sorte! Oxalá que eu tivesse a ventura de me haver recolhido desde a minha juventude, na Casa de Deus, vivendo em companhia de tão bons irmãos, que uns aos outros se estimulam para amar a Deus de todo o seu coração, longe deste mundo pérfido, onde tantos se perdem!

Invejo-vos, pois, e exorto-vos a dardes muitas graças a Deus pela mercê que vos dispensou de abandonardes o mundo pelo Seu amor.

Estas são mercês que nem a todos são concedidas. Quantos amigos e companheiros vossos vivem agora nas vossas terras

dissipados, inquietos, cercados de mil perigos e talvez bem longe de Deus! Porque, certamente podeis advertir como é difícil à juventude, no meio do mundo, não cair na escravidão do demônio.

Porém, vós, velai e vigiai, porque o inimigo não se cansa de inventar meios para vos fazer perder a vocação. Se, neste intento, lograr êxito, dá tudo por bem empregado.

Deveis estar todos convencidos de que sereis provados e tentados com toda a sorte de tentações. Nessas ocasiões não vos detenhais a discutir com a tentação. Não vos fica outro recurso senão o de recorrer a Deus dizendo: Senhor! entreguei-me a Vós, não quero jamais abandonar-Vos; embora todos Vos abandonem eu nunca Vos deixarei.

Recorrei de modo especial a Maria Santíssima, que se chama a Mãe da Perseverança. Aquele que, em todos os seus combates recorre à Santíssima Virgem, jamais perderá a sua vocação.

Tende como certo que quem morre na Congregação, não só se salvará, como também se salvará como santo, e ocupará no céu um grande trono de glória.

Uni-vos, pois, mais e mais em cada dia a Jesus Cristo com os doces laços do amor. O amor é a cadeia de ouro que estreita as almas com Deus, unindo-as com tão apertado laço, que já não podem separar-se d'Ele. Por isso vos recomendo que façais sempre actos de amor na meditação, na comunhão, na visita ao Santíssimo Sacramento, na leitura espiritual, na vossa cela, no refeitório, no vosso passeio. Numa palavra: em todos os lugares e em todos os tempos.

Quem ama verdadeiramente Jesus Cristo não teme perdê-lo e por seu amor se abraça generosamente com todo o género de trabalhos, desprezos e privações. O que não caminha por esta senda, facilmente perderá a vocação, que é a maior infelicidade que vos pode acontecer. Por isso peço a Deus que vos envie a morte antes que percais a vossa vocação pois tamanha desventura seria fonte e origem de muitas desgraças.

Sabei que, se perdésseis a vocação e regressásseis ao mundo, fazendo-vos surdos à voz de Deus, faltar-vos-ia a coragem para rezar porque assim a vossa consciência vos recordará continuamente a vossa infidelidade. De forma que, abando-

nando a oração, o que 'é fácil, e embrenha-dos de novo no mundo, rodeados de maus amigos, cercados de más ocasiões e privados das graças do Senhor — que delas costuma privar os que são infiéis ao seu chamamento — que será de vós durante toda a eternidade?

E ainda que lográsseis salvar-vos, o que me parece muito difícil, perdereis contudo aquela formosa coroa que o Senhor vos tinha preparado por haverdes sido fiéis à vocação. E tende como certo que, neste mundo, jamais tereis uma vida feliz, mas sim cheia de inquietações e completamente perturbada pelos remorsos de ter abandonado a Deus para seguir os vossos passageiros caprichos. Por isso repito-vos que peço à Divina Majestade que antes vos envie a morte do que permita tão grande desgraça.

Avante, pois! Abençoo-vos em nome da Santíssima Trindade e especialmente em nome de Jesus Cristo que, com a Sua morte, vos conquistou a suma e inapreciável graça da vocação.

Abençoo-vos também em nome de Maria Santíssima a fim de que vos alcance a santa perseverança. Suplico-vos que ameis com entranhado amor a Mãe de Deus e

que A chameis sempre em vosso socorro, se desejais fazer-vos santos.

Ânimo e alegria! Sede santos e amai a Jesus Cristo que, por amor de cada um de vós, deu o seu sangue e a sua vida.

Fazei-vos santos e rogai a Deus por mim, pobre velho, que, ao aproximar-me da morte me vejo sem nada ter feito por Deus; procurai vós ao menos amá-lo por mim. Espero, antes de morrer ver-vos e abraçar-vos a todos, depois de vos terdes unido a Jesus Cristo pelo vínculo dos santos votos.

Todos os dias, e muitas vezes ao dia vos encomendo ao Senhor. Fazei vós o mesmo por mim.

Abraço-vos no Coração de Jesus e mais uma vez vos abençoo.

Vivam Jesus, Maria, José e Teresa!

Se algum de vós se sentir molestado por alguma tentação contra a vocação — falo de tentações permanentes não passageiras — rogo-lhe que me escreva logo e não tome qualquer resolução antes de receber a minha resposta: depois, faça o que bem lhe parecer.



ÍNDICE

	PÁGS.
Introdução	5
CAPÍTULO I. — Avisos sobre a vocação religiosa	9
I. — Quanto importa seguir a vocação para a vida religiosa	11
II. — Meios para conservar a vocação	22
1.º Do segredo	23
2.º Da oração	31
3.º Do recolhimento	33
III. — Das disposições para entrar em religião	34
1.º Desprendimento das comodidades da vida	39
2.º Desprendimento dos parentes	41
3.º Desprendimento da estima própria	45
4.º Desprendimento da vontade própria	50
IV. — Das provas próprias da vida religiosa	55
1.º O recurso à oração	56
2.º Abrir a consciência aos Superiores	58
CAPÍTULO II. — Considerações que aproveitarão a quem for chamado para o estado religioso	
Cons. I. — Como se assegura no estado religioso a salvação eterna da alma	64

Cons. II. — Morte feliz dos religiosos .	68
Cons. III. — Contas que terá de prestar no dia do juízo aquele que não obedece à sua vocação	74
Cons. IV. — Tormentos que sofrerá no inferno quem se condenar por ter perdido a vocação	78
Cons. V. — A glória incomparável que os religiosos gozam no céu	81
Cons. VI. — Da paz que Deus dá a gozar aos bons religiosos	87
Cons. VII. — O dano que a tibieza causa nos bons religiosos	92
Cons. VIII. — Como é agradável a Deus uma alma que se entrega sem reserva	97
Cons. IX. — Para atingir a santidade é mister desejo ardente de ser santo .	102
Cons. X. — Do amor que devemos ter a Jesus Cristo para corresponder ao amor que Ele nos mostrou	106
Cons. XI. — Da grande ventura que têm os religiosos de habitar com Jesus Sacramentado	112
Cons. XII. — De como a vida dos religiosos se assemelha mais à vida de Jesus Cristo	116

Cons. XIII. — Do zelo da salvação das almas que devem ter os religiosos . . .	120
Cons. XIV. — Da grande necessidade que tem o religioso da mansidão e da humildade	125
Cons. XV. — Da confiança que os re- ligiosos devem ter no patrocínio de Nossa Senhora	130
CAPÍTULO III. — Conselhos aos noviços para os ajudar a perseverar na sua vo- cação	134
I. — Tentações mais comuns nos no- viços	135
1.º A ternura dos pais	136
2.º O temor de perder a saúde	144
3.º Os incómodos da vida em comu- nidade	145
4.º A desolação de espírito	147
5.º Dúvidas sobre a vocação	151
6.º No mundo era mais piedoso	152
7.º No mundo poderia ganhar mais almas para Deus	155
8.º Não estou chamado à vida activa	158
II. — Meios de conservar a vocação	160
III. — Oferecimento e oração, que o no- viço fará com frequência para alcan- çar a perseverança na vocação	166
IV. — Recomendações ao noviço para conservar o fervor	168

	PÁGS.
CAPÍTULO IV. — I. Carta a um jovem estudioso, que anda preocupado com a eleição de estado	171
II. — Resposta a um jovem que pede conselho acerca do estado que há-de escolher	195
III. — Carta a uma jovem que vacila acerca do estado que há-de escolher	206
CAPÍTULO V. — I. Conferência familiar proferida na tomada de hábito duma jovem	217
II. — Conferência proferida na tomada de hábito de duas jovens	229
CAPÍTULO VI. — Carta aos noviços	250

